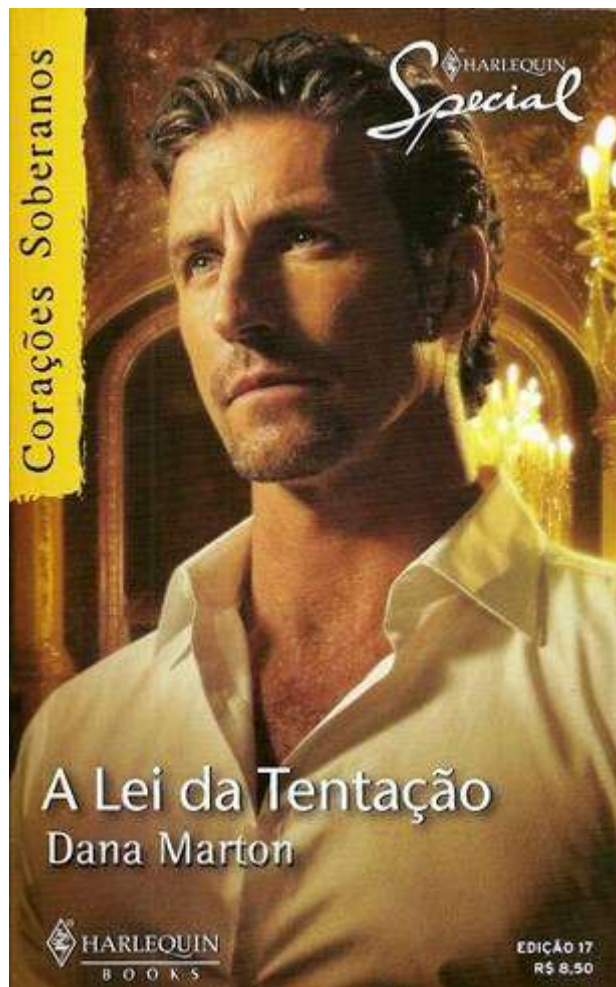




A Lei da Tentação

Royal Protocol

Danna Marton



Ela iria realizar o desejo de um príncipe...

A cantora lírica Rayne Willians sempre fora a paixão do príncipe Benedek. Ainda que pelo protocolo real, ela lhe fosse proibida, ele restaurou todo o teatro de seu país, a Ópera Real de Valtria, e será seu maior prêmio se se embevecer com sua voz. Mas uma ameaça paira sobre seu reino... Na noite da inauguração Benedek terá de lutar contra rebeldes que pretendem depor a monarquia destruindo seu teatro e tomando Rayne como refém! Ele jamais desistirá de seu país... nem da mulher amada!

Digitalização e Revisão:
Crysty





Tradução Angela Vianna

**HARLEQUIN
B O O K S
2010**

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES H.B.V./ S.à.r.l.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: ROYAL PROTOCOL
Copyright © 2009 by Dana Marton
Originalmente publicado em 2009 por Harlequin Intrigue
Arte-final de capa: núcleo i designers associados

Editoração Eletrônica:
ABREU'S SYSTEM
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037
Impressão:
RR DONNELLEY
Tel.: (55 XX 11) 2148-3500
www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o
DISKBANCAS: (55 XX11) 2195-3186/2195-3185/2195-3182
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capítulo Um

Benedek Kerkay, o mais jovem dentre os príncipes de Valtria, tentou se concentrar no que estava escrito no papel, mas tudo o que conseguia ver era o rosto da mulher mais bela do mundo, da mulher que o mantivera prisioneiro de seu fascínio durante anos e que jamais lhe pertenceria.

— Os manifestantes estão se reunindo no Liberation Square, Alteza — disse, inquieto, o secretário parado na porta do escritório temporário do Teatro da Ópera Real.

Benedek afastou suas lembranças, esqueceu o discurso que deveria estar decorando para a reabertura do teatro da ópera, construído 300 anos antes, e cuja restauração fora o projeto mais importante de sua carreira como arquiteto, e ficou tenso ao ouvir as palavras do secretário.

— Não. É impossível.

Morin se empertigou solenemente. Ele era um estranho homenzinho, cuja extrema lealdade era admirada no palácio, numa época em que lealdade se tornara algo raro. Pelo que Benedek se recordava, ele sempre estivera a serviço da família Kerkay, e renunciara à vida pessoal para se dedicar ao trabalho, embora de vez em quando surgissem alguns rumores sobre ele e a governanta da ala leste do palácio. Morin era tão reservado que nem mesmo Benedek conseguira confirmar a veracidade dos boatos, e agora não era hora para fazer especulações sobre o assunto.

— Não pode haver protesto algum esta noite. — Benedek levantou-se, caminhou até as imponentes janelas recém-restauradas e parou diante delas, desejando enxergar o Liberation Square através dos 20.000m² do Millennial Park. Ele crispou as mãos e amassou as folhas de papel. Não deixaria que algo perturbasse a paz naquela noite. Durante os últimos cinco anos ele se preparara para aquele evento, restaurando a construção em estilo barroco com extrema dedicação. Cerca de mil aristocratas, celebridades de Valtria e representantes de países estrangeiros haviam sido convidados para a reinauguração e já ocupavam seus lugares. Rayne Williams, a diva da ópera, "a voz da noite", faria sua primeira apresentação, em dez anos, fora dos Estados Unidos.

— Chame a Segurança Real, convoque o Exército e a Guarda Nacional, os paraquedistas, mas *não* deixe que estraguem esta noite — ele disse, relaxando o rosto contraído.

— Sim, Alteza. Só que... — o secretário ficou indeciso. Benedek apertou o maço de papéis e percebeu, pela reação do secretário, que não gostaria do que ouviria a seguir.

— Só o quê?

— Uma demonstração de força neste momento, contra manifestantes pacíficos...

Benedek caminhou sobre o tapete que reproduzia o original, indo até a mesa e de volta à janela. Dispersar os manifestantes pela força poderia ser interpretado como uma tentativa de silenciar a voz do povo. Ainda não completara um ano desde o cerco ao castelo de Maltmore, em que os inimigos da monarquia haviam tentado eliminar toda a família real e assumir o governo. Dezenas de pessoas haviam morrido durante a noite sangrenta... Enviar a Guarda Real para conter os manifestantes não seria uma atitude política inteligente. O país precisava de conciliação e de união. Ele odiava a política, e

este fora um dos motivos para se tornar arquiteto. As construções são simples, estáveis, não o apunham pelas costas.

— Quem está no comando?

— A polícia, Alteza. Seu irmão, Miklos, está acompanhando tudo de perto.

Miklos era major do Exército e se interessava pela segurança, desempenhando um importante papel.

— Ligue para o chefe de segurança do palácio e diga que quero falar com ele *aqui*.

— Benedek acompanharia Rayne até uma recepção no palácio, depois do espetáculo. Palace Hill ficava a poucos quarteirões de distância, não longe do Liberation Square. Ele precisava discutir os últimos acontecimentos com o chefe de segurança. Talvez tivessem que modificar seus planos.

— Quero que a manifestação seja observada com cuidado e que me informem se houver alguma mudança. — Ele respirou fundo e apontou para o corredor. — Estão prontos?

— Sim, Alteza.

Benedek jogou o discurso amassado na mesa, sobre uma pilha de plantas e fotos dos vários estágios da restauração do prédio. Aquela obra significava muito para ele. Seu irmão mais velho, Arpad, zombara dele, afirmando que sua intenção era mostrar ao país que ele não era apenas o príncipe caçula.

Talvez fosse verdade, mas o projeto significava muito mais: era sua chance de ser reconhecido como arquiteto. Benedek ajeitou o smoking.

— Como estou?

Morin pareceu surpreso com a pergunta e Benedek se sentiu constrangido por tê-la feito. Em outra ocasião, ele estaria muito ocupado elaborando novos projetos para se importar com sua aparência.

— Esplêndido, Alteza — disse Morin, após um silêncio embaraçoso.

Benedek agradeceu, embora soubesse que o cumprimento pouco significava. Na sua posição, ele se acostumara a ouvir o que todos achavam que queria ouvir. Exceto quando se tratava dos malditos manifestantes. Ele passou pelo secretário e seguiu através do corredor que, embora fosse uma área jamais vista pelo público, era majestoso. Benedek dispensou seu novo guarda-costas com um gesto.

— Espere-me no camarote real — ele disse, atravessando o corredor. Sentia falta do seu velho guarda-costas, que se aposentara, e não tivera tempo de estabelecer com o novo o mesmo tipo de relação que tivera com o antigo. Além disso, não desejava ter alguém rondando às suas costas quando afinal se encontrasse com Rayne Williams.

O carpete espesso abafava seus passos. O edifício era como uma grande dama antiga, com curvas graciosas e um brilho intenso, texturas e cores atraentes. Benedek não parou até chegar à porta no final do corredor, onde se lia numa tabuleta, simplesmente: *Rayne*. Ele ajeitou a gravata e bateu.

— Entre.

Benedek abriu a porta com um sorriso e estacou, admirado. Poder vê-la de perto era algo que não tinha preço. Precisava parar de reagir como um adolescente apaixonado quando a via. Ele a assistira cantar inúmeras vezes em Nova York, mas Rayne Williams era mil vezes mais linda de perto. Os seus olhos prateados iluminavam um rosto perfeitamente simétrico; sua pele era translúcida e luminosa; seus lábios eram vermelhos

como rubis. Cachos sedosos de cabelos negros caíam em cascata até sua cintura estreita, enquanto outros cachos estavam entrelaçados, presos na parte de trás da cabeça. Ela era esbelta, não tão alta quanto ele, e usava um vestido de baile vinho, a cópia exata do vestido de casamento de uma das heroínas de Valtria. O corpete destacava-lhe os seios a ponto de quase colocá-los fora do vestido, um costume de época. Benedek era totalmente a favor da precisão histórica. Ele se inclinou profundamente, antes que ela pudesse perceber o olhar extasiado que ele dirigira ao decote.

— Bem-vinda a Valtria.

— Obrigada, príncipe Benedek. Creio que o senhor irá me acompanhar até o palco esta noite.

Ela foi inegavelmente polida, embora ele soubesse que não gostava dele. Sua voz cheia e macia tinha o poder de mantê-lo enfeitiçado. Ele a acompanharia aquela noite, o que não o contentaria, mas Benedek acabara por reconhecer que a atitude distante de Rayne em relação a ele era conveniente. Há anos que ele assistia suas apresentações nos Estados Unidos, ouvindo-a uma ou eventualmente duas vezes por ano. Ele costumava lhe mandar um buquê de rosas vermelhas específicas de Valtria, sempre acompanhadas de um convite para jantar. A resposta era sempre a mesma: ela se sentia honrada, mas recusava. Por mais que ele desejasse se aproximar de Rayne, jamais insistira. Apesar de fantasiar sobre como seria tê-la como amante, ele temia que não fosse o bastante. O conquistador da família era seu irmão gêmeo, Lazlo. Benedek era o tipo de homem de apenas uma mulher, que jamais poderia ser Rayne Williams. Ele não poderia ficar com ela para sempre. Jamais poderia se casar com uma cantora americana, por mais que ela fosse respeitada e famosa. O escândalo poderia matar sua mãe, já debilitada. Benedek foi invadido por algumas lembranças sombrias e tentou esquecê-las. Jamais cometeria tamanho erro outra vez. Ele era um príncipe: deveria se casar com uma moça da nobreza de Valtria, que já deveria estar sendo escolhida discretamente, naquele momento, pelo primeiro-ministro e por seu gabinete.

Benedek testemunhara os efeitos positivos do casamento de Miklos e do nascimento de seu primeiro filho para a monarquia. O novo primeiro-ministro estava obcecado com a idéia de casar os outros príncipes, e Benedek decidira não quebrar o protocolo de novo. Ele o fizera, uma vez, com resultados desastrosos. Ele pigarreou e tentou afastar da cabeça tudo o que ele e a srta. Williams poderiam fazer em vez de entrar no palco. Ele era um homem maduro, tinha 32 anos. Tivera amantes, paixão, decepções, passara por tragédias, mas Rayne Williams era Rayne Williams.

— Se me dá a honra, senhorita — ele disse, oferecendo-lhe o braço. Depois daquela noite, ela ficaria mais três dias em Valtria. Três dias nos quais ele se contentaria em admirá-la de longe e em que não tentaria seduzi-la. Não que ela fosse deixá-lo tentar, mas o simples desafio... Ele afastou a idéia sem titubear e encarou os olhos que o fitavam com polidez. Nada de pestanas batendo, nada dos olhares provocantes que ele costumava receber das mulheres. A família real parecia estar a salvo de problemas, no que se referia àquele assunto.

Problemas com um representante da realeza, Rayne concluiu, observando o homem parado diante dela e mantendo o sorriso que costumava dirigir ao público. Ele era lindo como o diabo, um príncipe corrompido pelos privilégios, jovem demais para olhá-la daquele jeito desde que entrara em seu camarim. Ele não demonstrara perceber a evidente falta de agradecimento pelo enorme buquê de rosas vermelhas que lhe enviara mais cedo. Como todas as flores que ela recebia, as rosas seriam distribuídas pelo elenco. Em pessoa, ele era um homem extremamente atraente, Rayne observou desanimada. Tivera razão em se manter longe dele. Ele se portava com a elegância natural da

nobreza, seu corpo era ágil e firme. Pelo que ela soubera, os príncipes de Valtria eram dedicados esportistas, o que, no caso, era evidente: ele não tinha a aparência de um burocrata, mas a constituição de um camponês, e ela imaginou que isso seria o resultado de viver ao pé dos Alpes.

— Quando a senhorita quiser. — Ele deu um sorriso cativante que se ajustava muito bem à sua pessoa.

Apesar de seus receios, Rayne colocou a mão no braço que ele lhe oferecia, e se assustou ao sentir a sensação de segurança e de familiaridade que o contato lhe transmitia através da manga do smoking e do cetim de suas próprias luvas. Ela conteve o fôlego.

— Então, vamos. — Ela o acompanhou sem hesitação.

Era uma artista profissional, e se não queria que ele soubesse o efeito que lhe causava, por Deus, ele não saberia. Rayne já fora assediada por diversos homens ricos e vaidosos, que achavam que as artistas eram mulheres fáceis e que viviam para ser bonitas e satisfazer seus desejos. Eles costumavam mandar flores, chocolates e jóias para seu camarim e deixar luxuosos carros à sua espera na saída dos artistas, depois dos espetáculos. Ela sempre dispensara os motoristas e os mandara de volta com o carro vazio. Magnatas da indústria e figuras públicas apareciam em seu camarim, preparados para uma rápida conquista, tratando-a como se fosse a vedete principal de algum musical num teatro da cidade, sem nada saber sobre ela. Ela não estava à venda, jamais estaria. Os milionários mal-intencionados podiam se afogar no próprio dinheiro. Aos 40 anos, ela se orgulhava muito de ser uma cantora de sucesso e uma mulher independente. Rayne sorriu para o belo príncipe, embora tivesse a sensação de ser oferecida para ele numa bandeja de prata. Fora uma honra ser convidada para cantar na reinauguração da Ópera de Valtria, uma ocasião histórica, mas ela não queria estar ali: ao atravessar o Atlântico pela primeira vez em dez anos, teria escolhido um destino mais perto de casa.

— Sua gravata está torta — ela o informou, de modo quase automático.

Benedek a apresentaria ao público, e Rayne não queria que ele aparecesse no palco com a gravata desarrumada, desviando a atenção do que teria a dizer. Antes de cada espetáculo, ela costumava inspecionar e reinspecionar inconscientemente sua própria vestimenta e a do restante do elenco. Um brilho estranho passou pelos olhos dele, e Benedek tentou arrumar a gravata, mas, como não tinha espelho, não sabia o que fazer. Ela deu um suspiro.

— Deixe que eu arrumo. — Rayne era alta, mas ele era ainda mais alto, e ela precisou erguer os braços para endireitar a tira preta em seu pescoço, recolhendo as mãos rapidamente ao roçar-lhe o queixo sem querer

— Obrigado, senhorita — ele disse, sem desgrudar os olhos dela.

Aqueles intensos olhos negros poderiam ser a desgraça de uma mulher desprevenida, Rayne pensou por um átimo de segundo, antes de se recompor. Não pretendia demonstrar que ficara constrangida. Pareceu-lhe uma loucura ficar *constrangida* na sua idade e por causa de um príncipe quase dez anos mais moço que ela.

— Rayne, por favor, Alteza. — Todos no meio artístico a chamavam de Rayne.

— Se você me chamar de Benedek — ele respondeu, perdendo um pouco da tensão hipnótica que ela provocava. Ele pareceu satisfeito, relaxou completamente e o sorriso que lentamente surgiu foi extremamente sedutor, cálido, sexy e masculino. Os olhos dele tinham a cor das trufas de chocolate suíço com que ela se deleitava de vez em quando, oferecidas por um fabricante que a mimava com fornecimentos constantes —

uma das vantagens de ser uma diva. O título tinha vantagens e desvantagens, assim como o dele, ela pensou. Talvez a vida dele fosse tão estranha e controlada por terceiros, algumas vezes, como a sua. Talvez tivessem algo em comum, afinal.

Ele continuava a sorrir. Deus ajudasse qualquer mulher desavisada para quem ele olhasse daquele jeito. Rayne estava aliviada por saber que iria embora dentro de três dias. Fazia tempo que ela não se sentia tão cônica da presença de um homem. Ela já o vira antes, mas sempre do palco, à distância, embora ele ocupasse sempre o melhor camarote do teatro. Tê-lo ao seu lado, tocando-a, causava-lhe um arrepio e ela não distinguia se era um rápido calafrio ou um frêmito de expectativa. Ela não teve tempo de analisar, porque, quanto mais se aproximava do palco, mais cheia de energia ficava, ao mesmo tempo em que era dominada por uma imensa serenidade. Estava no seu espaço e fazia o que amava: cantar era sua essência. Certamente, ela conseguiria ignorar o olhar insinuante do jovem príncipe europeu.

— Está muito escuro! Quem mexeu no sistema de iluminação? Estava tudo ajustado hoje de manhã, maldição! — Um homenzinho agitado gritou para alguém através de um fone de ouvido, exigindo um foco perfeito de luz no palco.

Rayne não se deixou abalar. Precisava se concentrar na sua apresentação. Assim que as cortinas se abrissem, tudo estaria pronto. A experiência lhe ensinara que se preocupar com o trabalho dos outros é uma maneira infalível de se distrair. Antes de cada espetáculo, os bastidores estavam sempre cheios de gente carregando adereços, marcações e resolvendo problemas de última hora, e de pessoas que costumavam surgir antes de todo show. Ela ficava absorta no que deveria fazer e, em geral, ignorava o restante.

Quando eles chegaram à escada que conduzia ao palco, o príncipe lhe deu a frente. Ela já se ouvia cantando uma coletânea das óperas mais famosas de Valtria. Além de príncipes de olhar sedutor ou não, o país produzia alguns compositores brilhantes. Rayne estava no segundo degrau quando o edifício tremeu e ela se desequilibrou em cima dos sapatos de época, feitos especialmente para compor o figurino. Confusa e alarmada, ela se viu nos braços do príncipe que, seguindo-a de perto, segurou-a ao vê-la tropeçar. Ele a segurou como se fosse um tesouro, *protegendo-a*. Ela afugentou um súbito devaneio: durante anos muitos homens haviam desejado fazer alguma coisa por ela, mas protegê-la jamais fora uma delas.

— O que foi isso? — ela perguntou, enquanto ele a colocava no chão.

— Venha por aqui. — Ele a pegou pela mão e a conduziu de volta ao camarim, com uma expressão preocupada que contrastava com seu anterior bom humor.

Encontraram com Morin, o secretário, no meio do corredor. Rayne fora apresentada a ele ao chegar. Ele era o homem mais magro que ela já vira, tinha uma enorme cabeça e um nariz muito longo. Mantinha-se deliberadamente ereto e com os ombros para trás. Ao vê-lo pela primeira vez, ela achara que ele se parecia com um mosquito, e agora essa semelhança se tornara mais evidente: cheio de ansiedade, ele parecia esvoaçar ao redor do príncipe.

— A manifestação se tornou violenta, Alteza. Um furgão do bufê acaba de explodir na frente do teatro. Ainda não se sabe se foi um acidente ou se foi intencional.

O coração de Rayne acelerou.

— Está havendo uma manifestação? — Ela não ligara a televisão do quarto do hotel desde que chegara. Preferia descansar em silêncio, quando não estava ensaiando.

— Uma manifestação supostamente pacífica. Desculpe — disse o príncipe,

mantendo o passo. — A ordem será restaurada a qualquer momento. Adiaremos o espetáculo por alguns minutos. — Ele hesitou. — Não, por uma hora. Dentro de uma hora tudo terá sido resolvido.

Um homem de terno preto vinha correndo pelo corredor.

— Está tudo bem, Alteza? — Ele examinou o ambiente ao redor. Parecia ser o guarda-costas do príncipe.

— Acompanhe a srta. Williams — disse-lhe Benedek. O homem demonstrou constrangimento.

— Sinto muito, Alteza, não posso fazer isso — ele se desculpou, mas se manteve inflexível. — Meu dever...

— Certo — Benedek o interrompeu no exato momento em que chegavam a uma divisão em T do corredor. Ele se virou para o Secretário que os seguia retorcendo as mãos. — O chefe de segurança do palácio está aqui?

— Está á caminho, Alteza. Falei com ele há pouco e... — disse Morin.

— Eu o encarrego de acompanhar a srta. Williams até o palácio. Chame um carro blindado e todos os soldados da Guarda Real de que puderem dispor.

O homem quase bateu os calcanhares.

— Sim, Alteza.

Rayne ainda não estivera no palácio, onde deveria participar de uma recepção mais tarde. Ela não desejava sair à rua naquele momento. O teatro era enorme e fora totalmente restaurado, dando a impressão de ser bastante resistente para suportar um intenso ataque militar, se necessário.

— Eu preferiria não sair do teatro logo antes da minha apresentação — ela protestou, mas o príncipe já estava preocupado com outra coisa, lançava-lhe um último olhar e corria, seguido de perto pelo guarda-costas.

— Por aqui. — Morin estava determinado a obedecer ao patrão. Ele fez uma ligação no celular e apertou os lábios. — A linha está ocupada. Ele deve ter saído para investigar a explosão.

Rayne imaginou que ele falava sobre o chefe de segurança do palácio. Em seguida, Morin requisitou um carro blindado.

— Vamos sair pela porta dos fundos — ele disse, desligando.

Ela mal teve tempo para pensar e já se aproximavam da porta dos fundos, normalmente utilizada pelo elenco e pelos técnicos, e por onde, naquele momento, várias pessoas saíam apressadamente e voltavam a entrar correndo. O secretário a olhou, preocupado.

— Não se preocupe, senhora. Vou verificar o que está acontecendo lá fora e dar um jeito para que a senhora saia daqui. Volto assim que puder. — Honesto sem constrangimento, ele falou como quem recita um antigo manual.

As pessoas corriam e esbarravam em Rayne. Ela se aproximou da parede para sair do caminho. A última coisa que desejava é que lhe rasgassem o vestido antes de entrar no palco.

— Estarei no meu camarim — ela gritou para Morin, sem saber se ele a escutara. O corredor estava repleto de gente que se acotovelava. Alguns falavam em idiomas que ela não compreendia. Por algum motivo, toda a equipe parecia estar ali, inclusive o

assistente de iluminação com quem haviam cruzado pouco antes. Rayne desistiu de tentar voltar ao camarim e entrou no primeiro lugar que encontrou, trancando a porta com uma chave enferrujada. Ela olhou em volta. Enquanto seu camarim parecia todo novo, aquele aposento, aparentemente, não fora reformado, a não ser por uma demão de tinta nas paredes. Ela imaginou que todo orçamento tem limites, e que o dinheiro fora economizado nas áreas dos depósitos de materiais. Ela ficou perto da porta e se certificou de que ouviria seu nome se Morin a procurasse. Passaram-se cinco minutos. Rayne destrancou a porta com alguma dificuldade, porque a chave emperrara, abriu a porta e olhou para fora. De onde estava, ela viu seu camarim, mas Morin não estava à vista. Ela se trancou novamente. Tudo daria certo.

No ano anterior, o país passara por um tumulto, mas a paz fora restabelecida. A maior parte da família real assistiria ao espetáculo daquela noite, e um esquema de segurança especial qualidade fora montado dentro e fora do teatro. Rayne e seu agente, Craig, haviam conversado sobre a questão da segurança. Durante o *tour* que lhe fora proporcionado ao chegar, ela soubera que o teatro resistira a 300 anos de uma história turbulenta, incluindo as duas grandes guerras. Ela fechou os olhos e tentou se acalmar. Ali estaria a salvo.

Perto da porta havia um engradado com garrafas de água mineral, o que a fez perceber que sua boca ficara seca com toda aquela agitação. Rayne pegou uma garrafa e a abriu, mas não teve tempo de beber porque o edifício estremeceu com outra explosão, dessa vez mais próxima que a primeira. Os potes de maquiagem sacudiram em cima da mesa. Ela soltou a garrafa, foi até a porta e empurrou uma cômoda, que deveria ter servido de cenário, contra a maçaneta, formando uma barricada. O barulho no corredor era impressionante. Talvez os rebeldes tentassem abrir caminho pela porta dos fundos.

Craig estava na platéia. Rayne gostaria de poder falar com ele, mas seu celular ficara no camarim. Ela desejou que Benedek não a tivesse deixado. Ele deveria saber o que estava acontecendo, seus homens o manteriam informado. Rayne ficou perto da porta, tentando escutar. Ela estava bem, tudo estava bem. Dentro de um ou dois minutos Morin estaria de volta.

— Qual é a gravidade da situação? — perguntou Benedek novamente, ao observar a parede coberta por monitores. O gerente de segurança do teatro da ópera achava que a manifestação pacífica no Liberation Square fora um estratagema do movimento de Libertação.

Os inimigos da monarquia haviam Reunido o máximo possível de colaboradores nas vizinhanças do teatro para sabotar a estreia, e talvez para conseguir fazer refém a família real, que deveria estar presente ao espetáculo, entretanto, a rainha se sentira mal naquela tarde e os irmãos de Benedek ficaram ao lado dela, atrasando-se. Fazia um ano que ela caíra doente, e, desde então, seu estado variava. Quando a multidão atacou, os príncipes estavam em segurança no palácio. Benedek, que estivera no teatro desde cedo para garantir que a noite de estreia seria um sucesso, era o único membro da família real no edifício.

— De quantos rebeldes estamos falando dessa vez? — ele perguntou, emendando uma pergunta na outra, antes que o gerente pudesse responder.

— Pelo que se pode ver pelas janelas, estimo que sejam cerca de dois mil, Alteza.

Benedek concordou. Pelo menos Rayne saíra a tempo e já deveria estar no palácio, sob forte proteção. Ele mal tinha meia dúzia de guardas para proteger a si próprio. O resto do contingente chegaria mais tarde, com seus irmãos. — Quem é o

líder?

— Um jovem muito agressivo, Alteza. É conhecido como Mario e gosta de ser visto como um soldado da liberdade. O palácio acaba de mandar um relatório sobre ele. Estimava-se que ele não estivesse ligado ao Movimento de Libertação.

Talvez não estivesse antes, mas Benedek pressentia que o movimento o aliciara e agora o estava manipulando. Os três homens desconhecidos que comandavam o grupo eram implacáveis em sua missão de derrubar a monarquia e dividir o país, de acordo com as diferentes etnias, em pequenas repúblicas que poderiam controlar.

— Devo acionar os mecanismos de isolamento? — O gerente esperou pela resposta.

O teatro tinha um sólido sistema de segurança. Um computador controlava as entradas, que podiam ser fechadas ao simples toque de um botão, mas tal atitude poderia ser encarada como um gesto agressivo: a multidão do lado de fora poderia sentir-se desafiada e sitiada o edifício. Benedek não queria se arriscar quando havia outras alternativas,

— Primeiro vou tentar negociar.

O gerente empalideceu.

— Peça-lhe que pense em sua segurança, Alteza. Irei até lá imediatamente.

— Você fica aqui e tenta evitar que as pessoas entrem em pânico.

— Alteza... — Mantendo uma postura respeitosa e servil, o homem parou diante de Benedek, tentando impedi-lo de sair. Os guardas também se aproximaram. O novo guarda-costas não parecia satisfeito.

— Este é meu teatro — disse Benedek com um olhar altivo. — Quem quiser tocá-lo deverá prestar contas a mim.

Duas bombas já haviam explodido do lado de fora. Qualquer que fosse a intenção dos rebeldes, era preciso que soubessem que ele não se deixava intimidar facilmente, que mal começara a lutar. Antes que o entardecer se transformasse em noite fechada, ele expulsaria os rebeldes e conduziria Rayne ao palco. Do contrário...

— Há três bombas no edifício — disse a voz do outro lado da linha, insistindo em jogar seu trunfo repetidamente numa voz vitoriosa e, ao mesmo tempo, frustrada. A ligação fora feita para um celular vermelho que alguém deixara na sala da central de segurança, e que ninguém sabia a quem pertencia ou como fora parar ali. Os 12 homens que estavam na central de segurança do teatro observaram Benedek com atenção, esperando alguma ordem. Ele abanou a cabeça devagar. A primeira bomba explodira uma hora antes e eles não tinham chegado a lugar algum.

— Há quase mil pessoas inocentes neste edifício. Sua luta é contra a monarquia e nada tem a ver com o público. Eu sou o único representante da família real aqui. Deixe que as pessoas saiam e eu me entregarei a vocês — Benedek propôs novamente, enquanto os homens à sua volta protestavam mais uma vez. A negociação estava num impasse. Ele tentara argumentar com o homem do outro lado da linha várias vezes durante a última hora, e de nada adiantara. O inimigo estava frustrado porque esperava encontrar seis príncipes e só encontrara um. — Você afirma que sua revolução é em benefício do povo — lembrou-lhe Benedek —, portanto, não machuque o povo, Mario. A repercussão será negativa para sua causa. Se você quer receber o apoio popular, matar centenas de civis inocentes não será a melhor maneira de consegui-lo. Nós dois sabemos

que não será um confronto glorioso pela liberdade, mas um massacre. Alguém está usando você para atingir seus objetivos.

Silêncio do outro lado da linha.

— Eu os deixarei sair sem machucá-los — disse o homem depois de algum tempo, provavelmente tão frustrado com o impasse das negociações quanto Benedek. — Porém, você não sairá do edifício. Nem você, nem a cantora americana.

Pela primeira vez Benedek relaxou.

— Ela nada tem a ver com isso — ele fingiu protestar, para que o homem não ficasse desconfiado. Graças a Deus, Rayne saía antes de o teatro ser cercado.

Dois mil rebeldes haviam sitiado o teatro. Quinhentos policiais e soldados da Guarda Real, investigadores, agentes das unidades antiterrorismo e outros grupos de segurança haviam cercado os rebeldes. Helicópteros sobrevoavam a área — Benedek podia ouvi-los e vê-los pelas janelas. Ele imaginou que, do alto, o local deveria parecer um imenso alvo cujo centro era o teatro. Benedek estava bastante irritado. As forças de segurança não poderiam se mexer sem arriscar que os rebeldes detonassem as bombas. Estavam num impasse, e tudo se manteria assim depois que as pessoas fossem libertadas. As forças de segurança não arriscariam a vida do príncipe e da famosa americana, atacando os rebeldes, e eles sabiam disso.

— Dentro de cinco minutos abriremos caminho na entrada principal. Aqueles que quiserem sair poderão passar. Eles terão cinco minutos antes que nosso grupo cerre suas fileiras novamente. Os que ficarem de fora, entre nós e o teatro, serão mortos — disse a voz ao telefone.

— Temos mil pessoas aqui dentro... — argumentou Benedek, querendo conseguir mais tempo, mas o homem já desligara. Ele olhou para o relógio e correu para a porta. — Dentro de cinco minutos eles deixarão que todos saiam — disse ele, explicando o resto no caminho.

Os seguranças o seguiram para ajudar. Benedek desceu correndo até a entrada do palco e pulou os degraus da escada onde Rayne troçegara e caíra em seus braços não fazia muito tempo. Graças a Deus, o que estava prestes a acontecer ali não a atingiria. O sistema de som estava ligado. Tudo estava pronto para que ela se apresentasse. As pessoas da platéia estavam acomodadas em seus lugares, atendendo a uma solicitação feita em nome de sua própria segurança. Benedek se dirigiu a elas e explicou tudo em apenas dois minutos. Os outros três minutos foram gastos em organizar uma fila indiana na frente da porta, pronta para sair. O telefone de Benedek tocou.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntou seu irmão, Miklos, major do Exército.

— Não venha até aqui. Eles deixaram que as pessoas saíssem. Ligo para você mais tarde. — Benedek abriu a porta, assegurando-se de que, se houvesse algum ataque, seu corpo serviria de escudo para quem vinha logo atrás.

O guarda-costas o tirou do caminho na mesma hora e colocou-se em seu lugar.

— É isso que eles querem, Alteza. Não se ofereça como alvo.

Eles observaram enquanto as forças rebeldes se abriam e formavam um corredor de 1,50m de largura na direção da liberdade.

— Corram! — foi a última palavra que Benedek proferiu para os homens e mulheres antes de se afastar da porta. Todos obedeceram, ajudando-se mutuamente, tentando evitar as quedas, alguns pronunciando palavras de apoio aos príncipes

enquanto saíam. Benedek nunca se sentira tão orgulhoso de seu povo como naquele momento.

— Vão! — ele disse novamente, ao olhar para dentro do saguão e ver os guardas reais e mais dois homens que não se dirigiram para a porta. Ele olhou o relógio. — Trinta seguidos. — O restante do público e da equipe do espetáculo cruzava o caminho da liberdade, ultrapassando o círculo de revoltosos. Benedek viu que uma senhora da idade de sua mãe fechava a fila, correndo com a neta nos braços. O peso da menina dificultava os passos dela, assim como o vestido de baile, e ela ficava para trás. Ele as observou enquanto gritava para os homens que restavam:

— Vocês precisam ajudar! Não dará tempo.

Dois soldados da guarda se separaram do grupo e saíram porta afora. Um deles agarrou a menina e correu; o outro jogou a senhora retardatária sobre os ombros e o seguiu. Eles conseguiram passar antes que os rebeldes cerrassem as fileiras. Benedek saiu da porta e deixou que ela se fechasse, olhando o espaço quase vazio e os restos da grande noite de abertura com um estranho mal-estar. Em sua imprevidência, fora muito otimista ao esperar que o atraso não duraria mais de uma hora. Ele olhou para seus homens.

— Vocês não deveriam ter ficado — ele comentou —, mas agradeço sua lealdade.

— O senhor deveria voltar lá para cima, Alteza — recomendou um dos guardas.

Todos o seguiram, não vendo propósito em permanecer na entrada. Ao chegarem ao escritório da segurança, dois guardas logo começaram a monitorar as câmeras instaladas dentro e fora do edifício. Havia restado oito soldados da Guarda Real, o guarda-costas de Benedek, o gerente de segurança e três civis. Um deles se apresentou:

— Peter Havek, policial aposentado.

— Tamas Havek, da Construtora Havek. Somos irmãos — apresentou-se o outro. — Tenho experiência em demolições. Podemos procurar as bombas, se o senhor permitir, Alteza.

O gerente lhes entregou fones de ouvido e microfones, e os dois saíram, com os agradecimentos de Benedek. Os guardas partiram em seguida, menos os dois que monitoravam as câmeras e ajudavam na busca através dos monitores. Mais de uma centena de câmeras foram instaladas estrategicamente em todo o teatro.

— Craig Miller — disse o terceiro civil, com um sotaque americano. — Sou o agente de Rayne. Onde ela está? — O homem estava com os lábios contraídos de preocupação, o que fez com que Benedek imaginasse que tipo de relação existiria entre os dois. Ele tinha uma aparência distinta, era grisalho nas têmporas. Usava smoking e um relógio caros, ao contrário dos outros. — Ela não atende o celular.

— Meu secretário acompanhou a srta. Williams até o palácio, há uma hora. — Assim que tivesse uma chance, Benedek pretendia ligar para o palácio para verificar. Talvez fosse melhor ligar naquele momento. Ele começou a retirar o celular do bolso, mas o soltou ao ouvir uma série de sinais que o computador começara a emitir. Os dois guardas sentados diante da , mesa principal apertavam várias teclas em desespero.

— Os mecanismos de isolamento foram acionados sozinhos — disse um deles, de olhos arregalados e com uma voz esganiçada.

— Impossível. Eles não são programados para isso — disse o gerente de segurança.

— Alguém invadiu o sistema.

— Vou cancelar o isolamento. — O tom da voz do gerente aumentou, assim como a cor em seu rosto. — Desculpe, Alteza. — Ele correu até um computador. Os segundos se passaram. — Quem quer que o tenha acionado, trocou a senha de acesso. — A voz dele estava indignada.

Benedek se afastou do agente de Rayne e se aproximou do gerente.

— O que isso significa exatamente?

— Estamos trancados — disse o gerente. — Ninguém sai, ninguém entra.

— O que eles querem agora? Não poderíamos sair, de qualquer forma, com eles lá fora...

O celular vermelho tocou, interrompendo-o. O homem do outro lado da linha falou.

— Traga Rayne Williams à porta da frente dentro de 20 minutos. A porta será aberta por apenas um minuto e você deverá entregá-la. Se ela não estiver lá quando abirmos a porta, explodiremos o edifício. Colocamos três bombas no prédio.

Capítulo Dois

— Isto não faz sentido — disse Craig, depois de Benedek desligar e explicar tudo aos companheiros. — Se eles vão deixar Rayne sair, por que não a deixaram sair com os outros?

— Eles não pretendem deixá-la sair. — O queixo de Benedek se contraiu. — Ela seria uma refém valiosa. Dessa forma, eles ou os líderes fugiriam facilmente depois de explodir o teatro.

— Conosco dentro? — Craig olhou para cada um dos homens de olhos arregalados. O gerente de segurança concordou.

— Sua Alteza precisa sair a qualquer custo.

— Mas Rayne não está conosco — disse Craig secando o suor das mãos no elegante smoking.

— Diga que a srta. Williams não está passando bem — falou o gerente de segurança com um ar conspiratório. — Tente ganhar tempo.

— Por quê? — Craig olhou de um para outro. — Se dissermos que ela não está aqui, talvez eles não explodam o edifício. Sem um refém, se eles fizerem um movimento, as forças de segurança acabarão com eles. Os rebeldes não irão se arriscar. Eles nada farão, se não estiverem com ela.

— O objetivo principal é derrubar a monarquia. Eles me prenderam numa armadilha e, aconteça o que acontecer, não me deixarão sair daqui. — Benedek esclareceu a triste verdade. — Vocês não deveriam ter ficado.

Fez-se silêncio enquanto cada homem avaliava o que poderia acontecer em seguida.

— Precisamos de tempo para encontrar um jeito de tirar o príncipe Benedek do prédio — disse o guarda-costas do príncipe. — Se revelarmos que a srta. Williams não está conosco, eles poderão transformar isto numa missão suicida e explodir o teatro imediatamente.

— Eu não vou a lugar algum, a não ser juntos — disse Benedek claramente. — Se dissermos aos rebeldes que a srta. Williams está doente, mas que logo sairá, ganharemos tempo para encontrar as bombas e desarmá-las. Eles têm interesse em esperar por ela. Eles vão preferir esperar.

— Por que motivo? — perguntou Craig.

— Eles acham que meus irmãos virão me socorrer e que, desse modo, poderão capturar todos os príncipes. — O mais absurdo é que ele sabia que seus irmãos *viriam* em seu socorro. Nenhum senso comum ou segurança do palácio, nem mesmo uma ordem da rainha conseguiria detê-los. Ele precisava resolver o problema antes que isso acontecesse. Benedek precisava de tempo para encontrar e desarmar as bombas com a ajuda do especialista em demolição, mas não do tempo que fosse suficiente para que seus irmãos elaborassem um plano e tentassem salvá-lo. A dificuldade estava no limite entre os dois.

— O problema é que não podemos telefonar para os revoltosos para negociar. O chamado foi registrado como desconhecido e o número como não identificado.

No início, Benedek ficara furioso e bastante revoltado com o ataque, a ponto de querer se entregar e fazer um discurso para os miseráveis. Entretanto, recuperara seu sangue-frio e percebera que de nada valeria arriscar a vida: se algo lhe acontecesse, seus irmãos apareceriam na mesma hora e dariam início a uma guerra civil.

— E agora? — Craig perguntou.

— Agora nos espalhamos e passamos um pente fino no edifício, à procura das bombas. — O gerente de segurança entregou um sistema de comunicação a Benedek e outro a Craig. Os outros já tinham os seus. Seguido de perto por seu guarda-costas, Benedek desceu para o andar inferior.

Ele trabalhara em todos os estágios da restauração e conhecia o prédio de cor, assim como sabia os nomes de todos os reis de Valtria desde o século IX, início da monarquia. Primeiro ele se dirigiu à área onde estavam instaladas as caldeiras de calefação e o ar refrigerado. Ele procurou sob, sobre e atrás de cada equipamento. Nada. O guarda-costas o ajudava, acelerando o processo. Em seguida, entraram no depósito de acessórios, e, depois, no depósito de figurinos. A tensão aumentava à medida que ele passava de uma área para outra. Cruzou a enorme área reservada para a futura instalação de um restaurante cinco estrelas no teatro. Antes de prosseguir, ele consultou o relógio. Restavam-lhes menos de cinco minutos.

— Nada encontrei — disse alguém no seu fone de ouvido.

— Nada aqui também — disse outra voz. O celular de Benedek tocou. — Alteza, fui apanhado no meio da confusão atrás do teatro e perdi meu celular — disse Morin, o secretário. — Peço desculpas por não ter entrado em contato com o senhor mais cedo. Acabo de chegar ao palácio. Há algo que alguém possa fazer daqui?

— Até segunda ordem, sua única tarefa é cuidar da srta. Williams.

— Alteza? — O tom de voz do secretário alarmou Benedek.

— Ela está a salvo com você, não está?

— Ela não veio comigo, Alteza. Eles não a soltaram com os outros reféns? Eu

soube... Perdoe-me, acabo de chegar.

O sangue de Benedek gelou ao pensar que algo poderia ter acontecido com Rayne.

— É provável que ela esteja com o chefe de segurança do palácio — ele disse.

— Acabo de falar com ele. Ele não a viu — disse Morin. Os músculos de Benedek se contraíram e ele ouvia apenas o homem do outro lado da linha.

— Onde você a viu pela última vez?

— Perto da porta dos fundos.

Benedek desligou e fez contato através do sistema de comunicação.

— Rayne Williams está no edifício. Comecem a procurá-la e continuem procurando as bombas. Repito. Rayne Williams está no edifício. Achem-na.

Ninguém viera procurá-la. Duas horas se passaram desde que Morin a deixara. Ela ficara perto da porta, escutando, à espera que ele a chamasse do corredor, mas ninguém a chamara. Na verdade, fazia uma hora que não havia qualquer ruído, como se todos tivessem saído. Ela tentara sair várias vezes, mas a velha chave enguiçara na fechadura e acabara por se quebrar ao ser forçada. Ela gritara por socorro a ponto de se arriscar a prejudicar suas cordas vocais, mas ninguém respondera.

Afinal, ela ouviu alguém gritar seu nome.

— Rayne!

Ela nunca ficara tão feliz ao ouvir um som em sua vida.

Pensou ter reconhecido a voz.

— Príncipe Benedek? — A maçaneta da porta girou. — Está enguiçada.

— Afaste-se — ele disse. Num segundo a porta abriu com violência. — Você está bem? — Ele parou na soleira como um herói de teatro, vestido no impecável smoking e com os olhos brilhando. Ela notou novamente como ele era alto, a largura de seus ombros, a profundidade de seu olhar. Ele tinha a presença que os críticos teatrais costumavam chamar de "hipnótica". Santo Deus, ele era muito mais moço que ela. Ela se conteve e desfez qualquer faísca de atração.

— Estou bem, obrigada. — Ela ajeitou os cabelos e ergueu o queixo. Odiava que alguém a visse nervosa.

O guarda-costas de Benedek, que os aguardava no corredor, cumprimentou-a.

— Senhora.

Benedek pegou-a pela mão e a puxou atrás dele, sem nada dizer. Mais uma vez, o contato com ele a deixou arrepiada, a mão que segurava a sua era quente e firme. Rayne havia tirado as luvas, e o toque de pele com pele a desconcertava.

— Onde estão todos? — O completo silêncio do edifício aumentava seu nervosismo.

— Os rebeldes deixaram que o público saísse. Só 15 permaneceram, incluindo você. O edifício está lacrado.

— Então, eles não podem entrar? Ótimo.

— Então, não podemos sair.

Ela sentiu o coração se encolher.

— Estamos presos? — A expressão tensa no rosto dele lhe bastou como resposta. — Para onde estamos indo? — ela perguntou, mas ele começou a falar no microfone que ela não notara antes.

— Encontrei Rayne. Estamos a caminho do restaurante. Já encontraram alguma bomba? — Ele parou para escutar. — Procurem abrigo.

Rayne sentiu seus joelhos dobrarem.

— Que bomba? Eles a encontraram? O que você quis dizer?

— Os rebeldes podem ter colocado explosivos no edifício. — Benedek olhou para o relógio e começou a correr.

— Por que estamos indo para o restaurante? — Ela subiu a escada ao lado dele. Ele soltou-lhe a mão para que ela pudesse levantar as volumosas saias, evitando tropeçar. Rayne não se preocupava mais em preservar seu vestido para a apresentação. Não haveria espetáculo. Teriam sorte se ainda houvesse um teatro quando tudo aquilo acabasse, ou se ainda estivessem vivos. Ela chegou ao topo da escada e entrou pela porta giratória dourada. Benedek correu para o fundo do salão.

— Frigorífico industrial — ele disse, como se isso explicasse alguma coisa. Atravessaram a cozinha e depararam com uma enorme porta de aço. Benedek levantou uma alavanca e a abriu. Eles praticamente se jogaram dentro do frigorífico. O guarda-costas entrou atrás deles.

A primeira coisa que Rayne reparou foi que o lugar estava vazio. A segunda foi que não sentia frio. Pensando em como seu vestido era decotado, ela agradeceu a Deus pelo aparelho ainda não estar funcionando. A porta foi fechada e eles ficaram na completa escuridão. Uma explosão dez vezes mais forte que as duas primeiras sacudiu o edifício. O que fosse que tivesse explodido, estava muito mais perto. Ela perdeu o equilíbrio, e, não querendo se apoiar no príncipe, estendeu o braço à procura da parede, mas sentiu a mão dele agarrá-la pela cintura. Benedek estava tão perto que ela sentia seu calor e a solidez de seu corpo. Ele falara *em bombas*: deveria haver outras, talvez mais próximas que a última. Ah, para o inferno com a compostura! Rayne se agarrou ao braço dele com toda a força. Por princípio, odiava os milionários privilegiados, e tinha medo de Benedek pelo modo como ele a olhava intensamente durante as apresentações, o que tornava difícil para ela se concentrar no papel que deveria representar. Nenhum outro homem exercia esse poder sobre ela, e Rayne se ressentia pela capacidade que ele tinha de deixá-la confusa. Porém, naquele momento, ela não tinha onde se apoiar, e agarrou-se a ele.

— Calma! — disse Benedek na orelha dela.

Rayne sentiu seu hálito morno junto ao pescoço e se arrepiou. Metade do corpo dela se preparava para morrer; a outra metade... se incendiava. Ele tinha um odor de sabonete caro, masculino, com um toque de especiarias que parecia atraí-la para mais perto, para melhor sentir. Ela fez exatamente o contrário: largou o braço dele, dominando o pânico e inspirando o ar que vinha da direção oposta. Não perderia a cabeça apenas porque haviam se tocado. Eles sequer estavam a sós! Depois de algum tempo, como não houvesse outra explosão, Benedek se afastou. Logo em seguida, a luz acendeu e ela o viu parado perto da porta, ao lado do interruptor. Benedek trocou um olhar com o guarda-costas. Seus olhos faiscavam de raiva e revolta, e outras emoções. Quando ele olhou para ela, seu olhar mudou.

— Você está bem?

Rayne balançou a cabeça, sentindo-se incapaz de falar. A explosão de uma bomba no edifício normalmente não fazia parte de sua experiência como cantora de ópera. Trancados ou não, eles precisavam sair dali. Deveria haver algum jeito. O guarda-costas abriu a porta e examinou o lado de fora.

— O que estamos esperando? — ela perguntou ao ver Benedek indeciso.

— Existem mais duas bombas — ele disse. — Peço desculpas. Se eu soubesse-o que aconteceria, se eu achasse que o país não fosse cem por cento seguro, jamais a teria deixado vir.

— Sim, claro. — Ela parecia abalada, mas mantinha uma postura admirável, com a cabeça erguida e as costas esticadas, imponente como uma rainha. — Não posso culpá-lo. Tenho certeza de que você não esperava um ataque. O que eles querem?

A cozinha estava destroçada, com cadeiras reviradas e panelas e potes espalhados pelo chão. Benedek balançou a cabeça.

— Precisamos encontrar os outros.

— O que eles querem? — Ela não se deixava distrair facilmente.

— Eles querem derrubar a monarquia — disse ele, ouvindo algo no fone de ouvido.

— Estão todos bem? — perguntava o gerente de segurança.

— Tudo bem aqui. Estou com Rayne — disse ele Um a um, todos fizeram contato, exceto o ex-policia, Benedek tentou lembrar o nome dele. — Onde está Peter?

— Na última vez que nos falamos, ele ia na direção da loja de presentes para procurar a bomba — disse o irmão de Peter.

Benedek teve um pressentimento.

— Onde foi a explosão?

— Na ala leste — disse o gerente com a voz embargada. Benedek se adiantou. A loja de presentes ficava na ala leste.

— Vamos até lá agora. Na mesma hora o guarda-costas interrompeu seus passos.

— Alteza... Benedek fez um gesto para interrompê-lo. Alguém entrara em contato com ele de novo.

— Estou chegando — disse o perito em construções, irmão do desaparecido. Benedek se lembrou que o nome dele era Tamas. Momentos depois a voz dele soou novamente. — Estou aqui. — Ouviu-se o barulho de algo sendo arrastado, um gemido e, depois, silêncio. Quando o homem voltou a falar, sua voz estava triste. — Ele está morto. Não adianta vir até aqui.

Benedek trincou os dentes e se controlou com dificuldade. Quinze pessoas haviam ficado no prédio. Com a morte do ex-policia, restavam 14.

— Perdemos um homem — ele comunicou a todos, pegando a mão de Rayne e apertando-a até que ela a puxasse de volta. Os fones silenciaram. Não havia mais informações. Ele queria perguntar sobre os danos causados ao teatro, mas não tinha coragem. Para Tamas, o dano fora irreparável: ele perdera o irmão. Benedek deu graças a Deus por seus irmãos terem se atrasado para o espetáculo e por serem poupados do que poderia acontecer, desde que fossem bastante espertos para se manter afastados. Infelizmente, pelo que sabia de seus irmãos, ele duvidava que se mantivessem longe.

— O teto desmoronou — informou Tamas após algum tempo. Sua cabeça treinada para inspecionar construções funcionava quase que automaticamente, sem que ele

percebesse. — Algumas paredes miram, mas as paredes de sustentação ainda estão de pé. A estrutura não foi seriamente danificada. Nenhuma fenda se abriu na parede externa para que possamos sair. — Ele fez uma pausa. — Vou ficar aqui mais alguns minutos.

Para se despedir, provavelmente.

— Fique o tempo que precisar — disse Benedek.

O cerco ao teatro fizera sua primeira vítima, e ele não tinha esperança de que seria a última. Um homem morrera, o que fazia com que tudo entrasse em perspectiva e se tornasse terrivelmente concreto.

Rayne seguiu Benedek de volta à central de segurança, onde ele deveria se encontrar com os outros.

— Como você sabia que eles iriam detonar a bomba? — A maneira como ele correria em busca de abrigo demonstrava que ele sabia o que aconteceria.

— Eles nos deram um ultimato.

— Qual foi? — Eles subiam a escada. O príncipe ficou calado. — Qual foi o ultimato? — Ele não respondeu. Um homem os aguardava na porta da sala. Benedek o apresentou como sendo o gerente da segurança. Rayne não se deixou abalar. — O que os manifestantes desejam? — ela perguntou sem preâmbulos, num tom que deixava evidente que desejava uma resposta clara e honesta.

— No momento, eles querem a senhora. — O homem deu uma olhada nervosa para o príncipe. A resposta deixou Rayne sem fala.

— Você não vai a lugar algum — Benedek garantiu imediatamente. Era o que ela também pensava, mas gostaria que ele a tivesse deixado decidir.

— O que eles querem comigo?

Ela não tinha, ligação alguma com o país. O príncipe explicou com certa relutância: eles a queriam *como refém*, para que pudessem escapar depois de matá-lo. Ele estava irritantemente calmo, talvez por ser imaturo. Ele não parecia compreender o perigo que corria. Porém, ele não aparentava ser um homem sem discernimento: tinha olhos perspicazes e penetrantes que demonstravam inteligência... E desejo, quando pousavam sobre ela por mais de um segundo. Rayne não queria, nem teria que enfrentar essa verdade, se os rebeldes a tomassem como refém para poder matá-lo. Ela precisou se sentar. As pregas do vestido caíram sobre a cadeira que quase desapareceu sob o pesado tecido. Ela estava confusa e mal conseguia raciocinar. Benedek seria morto.

— Maldito país — ela disse para si mesma.

— É o melhor do mundo — ele disse com os olhos brilhando. — O que não significa que não existam algumas pessoas descontentes.

— É estranho, mas não me lembro de agitações populares e tendências homicidas serem mencionadas no folheto que li antes da viagem. Devo ter pulado uma página — ela disse, em tom cortante, indignada com a situação e com o fato de ele defender o povo que desejava matá-lo.

— Você estará em segurança — ele prometeu gentilmente.

Alguns homens da Guarda Real entraram na sala. O celular tocou e Benedek tirou-o do bolso. Rayne reparou que o aparelho era pequeno e vermelho e que ele o segurava como se fosse uma cobra venenosa. Na mesma hora a tensão duplicou no ambiente. Todos ficaram atentos. O príncipe atendeu e escutou.

— Ela precisa de um pouco mais de tempo. Logo estará pronta. — Ele desligou. —

Conseguimos mais dez minutos.

— Frigorífico? — ela perguntou.

— Não há espaço para todos — ele respondeu. O gerente de segurança acionou seu microfone.

— Tamas? Pode me ouvir? — Ele esperou alguns segundos enquanto mais alguns soldados da Guarda Real entravam na sala. Agora havia 13 pessoas na central de segurança. Tamas era o único que faltava. — Tamas? Você precisa de ajuda? — perguntou o gerente, e esperou. — Não há resposta.

— Depois da explosão as câmeras de vigilância saíram do ar naquela parte do edifício — disse um dos homens sentados diante dos monitores. Talvez como um gesto de cortesia pela presença de Rayne, todos falavam em inglês, com diferentes sotaques.

— Vou até lá ver se ele precisa de algo — disse um homem preparando-se para sair.

— Todos nós iremos. — Benedek olhou para todos na sala. O guarda-costas fez uma expressão aborrecida, mas ninguém questionou a autoridade do príncipe. Rayne imaginou que ninguém teria coragem, não apenas porque ele fosse um príncipe. O homem tinha uma presença impressionante e o carisma de um líder. — Pode ser o lugar mais seguro agora — ele acrescentou. — A bomba colocada naquela área já explodiu. Quem sabe onde estarão as outras?

Fazia perfeito sentido. Um dos guardas mais antigos — Vilmos, segundo Rayne se lembrava — protestou. Ele achava que o príncipe deveria ficar na sala da segurança com alguns guardas, mas Benedek o ignorou. Desceram a escada, atravessaram corredores desertos. O príncipe se mantinha ao lado de Rayne, e ela não se importava. Um minuto depois eles avistaram os primeiros sinais de destruição: paredes e pisos rachados. Assim que fizeram a curva no corredor, viram a loja de presentes. O teto ruína e os fios pendiam das paredes. Tudo estava coberto de pó e de pedaços de alvenaria. Aquela foi a primeira visão que tiveram dos efeitos da explosão e vaticinava um futuro apavorante. Um corpo estava encostado numa parede.

— Peter. — O gerente correu até ele.

— Tamas! — O príncipe se abaixou atrás dos restos de uma parede. Rayne o seguiu e viu um homem sob os escombros. Benedek checava-lhe o pulso. O rosto dele ficou tão revoltado que Rayne recuou.

— O que houve com ele?

Benedek se afastou e ela viu a mancha de sangue na camisa de Tamas. Havia um pequeno corte, mas muito sangue.

— Ele foi esfaqueado — disse alguém por trás de Rayne. Ela ficou tonta. O príncipe observou o pequeno grupo. O guarda-costas se colocou ao lado dele.

— Ninguém vai a lugar algum sozinho. Eles têm um comparsa em algum lugar dentro do edifício. — O que ele dizia é que os revoltosos tinham um assassino infiltrado no prédio. Rayne olhou ao redor, admirada por ver a calma com que todos recebiam a notícia. O coração dela batia com tanta velocidade que ela mal conseguia respirar. Em sua cabeça, os pensamentos tenebrosos se sucediam. Os revoltosos não haviam confiado cem por cento em suas bombas. Como garantia, eles tinham um plano de reserva: alguém dentro do edifício, que poderia pegar o pequeno grupo, um por um, se necessário, até capturar o príncipe.

— Ficaremos juntos — disse Benedek, reassumindo o controle. — Estaremos

seguros.

Porém, algo dizia a Rayne que não ficariam seguros. Estavam presos num edifício ameaçado por explosivos perigosos, e alguém os caçava.

Capítulo Três

— Você já deu uma olhada pela janela? — perguntou Miklos ao telefone.

— Estou olhando neste exato momento — respondeu Benedek. As forças rebeldes pareciam estar diminuindo. — O que está acontecendo aí fora?

Estavam de volta à sala da segurança. Dali poderiam vigiar o edifício através das câmeras. Não havia movimento. Onde estaria o miserável que matara Peter e Tamas?

— Está confirmado que o protesto foi organizado pelo Movimento de Libertação. — Benedek soltou um palavrão. Era o que ele suspeitava. — A multidão foi insuflada por algum agitador mercenário — continuou Miklos. — Metade sequer sabia por que marchava na direção do teatro. A maioria achava que o protesto era contra os novos impostos. Agora que a verdadeira razão se tornou conhecida, muitos estão abandonando a manifestação.

— Mesmo que todos se retirem, as bombas foram colocadas e ainda estamos trancados aqui.

— Estamos tentando resolver esse assunto. — A voz de Miklos estava tensa. — O esquadrão antibombas está de prontidão. Assim que você encontrar algo, avise.

— Temos outros problemas. Dois homens foram mortos. — Benedek informou ao irmão quem eram os mortos. — Creio que temos um inimigo aqui dentro.

Do outro lado da linha houve um momento de silêncio.

— Talvez faça parte do plano reserva dos rebeldes.

— Ou, talvez, fosse o plano original: cercar o prédio, anunciar a ameaça de bombas e, durante o caos, os príncipes seriam assassinados. Talvez as bombas fossem um recurso para o caso de o assassino falhar.

— Só que nós nos atrasamos. Você era o único príncipe presente.

— Quero que continue assim. Confio em você para manter nossos irmãos no palácio.

— Acredite, foi com isso que me ocupei até agora. Tive que lutar com Lázlo e derrubá-lo. Não que eu me importe em mostrar a ele quem é o chefe, de vez em quando.

Benedek relaxou por um segundo ao pensar no irmão gêmeo, mas depois percebeu que, se Miklos conseguira manter os irmãos no palácio, isso significava que ele planejava agir sozinho, porque jamais deixaria de se envolver.

— Antes de fazer qualquer loucura, pense na sua mulher e nos seus filhos. — Era o único argumento forte que Benedek poderia utilizar.

— Não se preocupe comigo, irmãozinho.

Não era exatamente o que ele queria escutar. Não havia muito a conversar antes de desligarem. Benedek estava desligando quando o celular vermelho tocou.

— O tempo acabou. Vou desativar a tranca da porta da frente. É melhor que eu veja Rayne Williams saindo por ela. — A linha ficou muda antes que Benedek tivesse tempo de exigir que o miserável mandasse seu comparsa infiltrado no prédio se retirar, embora ele não acreditasse que, de repente, o rebelde se tornasse razoável. Porém, ele gostaria de ao menos ter tentado incutir algum bom senso em seu adversário.

— O que houve? — perguntou o gerente de segurança. — A mesma exigência de antes.

— Vocês deveriam me entregar — disse Rayne, levantando-se da cadeira com um farfalhar de tecido e um ar determinado. Ela lembrava uma heroína de alguma antiga lenda. — Seria uma maneira de desviar a atenção enquanto as forças de segurança tentam prender o líder.

Alguns dos guardas a fitavam disfarçadamente, achando que Rayne não notava. Benedek não poderia culpá-los. Ela estava magnífica, imponente como uma rainha e extremamente sensual com aquele corpete decotado. Craig estava parado ao lado dela e de vez em quando lhe acariciava a mão. O gesto irritava Benedek, assim como o olhar carinhoso com que Rayne retribuía a atenção.

— Não poderei garantir sua segurança, portanto, não. — Que ela tivesse pensado por um minuto que ele a deixaria correr algum perigo... Rayne não parecia satisfeita com ele, mas, .. depois de algum tempo, ela declarou:

— Mesmo que todos não caibam no frigorífico, você deveria ir para lá. Você é o príncipe.

— Ela tem razão, Alteza. — O guarda-costas imediatamente manifestou seu apoio.

— O cofre está mais perto — disse Benedek, consultando o relógio.

— Que cofre? — perguntou Rayne admirada.

— Eu não recebi o novo código esta manhã, Alteza — disse o gerente apertando os lábios.

— Eu sei o código — disse Benedek dirigindo-se para o fundo da sala. Ele abriu uma porta atrás da qual havia um painel de aço, digitou um código e esperou com impaciência que o painel abrisse.

— Por que um teatro tem um cofre de banco? — Rayne entrou na frente, empurrada pelos homens e não sentiu vontade de protestar. O interior do cofre parecia um enorme depósito de alguma feira de antiguidades. Em outra ocasião, ela o teria apreciado: adorava feiras de antiguidades e tinha um fraco por objetos de antiquário.

— O teatro tem 300 anos — explicou o gerente. — Temos antiguidades valiosas, móveis, quadros, tapetes persas com centenas de anos e que valem milhões. Usamos o cofre quando há obras no prédio. As obras de arte dos corredores e da rotunda são mudadas constantemente, enquanto algumas são restauradas. Algumas são guardadas aqui.

O lugar estava repleto de objetos e móveis, e o espaço, por isso, era pequeno para 13 pessoas. Benedek deu um jeito de ficar atrás de Rayne. A medida que os homens entravam, ela não teve outra escolha a não ser recuar para o fundo até encostar seus ombros nus contra o peito dele. Normalmente, ter alguém tão perto dela a deixaria aborrecida, mas, nas circunstâncias, ela se sentiu aliviada com a proximidade do príncipe.

Embora não estivesse preparada para admitir, além de alívio ela sentia algo mais, principalmente porque percebia o calor do hálito de Benedek contra a pele, e tudo o que ele precisava fazer era inclinar a cabeça para beijar seu pescoço. Que pensamento estúpido! Ele jamais faria isso. Por que o faria? Ele lhe mandara flores durante anos, mas não estava desesperado. Era provável que ele tivesse uma dezena de amantes, o que era um privilégio dos homens ricos. Ela afastou a lembrança do ex-marido. O casamento acabara: ela desperdiçara anos com Philip, e não queria pensar nele nunca mais.

Os minutos se passaram num tenso silêncio. O calor dos corpos juntos começou a aquecer o ambiente. Fora um dia extraordinariamente quente para a primavera. Rayne se manteve quieta porque não queria se encostar mais em Benedek, mas tinha consciência de que seus corpos se tocavam, de cada respiração dele. Uma gota de suor rolou por seu pescoço, e ela esperou que ele não notasse. O corpo dela se aquecia. Era loucura. Estavam totalmente vestidos e na presença de várias pessoas. Ela não era do tipo que fraquejava ao ver um homem ou ao ser tocada. Não se podia classificá-la como sensual, e com o passar do tempo ela aceitara esse fato e não lhe dera mais importância. Porém, se ela possuía um lado ignorado, ele não poderia ter se manifestado com outro homem que não fosse Benedek? Estava farta de homens ricos e poderosos, e ele era o homem mais rico e poderoso que ela já conhecera.

O edifício tremeu. Os braços fortes do príncipe envolveram-lhe a cintura, como da última vez. Sem perceber, Rayne cobriu as mãos dele com as suas, levada por mais de um motivo: por mais que sua razão protestasse, seu corpo tudo registrava.

— Porão — disse o gerente, adivinhando o local da bomba.

— Eu não consegui checar todas as salas do subsolo — disse Benedek.

Ele estivera no local da bomba? Rayne apertou as mãos dele sem querer.

— A boa notícia é que o edifício ainda está de pé. — Ele não se mexeu. — Mais uma bomba e eles nada terão para nos ameaçar.

O gerente, que estava na frente do cofre, abriu a porta. Como estavam quase sem ar, todos saíram, mas ficaram por perto. O celular vermelho tocou e Benedek o colocou no viva voz.

— Estou cansado de explosões de advertência. A próxima será das grandes. Não se engane, ela *derrubará* o prédio. Você tem 45 minutos para pensar no assunto.

Mais uma vez a linha ficou muda assim que o homem pronunciou a última palavra. Por enquanto, era ela que os rebeldes queriam, pensou Rayne. Ela inspirou profundamente e se empertigou, virando-se para Benedek:

— Se eu sair, pode ser que desvie a atenção o suficiente para que você e os outros fujam por alguma janela dos fundos. Eu sei que você não gosta da ideia, mas não temos muita escolha.

— As janelas do térreo têm grades — ele disse, irritado por ela insistir com essa opção.

Claro, ela se lembrou de ter admirado o lindo trabalho artesanal das grades.

— Talvez vocês possam descer de uma janela do segundo andar, usando uma corda ou algo semelhante.

— Não. — A resposta de Benedek foi tão inflexível quanto as grades de ferro.

— Alteza, o senhor deveria considerar a sugestão. — O guarda-costas ficou do lado dela. Na verdade, todos pareciam apoiá-la, exceto Craig, que se aproximou e a pegou pelo braço.

— Não, Rayne. Você não pode se entregar aos rebeldes. Você não sabe se eles não irão machucá-la.

Craig sempre a apoiara. Ele era o único homem em que Rayne confiava totalmente, embora algumas vezes ele a forçasse demais, para agradar a alguns generosos patronos da ópera. Na verdade, fora ele que sugerira aquela viagem. Rayne sempre confiara nele como parceiro de negócios, mas somente agora percebia a profundidade de sua lealdade e o quanto ele se preocupava com ela. Ela apertou a mão de Craig, certa de que tudo o que ele queria era mantê-la a salvo. Um clarão passou pelos olhos de Benedek, mas sumiu antes que ela pudesse identificá-lo.

— E quando os rebeldes perceberem que foram enganados e a matarem sem a menor piedade? — disse Benedek em tom definitivo.

— Eu... — Tudo que ela imaginava é que, sendo uma pessoa conhecida no mundo inteiro, uma celebridade em seu ramo de trabalho, aqueles homens não seriam capazes de fazer aquilo.

— Não vou considerar esta opção. — Ele a fitou até que ela corasse. Rayne parecia decidida e perdida ao mesmo tempo. Benedek não sabia como ela conseguia, mas a aparência dela era de tirar o fôlego e, ao mesmo tempo, deixava-o desarmado. Ah, sim, e fazia com que a desejasse, o que ele começava a lamentar.

Rayne inspirou profundamente e seus seios subiram tanto que quase saíram pelo decote do vestido. Benedek ficou hipnotizado e teve a sensação de que nenhum dos homens da sala deixara de notar.

— Então, vamos encontrar a bomba — ela disse. — Não temos tempo a perder.

Benedek concordou e olhou ao redor.

— Rayne e Craig ficam aqui. — Ele indicou o cofre. — O restante formará duplas. — Ele olhou para os outros: oito guardas e o gerente de segurança, mais o guarda-costas.

— Sua Alteza ficará também? — perguntou o gerente.

— Conheço este edifício melhor que qualquer um de vocês.

— Alteza, o senhor deveria levar dois homens. Permita que eu...

Benedek interrompeu o protesto com um gesto.

— Teríamos apenas seis grupos em vez de sete. Do meu jeito, iremos mais depressa.

— Iremos com vocês, divididos em seis grupos. Se a próxima explosão for mais forte, o cofre não servirá de proteção. Não seria inteligente você ficar sozinho — disse Rayne, colocando-se diante dele. Ela nunca hesitara em enfrentá-lo, dizendo o que pensava e não o que achava que ele gostaria de ouvir. Ele apreciava sua franqueza, o que não queria dizer que permitiria que ela o acompanhasse, mas, acima dos ombros empertigados e da coragem que ela demonstrara desde o início, pela primeira vez Benedek viu o medo em seus olhos e soube que não poderia discutir. Ele jamais iria deixá-la para trás, sabendo que ela se sentia mais segura com ele.

— Está bem.

O gerente de segurança dividiu os pares e assinalou as áreas a serem investigadas. Craig ficou com Vilmos, o guarda mais velho, que não parará de olhar para Rayne o tempo todo, desagradando Benedek.

— Ficaremos com o corredor da porta dos fundos — disse Benedek, saindo com

Rayne e com o guarda-costas. Enquanto caminhavam atentos a qualquer sinal suspeito, ele ligou para Miklos. — Temos 45 minutos. A última ameaça, uma bomba poderosa o suficiente para derrubar o edifício.

— O esquadrão antibomba está de prontidão aqui comigo, Se você conseguir olhar para os fundos, estamos no carro blindado no final do estacionamento. Eles lhe darão instruções sobre como desmontar a bomba. Ache-a e ligue para nós.

— Estou tentando. Volte para o palácio. Como está mamãe? — O silêncio hesitante do outro lado revelou que o estado da mãe deles se agravara mais uma vez.

— O dr. Arynak está com ela — disse Miklos, afinal.

Eles quase a haviam perdido no ano anterior. Ela se agarrara à vida por desejo de ver o nascimento do primeiro neto. A alegria do menino a mantinha viva. A rainha não suportaria o estresse de saber o que acontecia no teatro. Os irmãos a protegeriam, mas ela sentiria a preocupação e a tensão no ar e ficaria apreensiva. Eles trocaram mais algumas palavras antes de desligar. Benedek passou por cima de uma enorme luminária que desabara no meio do corredor e imediatamente olhou para cima, verificando se havia perigo de mais alguma cair sobre eles, mas aquela fora a única que se soltara.

— Cuidado — ele estendeu a mão para Rayne, para ajudá-la a passar por cima do metal retorcido e dos cacos de vidro que estalavam sob seus pés. Por um segundo os dedos dela se entrelaçaram aos dele, mas a barra do vestido se prendeu num pedaço de metal. Rayne tentou puxar a saia, escorregou nos cacos de vidro e caiu. Benedek a segurou, mas não antes que ela apoiasse a mão no chão e se cortasse. Ele examinou-lhe a palma macia, consternado, odiando vê-la ferida. — Deve haver uma caixa de primeiros socorros na sala da segurança. Vou precisar dela — ele disse ao guarda-costas. O homem ficou indeciso. — Ou você vai, ou eu vou e você fica aqui com a srta. Williams.

— Alteza, na atual situação...

— Posso me defender sozinho. Dê-me uma das suas armas. Estarei aqui quando você voltar.

O homem lhe entregou uma Beretta e se afastou com um olhar descontente. Benedek enfiou a arma na faixa do smoking, sabendo que o segurança tinha uma arma de reserva e que também estaria armado ao atravessar os corredores.

— Não é nada demais — disse Rayne.

Claro que era. Benedek amaldiçoou a si mesmo ao examinar a mão de Rayne. Os cacos de vidro haviam penetrado na pele macia e o sangue escorria. Ele desejou que ela ainda estivesse de luvas. A mão dela tremeu sob a sua, revelando a dor que ela deveria estar sentindo. Eles estavam a pouca distância dos banheiros.

— Vamos lavar isto antes. — Ele a conduziu na direção do toalete e entrou com ela. Rayne colocou a mão sob a água fria enquanto ele procurava algum sinal da bomba e logo voltava para perto dela. A água retirara a maior parte do vidro, deixando um grande caco cravado na carne. Mordendo os lábios, ela tentou retirá-lo. A visão dos dentes brancos mordendo a carne vermelha e úmida o deixou paralisado por um momento.

— Espere — ele disse, pigarreando. — Deixe-me tentar. — Ele tentou pegar a mão dela.

Rayne ficou indecisa. Ela mal o conhecia, não tinha motivo para confiar nele. Benedek teve uma leve sensação de triunfo quando ela lhe entregou a mão. Ele queria fazer algo para distraí-la, como dar-lhe um beijo, por exemplo. Os lábios dela eram vermelhos e aveludados, e estavam mais próximos que nunca dos dele. Benedek conteve a respiração e foi subindo o olhar dos lábios dela até os olhos acinzentados que o fitavam

arregalados, como se ela tivesse lido seus pensamentos. A tensão cresceu entre eles.

— Não irá acontecer — ela disse claramente, sem precisar explicar.

A atração entre os dois soltava faíscas e era quase palpável,

— Não vai? — Ele inclinou a cabeça e roçou os lábios nos dela. Naquele exato momento, ele puxou o caco de vidro. Rayne retirou a mão e se virou para a torneira, deixou que a água corresse sobre o ferimento e o enxugou com uma toalha de papel. Porém, assim que ela enxugou o sangue, mais sangue aflorou na palma de sua mão. Ela tentou conter o sangramento, colocando e tirando o papel do ferimento com movimentos ágeis.

— Eu tenho como norma não me envolver com os patrocinadores de ópera — ela disse, sem olhar para ele. Benedek pensou que não deveria desejá-la com tanta intensidade. Uma relação permanente entre os dois seria impossível. Um longo e rumoroso caso seria um escândalo, mas ele não se importava. Concluiu que queria Rayne da maneira que fosse possível, e aquele era um pensamento perigoso. Precisava ter cuidado.

— Meu guarda-costas logo estará de volta. Deixe-me ajudá-la. — Ele pegou algumas toalhas de papel e as dobrou, pressionando-as contra a palma da mão dela. Passou-se algum tempo.

— Obrigada. — Rayne olhou para as mãos dos dois, unidas, não para ele.

— O sangramento deverá parar num minuto. Vamos desinfetá-lo e fazer um curativo quando o segurança voltar.

Rayne olhou para ele.

— Ele já não deveria ter voltado?

Era verdade, e ele tentava ignorar um mau pressentimento, assim como procurava não perceber o desejo de abraçá-la.

— Vamos lhe dar mais um minuto — ele disse, mantendo a pressão na mão dela.

Um minuto se passou.

— Não deveríamos ir procurá-lo? — ela perguntou, retirando a mão e levantando a compressa de papel. O sangramento cessara. Ela recobriu o ferimento com o papel.

— Não podemos nos arriscar a voltar. Precisamos investigar o nosso setor do edifício. Ele sabe onde estaremos e virá nos encontrar. — Eles saíram do banheiro feminino e entraram no masculino, à procura do explosivo. Depois cruzaram o corredor e entraram no primeiro camarim.

— Você tem alguma idéia de como é a bomba? — Rayne perguntou atrás dele, esforçando-se para fingir que não haviam se beijado.

— Grande. Algo bastante poderoso para derrubar o edifício teria de ser bem grande. — Ele queria estar em qualquer outro lugar com ela, menos ali. Os dois examinaram os camarins rapidamente, procurando nos armários e em caixas jogadas nos corredores. Ao chegarem ao camarim de Rayne, ele o examinou detalhadamente. — Se você quiser, pode trocar de roupa — ele disse, depois de constatar que nada havia de perigoso. Ela arrastara a pesada saia do vestido de brocado sem reclamar, mas Benedek notara que a roupa a atrapalhava e que deveria cansá-la. Ele sentiria falta do corpete decotado, depois que ela trocasse de roupa. A imagem dos seios fartos apertados no vestido não lhe saía da cabeça: era uma visão com a qual, ele tinha certeza, sonharia. Tomara! Ele remexeu uma caixa de acessórios e encontrou um lenço de seda prateado,

da cor dos olhos de Rayne.

— Veja. — Com cuidado, ele enrolou o lenço na mão dela, mantendo a compressa de papel no lugar. — Isso vai ajudar. — Ele já se afastava quando notou que o corpete do vestido era abotoado nas costas, à moda antiga. Ela não trocaria de vestimenta durante o espetáculo, e o figurino mantivera a fidelidade histórica, dispensando o velcro ou o zíper usados atualmente nos figurinos de uma grande ópera. Uma das camareiras deveria tê-la ajudado a se vestir. Rayne não conseguiria se despir sozinha, ainda por cima com a mão machucada. — Deixe-me ajudá-la com seu vestido.

Se ela tivesse recebido um centavo cada vez que ouvira o mesmo oferecimento de um homem cujos olhos brilhavam avidamente, depois de uma apresentação... Rayne afastou a lembrança. Ganhara muito dinheiro cantando, não precisava de centavos, nem de outro homem em sua vida. Entretanto, sua hesitação durou apenas alguns segundos, antes que ela se virasse de costas para Benedek. Levaria apenas um minuto para trocar de roupa. Demoraria mais tempo arrastando o vestido que não permitia que eles se deslocassem mais rapidamente, prendendo-se aos escombros e fazendo-a tropeçar. As mãos de Benedek se moviam firmes e ágeis ao longo de suas costas. Rayne ignorou a sensação que os dedos dele causavam em sua pele ao desabotoar o corpete. Quando o vestido se abriu como uma concha, ela o segurou contra os seios. Por causa do modelo do decote, e para não fugir à autenticidade, não usava sutiã.

— Obrigada. — Rayne sentiu as mãos dele em sua cintura, desamarrando a faixa que prendia a saia e depois abrindo os colchetes das camadas de anáguas que haviam por baixo. Ela encostou-se no móvel mais próximo, um grande baú de madeira, para impedir que as saias caíssem, deixando-a apenas com a roupa de baixo. Sua pele formigava: estava praticamente nua, e ele a centímetros de distância. Ela sentiu seus mamilos despontarem e endurecerem, e disse a si mesma que era por causa do frio, apesar de a temperatura do camarim estar agradável.

— Prefiro não deixá-la sozinha, nem para ficar do lado de fora da porta. — A voz dele soou diferente, uma diferença tão sutil que apenas uma cantora treinada notaria a quase imperceptível nuance de tom.

— Claro — ela disse, incomodada por ele se aproveitar daquele truque vulgar.

Entretanto, não havia tempo para o pudor. Se não prosseguissem na busca, achassem a bomba e a desarmassem nos próximos 25 minutos, todos morreriam. Rayne permaneceu de costas para ele, soltou o corpete e pegou a primeira coisa que viu jogada sobre uma cadeira: uma camiseta com a estampa do palácio real de Valtria, que ela ganhara como lembrança de alguém da equipe naquela manhã. A camiseta prendeu na gargantilha de pérolas negras que ela só tirava para dormir. Rayne deu um puxão e a vestiu. Estava muito apertada e colou em seu corpo como uma segunda pele. A imagem do palácio mal disfarçava que ela era covarde demais para atravessar o camarim, seminua, e pegar o sutiã no armário. O lugar estava mais quente que um casaco de peles. A tensão entre Benedek e ela aumentava a ponto de se tornar quase insuportável. A qualquer minuto ela esperava sentir as mãos dele sobre seus ombros. Rayne sacudiu o corpo e deixou as saias caírem; pegou uma calça preta de malha que alguém trouxera da lavanderia e deixara por ali. Um pote de maquiagem derramara dentro de uma das malas durante a viagem, e ela precisara mandar lavar algumas roupas. Ela vestiu a calça e se virou para ele.

Benedek estava parado de costas para ela, do outro lado do camarim. Sua silhueta se recortava contra o estampado escocês do papel de parede. Ele não a vira se vestir. Rayne ficou satisfeita, mas também desapontada. Ela calçou sapatilhas de seda que usara durante a viagem e que estavam à mão.

— Pronto. — Ela se dirigiu para a porta;

— Espere — disse ele em voz rouca, tomando a dianteira e examinando o corredor antes de saírem. Então, lhe deu passagem, como um cavalheiro.

— Onde você acha que está seu guarda-costas? — Ela esperara vê-lo no corredor. Não podia deixar de pensar em Peter e em Tamas, os homens que haviam perdido. Benedek balançou a cabeça, preocupado.

— Não temos tempo de procurar por ele.

Os dois examinaram todos os camarins. Depois de alguns minutos, Rayne voltou a respirar normalmente.

— Para onde vamos agora? — ela perguntou ao chegarem o final do corredor.

— Vamos descer.

— Mas a segunda bomba estava lá. A terceira não deveria estar em outro lugar?

Além disso, Craig e um soldado da guarda haviam ido para lá.

— É um porão muito grande, tem espaço suficiente para duas bombas. Se elas foram colocadas a grande distância, com várias paredes entre as duas, a explosão de uma não acionaria a outra.

Fazia sentido. Rayne desceu atrás de Benedek, sentindo-se mais à vontade sem o vestido pesado e feliz porque logo se encontrariam com Craig e com o outro guarda. Ficar sozinha com ele estava afetando seus nervos já estressados. Uma coisa era resistir a ele de longe; outra era lutar para não se deixar envolver na magia de Benedek quando ele estava tão perto. Ao atingirem a porta de aço do porão, ele parou e se voltou para ela:

— Vamos encontrar a bomba. Vamos sair daqui. — Ele passou a mão nos cabelos dela com ternura e prendeu-lhe uma mecha atrás da orelha. Rayne não estava acostumada a reagir tão intensamente à carícia de um homem. Benedek deu um sorriso sensual, viril, como se soubesse exatamente o que ela estava sentindo. — Nunca vi alguém se cercar de tantas barreiras como você — ele observou. — Isso atiça a curiosidade de um homem.

Rayne necessitava de todas as suas barreiras quando estava perto dele, mas sacudiu os ombros, como se não soubesse do que ele falava, e passou por ele, pronta a entrar pela porta do porão. Precisavam acabar aquela conversa antes que ela dissesse ou fizesse algo que revelasse o quanto ele a afetava. Benedek a puxou para trás dele, como se protegê-la fosse algo instintivo. Ele torceu a maçaneta e falou em voz baixa, por sobre o ombro:

— Apenas um aviso.

— Qual?

— Sou muito bom com barreiras, Rayne.

Claro que era. Ele era arquiteto. Definitivamente, ela precisaria cavar um fosso, assim que tivesse chance, e reforçar suas paredes. Seus devaneios foram interrompidos quando ele abriu a porta de aço, soltou um palavrão e a impediu de entrar. Rayne só poderia mesmo ficar atrás dele. Logo depois da porta, a parede externa do porão ruíra. Havia pilhas e pilhas de tijolos caídos e um enorme buraco onde antes estivera a parede. Pelo que ela podia observar, parecia ser um túnel, mas logo uma forma imóvel em meio aos escombros atraiu toda a sua atenção.

— Craíg! — Rayne correu para o porão, enquanto Benedek tentava segurá-la. Ela se abaixou ao lado do agente, rezando para que ele abrisse os olhos e olhasse para ela,

mesmo sabendo que não seria possível. Craig, o único amigo que lhe restara nos últimos anos, estava morto. Ela não podia deixar de pensar que ele estava ali por sua causa. Tudo acontecera por culpa dela, assim como fora culpada pela morte de sua mãe e de seu irmão. Não era a primeira vez que ela desejava ter morrido no lugar de alguém. Rayne apertou a cabeça de Craig contra o peito. — Sinto muito, desculpe — ela sussurrou várias vezes, sabendo que nada que pudesse dizer ou fazer o traria de volta.

O assassino estava à solta e ninguém sabia quem poderia ser a próxima vítima.

Ao ouvir um ruído vindo do túnel, Rayne virou a cabeça, mas nada enxergou através do véu de lágrimas.

Capítulo Quatro

Benedek estava parado entre Rayne e o túnel, pronto para defendê-la. Porém, o homem cuja forma lentamente aparecia em meio à nuvem de poeira, tropeçando nos escombros, era Vilmos, soldado da Guarda Real, parceiro de Craig nas buscas.

— Alteza. Encontrou algo? — Ele tossiu. Ninguém o seguia. Benedek relaxou, mas se manteve atento ao túnel, assegurando-se de que este estava em sua linha de visão o tempo todo: dele poderia surgir alguma surpresa desagradável. Ao dar o passo seguinte, Vilmos deparou com Craig. — O que há de errado com ele? — O homem correu, tropeçou num grande pedaço de cimento e caiu de joelhos ao lado de Rayne. — Craig? — Ele sacudiu o outro pelos ombros. — Eu disse a ele que seria melhor vir comigo, que não deveríamos nos separar: — Ele olhou para Benedek com olhar tenso, como se receasse que este fosse culpá-lo. — Eu precisava investigar o túnel, Alteza. Poderia ser uma saída para nós, ou uma entrada para os rebeldes. Eu tinha de...

— Você fez bem. — Benedek o tranqüilizou. — Você fez o que era certo. — Rayne estava com a cabeça de seu agente no colo e as lágrimas rolavam por suas faces. O rosto dela estava tão contraído que Benedek pensou que parecia estar prestes a rachar. Ela não soluçava nem gemia. Continha a emoção com uma vontade férrea, a não ser pelas lágrimas que escorriam de seus olhos. Ele tentou se aproximar para confortá-la, mas ela percebeu e balançou a cabeça. Ela mantinha suas defesas com mais força que nunca, e Benedek odiava vê-la sofrer. Ele controlou a ira contra quem fosse que tivesse matado o agente friamente, fitando a grande mancha de sangue no peito de Craig. — Quanto tempo você ficou dentro das catacumbas? Vilmos pareceu confuso.

— Menos de cinco minutos. Ele estava bem quando eu entrei.

— Há algo lá dentro?

— Paredes antigas e escombros. O túnel conduz a algum lugar, mas as paredes ruíram. Acho que não há saída por ali. — Ele olhou para Craig novamente. — Não acredito que isso tenha acontecido. Ele não pediu socorro. Eu teria ouvido. O homem se levantou e passou a mão pela cabeça várias vezes. Era um soldado treinado, mas fazia parte da Guarda Real. Benedek duvidava que ele tivesse enfrentado algo além de algum turista intrometido de vez em quando, desde que ocupara o posto. Até pouco tempo, o

reino vivia em paz. O único conflito armado ocorrera há um ano, e acontecera nas montanhas, no castelo de Maltmore.

— A culpa não foi sua — disse Benedek, estendendo a mão a Rayne. — É melhor voltarmos. — Ele tentou entrar em contato de novo com o guarda-costas, através do fone de ouvido, mas não houve resposta. Conseguiu entrar em contato com os outros e comunicou o que acontecera. Estavam a caminho da escada quando uma voz soou em seu fone.

— Encontrei a bomba. É grande o suficiente para derrubar, no mínimo, os dois andares superiores.

O peso faria com que o resto do edifício desmoronasse.

— Onde você está?

— No sótão, acima da sala da segurança.

O cofre, portanto, não poderia servir de abrigo. Benedek olhou o relógio. Restavam dez minutos para expirar o prazo que os rebeldes haviam dado. Não haveria tempo para ele ir até o sótão, e muito menos para entrar em contato com o esquadrão antibomba e desarmar o artefato, seguindo instruções por telefone. Ele parou, olhou para o túnel e depois para os olhos de Rayne, borrados da maquiagem. Craig fora agente dela. Claro que ela gostava dele. Não deveria estar aborrecido, Benedek pensou. Não deveria sentir tanta necessidade de saber se os dois haviam sido algo mais que simples parceiros de negócios. Ela não lhe pertencia. Jamais seria sua. Era preciso que ele se lembrasse disso, mas só porque ela não era dele não significava que não iria salvá-la, ou morrer tentando salvá-la.

— Todos para o porão, imediatamente — ele ordenou pelo fone.

Agora só havia 11 pessoas. Havia perdido quatro homens, um de cada vez, para o assassino desconhecido. A sensação era de mistério, de filme de terror. O túnel forneceria o cenário perfeito para continuar a história cruel. Benedek chamara o lugar de "catacumbas". A simples palavra parecia de mau agouro. Rayne avançava penosamente na escuridão do espaço úmido e frio, iluminado apenas pela luz das lanternas que alguns guardas carregavam. A boa notícia é que Vilmos se enganara e o túnel não desmoronara completamente.

Eles conseguiram cavar através dos escombros e entrar no labirinto subterrâneo por trás, e, por enquanto, os rebeldes ainda não haviam explodido o teatro. A má notícia é que o pequeno grupo que penetrava nas catacumbas não tinha idéia de onde estava, nem sabia se os estreitos corredores o levariam até alguma saída. Além disso, os rebeldes poderiam explodir o edifício a qualquer momento, soterrando-os para sempre. Porém, o pior é que os celulares não funcionavam no subterrâneo, e eles estavam completamente sem contato com o lado de fora. Ninguém sabia onde estavam, ninguém poderia ajudá-los.

Rayne já ouvira falar nas catacumbas de Roma há muito tempo, quando fora cantar na cidade, e recusara um convite para conhecê-las.

— Que lugar é este, exatamente? — ela perguntou a Benedek, que ia à sua frente. Dois soldados da Guarda Real o precediam, e outros dois caminhavam atrás dela. O gerente de segurança fechava o grupo.

— Palace Hill está cheio de catacumbas. Algumas foram mapeadas, outras não. Esta passagem ninguém conhecia. — Ele falava como quem, de certo modo, desfrutasse da novidade. Rayne pensou que seria absurdo, porque cada nervo de seu corpo estava no limite de tensão. Eles quase tinham sido enterrados vivos! Ninguém ficaria excitado

com uma situação daquelas. — É uma descoberta absolutamente nova — ele disse.

Ela, positivamente, sentiu uma nota de exaltação na voz dele e conteve um gemido. Era provável que ele se visse como um grande explorador de cavernas, e tudo o que ela queria era sair dali. Os olhos dele brilhavam ao olhar para ela. Rayne se conteve e balançou a cabeça: no fundo, ele ainda era um menino, um jovem príncipe de 32 anos. De repente o olhar dele mudou e a envolveu, como se a atraísse e os isolasse do resto do mundo, aquecendo sua pele como uma carícia. Um *homem*, ela corrigiu a si mesma. Apesar de todo o entusiasmo infantil que ele pudesse manifestar pela descoberta, o príncipe Benedek era um homem da cabeça aos pés. Se ela fosse dez anos mais jovem... Rayne se repreendeu intimamente e afastou os olhos, fingindo examinar o piso acidentado sobre o qual caminhavam. Depois de mais alguns metros, o caminho se bifurcava num imenso Y.

— Qual dos lados? — perguntou um dos homens.

— Podemos nos dividir — sugeriu Vilmos. — Haveria mais chance de acharmos uma saída. — Ele ainda parecia ansioso. Rayne evitava olhar para ele, e ele fazia o mesmo. Embora soubesse que não estava sendo sensata, ela não conseguia evitar a raiva que sentia por ele ter deixado Craig sozinho. Os olhos dela ardiam cada vez que pensava em seu agente, e ela tentava conter as lágrimas. Não era do tipo que chorava. O que estaria acontecendo com ela?

— Só que não temos como nos comunicar. — Benedek comentou. — Ficaremos juntos. — Ele entrou em cada um dos corredores do túnel, examinou e voltou.

— O que está fazendo? — Rayne perguntou.

— O da esquerda segue em declive, o da direita parece subir. Iremos pelo da direita. É provável que ele nos leve à superfície.

Eles prosseguiram o mais rápido que podiam, em silêncio e preocupados, pisando com muito cuidado. O túnel logo se estreitou e começou a ficar cheio de curvas. Algumas vezes Rayne tinha a impressão de que caminhavam em círculos. Ela imaginou o que os rebeldes pensariam ao não conseguirem contatá-los.

— A que distância estamos do teatro?

— Andamos no mínimo dois quilômetros, mas se o túnel fez uma volta completa, podemos estar bem debaixo dele — disse Benedek. — Você precisa descansar?

— Não.

Ele a observou por um instante.

— Vamos fazer uma parada — ele gritou para os homens, e parou. *Os homens ouvem tão bem*, Rayne pensou, sorrindo para ele. — Deixe-me ver sua mão. — Antes que ela pudesse protestar, ele pegou na mão dela e desenrolou o lenço que a envolvia, examinando o ferimento. — Vai sarar.

Ela poderia ter lhe dito isso. Agora Rayne mal sentia os ferimentos: na atual situação, eram o de menos. Enquanto isso, os guardas que iam à frente voltaram, e os que vinham na retaguarda se juntavam ao grupo. Primeiro Dezso, depois Vilmos. Esperaram em vão pelo gerente de segurança.

— Vou ver o que aconteceu com ele — Vilmos se ofereceu.

— Não — Benedek disse na mesma hora, enrijecendo o corpo. — Não podemos suportar outra perda.

Haviam perdido o gerente? O olhar sombrio no rosto de Benedek dizia que ele

pensava o mesmo que ela: o assassino os seguira dentro das catacumbas. Pela primeira vez Rayne não se importou por Benedek estar ao lado dela. Ela ficou onde estava, relutando em se afastar. A luz ficou mais fraca. Ela olhou em volta. A lanterna de Dezso apagara. As baterias das outras também não durariam muito.

— Tudo vai dar certo — disse Benedek olhando diretamente para ela. — Este túnel acaba em algum lugar.

Ela rezou para que não fosse num beco sem saída, com um assassino atrás deles.

— Talvez não devêssemos parar — ela sugeriu. Benedek olhou o relógio.

— Cinco minutos. Sentem. — Os homens obedeceram sem hesitar. Depois de um segundo, Rayne os imitou. Benedek estava certo, precisavam recuperar o fôlego. Quem sabia quanto tempo ainda teriam de vagar no subterrâneo, antes de encontrar uma saída? Talvez, se ficassem ali por algum tempo, o gerente poderia encontrá-los... Mas ele não apareceu, e logo se puseram a caminho, com dois guardas à frente dela e do príncipe, e dois atrás.

— Esperem. O inimigo está atrás de nós. Toda a segurança deve estar na retaguarda — Dezso recomendou.

Por um momento pareceu que Benedek iria protestar. A cada homem que desaparecia ou que era encontrado morto o olhar dele se tornava mais sombrio e preocupado. O prazer da descoberta do túnel secreto se evaporara em alguns minutos. Ele parecia dez anos mais velho do que quando entrara no camarim de Rayne pela primeira vez, mas mantinha-se forte, decidido e pronto a enfrentar o que lhes cruzasse o caminho. Afinal, ele não argumentou com Dezso. Tudo o que disse, foi:

— Fiquem juntos, não deixem ninguém, para trás. — Ele continuou a liderar o grupo na direção do desconhecido. Ao chegarem a um corredor cheio de curvas fechadas e que se estreitava, permitindo a passagem de apenas uma pessoa por vez, ele pegou na mão de Rayne. Ela não protestou, embora não se lembrasse de alguma vez ter confiado seu destino a um homem. A sensação não era confortável.

— O senhor acha que as paredes estão estáveis, Alteza? — perguntou um dos homens que vinha atrás deles e cujo nome era tão estranho que Rayne não conseguia se lembrar.

Desde que havia entrado no túnel, Benedek examinara mais as paredes e o teto que o chão, com a luz de sua lanterna.

— Estas paredes estão de pé há mais de 300 anos. Estatisticamente, não é provável que elas desmoronem neste exato momento. — Ele pensou um pouco. — Claro, duas explosões já abalaram o solo em volta do teatro, mas acho que agora estamos bem longe. — Rayne concordava. Apesar de o túnel dar muitas voltas, fazia algum tempo que eles caminhavam em determinada direção. — Mas não custa nada ter cuidado — Benedek acrescentou.

O homem perguntou algo sobre as catacumbas embaixo do palácio. Conversavam mais para manter contato, para constatar se não havia desaparecido mais alguém no fim da fila. Ao contrário do que Rayne imaginara, o príncipe se relacionava facilmente com seus homens. Ela se apresentara para vários representantes da realeza e fora apresentada à rainha da Dinamarca, mas nunca passara tanto tempo com algum deles. Ele não era indiferente, nem exigente, era um homem como outro qualquer. Bem, talvez não. Benedek era bem diferente dos homens que ela conhecera. Rayne precisou admitir que ele derrubara os preconceitos que ela alimentava contra ele. Ele fizera o que precisava fazer, não era mimado, e se preocupava com seus homens.

— Há algo à frente. — Benedek diminuiu o passo.

O coração de Rayne acelerou, mas ele se referia a uma área larga da qual se aproximavam. O túnel parecia se abrir em uma sala, antes de continuar do outro lado. As paredes eram cobertas por grandes nichos escavados do chão até o teto. Em cada um havia uma caixa de pedra. O lugar lhe causou calafrios e Rayne fez uma piada.

— O tesouro escondido? — Os homens se juntaram a eles. Os quatro ainda estavam ali.

— Um cemitério subterrâneo — disse Benedek, não sem um traço de excitação na voz. Rayne ficou arrepiada. Esperava que ele estivesse brincando.

— Mas essas caixas não são grandes o suficiente para servirem de caixão. — As caixas não tinham mais que 30 x 60cm. Seriam caixões de crianças? Rayne ficou chocada.

— Na Idade Média existia uma seita que ocupava parte das catacumbas. Quando algum de seus seguidores morria era enterrado num cemitério normal, para preservar o segredo. Depois de um ano os participantes da seita desenterravam os ossos durante a madrugada e os traziam para os subterrâneos, para enterrá-los de acordo com seu próprio ritual — ele explicou, sem tirar os olhos dos caixões. Rayne se afastou da parede.

— Certo. Estou totalmente arrepiada. O clima fantasmagórico acaba de triplicar. Alguém além de mim sente isso?

Os guardas não pareciam se importar. Benedek parecia contar os caixões.

— Apenas dois deles foram mexidos e saqueados. — Era evidente que ele estava excitado. Ele se aproximou de um dos nichos e correu o dedo pela pedra. Sob a luz da lanterna, Rayne percebeu algumas inscrições num tipo de alfabeto que nunca vira.

— Mensagens secretas medievais?

Benedek olhou para os guardas e hesitou antes de responder.

— É mais recente que isso. Foi escrita há cerca de 200 anos. — Ele mais nada explicou e voltou a tocar a inscrição.

— Você não vai abrir uma delas agora, vai?— Ela estava pronta para prosseguir. Quanto mais rápido, melhor.

Benedek se afastou da parede e lhe deu um sorriso.

— Como você preferir. — Ele limpou a mão na calça. O elegante smoking estava quase arruinado. Saíram do ossário e prosseguiram pelo túnel, deparando com nova bifurcação. Eles escolheram novamente entrar à direita, como haviam feito desde o início, tomando sempre o caminho que subia ou que fosse plano. Benedek calculara que caminhavam na direção do palácio, e todos esperavam que os túneis se conectassem com as enormes catacumbas situadas sob o castelo. O método também garantia que poderiam encontrar o caminho de volta, se deparassem com um beco sem saída.

Rayne se arrastava atrás de Benedek. Ela não tinha relógio e não sabia há quanto tempo estavam ali, mas estimava que já faziam duas horas. Havia caminhado alguns quilômetros, mas, por causa das curvas e mais curvas dos túneis, era bem possível que ainda estivessem longe do palácio. Ela estava prestes a perguntar a Benedek se ele tinha uma noção do quanto estavam distantes quando algo acima de sua cabeça lhe chamou a atenção.

— Pare — ela disse. Benedek parou imediatamente e os outros homens pararam atrás deles. Ela ficou à escuta. Os homens esperaram. — Acho que estou ouvindo o

barulho de água — ela disse, afinal.

Eles começaram a andar, e uns 30 metros adiante atingiram uma parte do túnel onde uma rachadura se abria no teto. Uma torrente de água escorria do alto, formando uma imensa poça no chão. Era provável que houvesse alguma abertura no solo por onde a água escoava. O lugar deveria ter estado mais cheio de água em algum momento, porque a fenda era bem grande.

— O senhor acha que a rachadura pode nos levar à superfície, Alteza? — Dezso olhou para o teto.

— Pode ser água do riacho Liberty — observou Vilmos.

— O que significa que estaríamos perto do Liberty Park e nos afastando do palácio. — disse Benedek, iluminando o teto com a lanterna.

— Eu poderia subir e dar uma olhada — Dezso sugeriu. — Podemos estar 10 ou 20 metros abaixo da superfície, ou mais perto. — Na mesma hora os outros guardas se juntaram para formar um apoio onde ele pudesse subir. O guarda ficou de pé sobre os ombros dos outros componentes do grupo.

— Afaste-se. — Benedek puxou Rayne para trás. — Tente não tocar em nada. Não queremos um desmoronamento — ele disse para Dezso.

Contendo a respiração, Rayne observou enquanto o homem enfiava, primeiro, a lanterna e, depois, a cabeça pela abertura. Se fosse tão fácil, se pudessem todos escalar a parede e alcançar a superfície!

— Alguma coisa? — perguntou Vilmos.

— O caminho da água não é direto. Consigo ver apenas 60 centímetros adiante. Não há espaço para entrar. — Dezso tirou a cabeça da rachadura e pulou de volta para o chão com o uniforme todo molhado.

— Vamos beber e continuar — disse Benedek.

A água fresca e limpa parecia o paraíso. Rayne lavou o rosto e tirou a maquiagem de palco. Benedek estava logo atrás dela, mais perto do que ela esperava quando se virou. Ela deu um rápido passo para trás e perdeu o equilíbrio. Ele a segurou.

— Você esqueceu um pedaço. — Ele esfregou o dedo no rosto dela, debaixo do olho direito. Na mesma hora uma onda de desejo os envolveu. Ele não iria beijá-la na frente de seus homens, iria? Com certeza, era o que parecia. Que Deus a ajudasse! Ele foi abaixando o dedo até atingir sua boca, e ela se arrepiou. Ela ficava excitada toda vez que ele a tocava, o que em geral não acontecia quando ela estava com outros homens. Rayne não queria reagir daquela maneira quando estivesse com ele.

— Obrigada. — Ela engoliu em seco e tentou colocar alguma distância entre os dois. Os guardas já haviam atravessado a poça que tinha uns três metros de largura e cuja profundidade atingia até a metade da perna. Antes que Rayne tivesse a chance de entrar na água, Benedek a levantou nos braços.

— Segure-se.

Fora-se a distância entre eles. Ela não teve outra alternativa a não ser abraçá-lo pelo pescoço.

— Realmente, isto não é necessário. — Nem inteligente ou seguro. Não quando seu corpo se aquecia em todos os lugares onde eles se tocavam. Ela não precisava nem um pouco passar um tempo nos braços do príncipe. Ele deu um sorriso alegre.

— Não deixe ninguém dizer que o cavalheirismo não existe em Valtria. — Ele

atravessou a água e a colocou no chão do outro lado. Por alguma razão, ela não se desvencilhou dos braços dele imediatamente. Os quatro guardas haviam seguido em frente para investigar e sumiram em uma curva do túnel. Benedek se virara, para poder examinar o outro lado da poça que acabavam de atravessar. Com certeza, procurava se precaver de que alguém pudesse tê-los seguido furtivamente. Rayne não conseguiu relaxar. O desejo e a atração entre os dois não haviam diminuído: na verdade, haviam aumentado, e cresceram ainda mais quando ele gentilmente puxou-lhe um cacho de cabelos e o prendeu atrás da orelha.

— Receio que seu penteado tão bonito esteja se desmanchando, senhora. — O sorriso provocante de Benedek faria qualquer outra mulher desmaiar, qualquer uma que não tivesse a história que Rayne tinha com os homens.

Naquele momento, ela não conseguia desviar o olhar dos olhos dele. Quando conseguiu, afinal, ela fitou-lhe os lábios. Aquela boca beijara a sua, ainda que fosse para distraí-la ao tirar o caco de vidro da palma de sua mão. O beijo não durara mais que dois segundos, mas jamais seria esquecido. Rayne acreditava ser inteligente demais para se deixar abalar por algo tão inconseqüente, mas ao se lembrar daquele beijo rápido a temperatura do túnel parecia ter subido vários graus. Os dedos dele brincavam com seus cabelos e roçavam seu pescoço. Um desejo intenso brilhava nos olhos dele. Teria sido tão fácil se entregar! O desejo dele por ela era sedutor a ponto de intrigá-la. Em geral, Rayne mal esperava para se afastar dos homens que queriam possuí-la. Benedek era diferente. Havia uma ligação entre eles que ela não conseguia definir nem negar. Porém, não fazia diferença. Não seguiriam aquele caminho. Ela precisava se afastar antes que fizesse algo estúpido como chegar mais perto dele.

— Não — ela disse em voz alta, como para se certificar que os dois se entendiam.

— Em breve — ele prometeu.

O tom dele arrepiou as costas de Rayne e a atingiu profundamente. Estava na hora de colocar alguma distância entre os dois. Antes que ela pudesse se mexer, os guardas voltaram. Vilmos pigarreou.

— Não há mais água nem saída, pelo que pudemos ver. Devemos pensar em voltar, Alteza? O senhor estaria mais seguro no teatro. A equipe de resgate irá para lá. Dali o senhor poderá negociar com os rebeldes.

Benedek retomou a liderança do pequeno grupo, pegou a mão de Rayne e a arrastou atrás dele.

— Ainda não — ele disse. Depois de caminharem algumas dezenas de metros, chegaram a uma tripla divisão do túnel. Se não tivessem parado para pensar que caminho escolher, Rayne não teria escutado o rumor abafado de vozes.

Capítulo Cinco

Rayne tinha uma audição excelente, e Benedek agradecia por isso. Sem ela, teriam optado pelo caminho errado, não teriam encontrado os homens que estavam ali

perto e a saída. Se é que fora isso que haviam encontrado... O instinto o fez agir com cautela.

— Em que lado você acha que eles estão? — ele sussurrou a pergunta.

Rayne deu alguns passos em cada direção, escutou e balançou a cabeça.

— É como se as vozes viessem do outro lado da pedra. — Ela apontou a parede lisa à sua frente. Talvez uma das passagens do túnel desse uma volta completa. A única maneira de descobrir seria entrar em todas as três, antes que as pessoas que estivessem ali fossem embora e eles perdessem sua chance.

— Seja quem for, aproximem-se com cuidado. Caso se descubra algo, ou não, nós nos encontraremos aqui dentro de meia hora. — Benedek apontou para Vilmos e Dezso e os mandou entrar no túnel da esquerda. Os outros dois guardas foram designados para o túnel da direita. Ele e Rayne entrariam no do meio.

— Quem você acha que eles são? — ela sussurrou.

— Talvez estejamos chegando perto de uma seção das catacumbas aberta ao público. Podem ser turistas. — Mas ele não conseguia esquecer os rebeldes, nem o assassino que estava dentro do túnel com eles, embora não conseguisse imaginar tomo o sujeito poderia ter passado à frente deles. Benedek olhou para trás: nada além da escuridão. — Fique calada até que possamos identificá-los.

Enquanto seguiam em frente, ele ouvia as vozes mais claramente, apesar de entender apenas uma palavra ou outra.

— Se for algum ritual macabro de sepultamento que envolva a escavação de ossos, vou gritar e sair correndo na escuridão. — Rayne chegou mais perto dele. Benedek conteve um sorriso, sem acreditar totalmente no que ela dizia. Ele não conseguia imaginá-la gritando e correndo de algo. Rayne era uma fortaleza, apesar da fragilidade escondida nos olhos cinzentos, sobre a qual ele gostaria de saber mais.

— Acho que não precisamos nos preocupar com enterros misteriosos, a não ser que tenhamos cruzado algum portal do tempo — ele murmurou. Assim que eles avistaram luz à frente, Benedek desligou a lanterna. Eles se aproximaram com cuidado, lentamente.

— Perdi contato — disse uma voz familiar, mas ele não conseguiu identificá-la.

— Mudo? — perguntou outra voz.

— Também perdi contato com nosso homem infiltrado. Que diabos estão fazendo lá dentro?

— Talvez tenham se matado uns aos outros.

— Seria a melhor solução — disse o primeiro homem.

— E nossos homens do lado de fora?

— Completamente cercados por um contingente muito mais numeroso.

— Não temos nada com que negociar uma saída. Odeio sacrificá-los.

— Se a operação liquidar com aquele maldito príncipe, valerá o preço que será pago — disse a voz conhecida. Benedek queria avançar e descobrir a identidade dos homens, mas não poderia arriscar a vida de Rayne. Outros três homens conversavam mais adiante, e poderia haver muitos outros. Deviam estar armados, e ele nada tinha além de um revólver e uma lanterna. Ele fez um sinal para Rayne. *Vamos voltar*. Eles se juntariam aos outros e ele decidiria o que fazer. Os soldados da Guarda Real estavam armados. Um deles protegeria Rayne, enquanto ele e os outros atacavam.

A volta foi mais lenta que a ida. Agora que sabiam que o inimigo estava à frente, a cautela fora redobrada. Benedek prendeu a lanterna na faixa do smoking e os dois tatearam o caminho de volta no escuro. Ele receava que a luz revelasse sua presença. Com a mão direita, ele seguia a parede para saber quando chegassem à junção dos três caminhos. Com a esquerda, ele segurava a mão de Rayne. Ela tinha dedos longos que se encaixavam perfeitamente nos dele. Dedos de pianista. Ela tocava diversos instrumentos muito bem, mas o canto era seu maior talento. Rayne também nada tinha da diva exigente de quem os jornais falavam. Ela enfrentara a situação tão bem quanto qualquer dos seus homens, embora ele desejasse poder abraçá-la e confortá-la, se tivesse oportunidade. Não que ela fosse deixar, o que dificultaria tudo, porque agora ele se dera conta de que não iria admitir que ela saísse de sua vida. Benedek pensou que se não pudesse tê-la para sempre, aceitaria o que conseguisse. Ele se casaria por dever, mas concederia a si mesmo uma última loucura. Ninguém esperava que ele mantivesse o celibato até se casar, e ele não mantivera.

As paredes que Rayne construía à sua volta a protegiam, mas ele não era o tipo de homem que fugia a um desafio. Benedek gostaria de perguntar a ela o que a levava a temer tanto os homens, mas fazer algum ruído naquele momento não seria inteligente. Ele ficou calado até chegarem à junção dos corredores, onde ligou de novo a lanterna.

— Você deveria sentar e descansar — ele disse. — Vamos esperar pelos outros. — Dez minutos se passaram em silêncio. — Você está ouvindo algo? — A audição dela provara ser mais acurada que a dele. Rayne balançou a cabeça. Esperaram mais dez minutos. A meia hora que haviam combinado já passara.

— Você acha que eles foram capturados? — Os olhos dela se arregalaram de preocupação. Ele imaginara o mesmo.

— Acho que não. Nosso túnel levava até os rebeldes. — Ele tentou identificar a voz familiar que ouvira e ficou aborrecido por não conseguir. Esperaram mais dez minutos, depois mais dez. Quando se passou uma hora desde que tinham se separado dos quatro guardas, Benedek levantou e estendeu a mão para Rayne, odiando não lhe restar outra opção a não ser colocá-la em perigo. — Precisamos ir.

— Para onde?

— De volta até os rebeldes. Ela ficou rígida.

— Não podemos esperar mais um pouco?

— Corremos o risco de que eles saiam. Precisamos encontrá-los e segui-los. Eles conhecem a saída.

As horas se passaram enquanto eles esperavam. Homens entravam e saíam do subterrâneo que os rebeldes ocupavam. Deveria haver outra saída, uma vez que ninguém saía pelo túnel estreito onde Benedek e Rayne se escondiam atrás de uma curva, à espreita. Assim como Benedek antes da parede explodir, era provável que ninguém soubesse da passagem tortuosa que conduzia até o teatro. Rayne mudou de posição para reativar a circulação na perna direita. O barulho da conversa entre os rebeldes diminuía, e depois de meia hora parou. O celular de Benedek mostrava que era mais de meia-noite.

— Você acha que eles dormiram? — ela perguntou em voz baixa.

— Creio que sim. — Ele estivera alerta o tempo todo, vigiando o movimento.

— Por que estão aqui embaixo?

— Pode ser um dos esconderijos deles.

— Você não acha que estão à nossa procura?

— Se fosse o caso, não estariam dormindo. Eu diria que os rebeldes ainda não invadiram o teatro. Se eles não sabem se saímos ou não do edifício, não devem ter avisado aos comparsas que podemos estar nas catacumbas. — Ele mal se mexia, assim como ela. Rayne tivera dificuldade em se ajeitar. Seu corpo doía por causa da caminhada, por sentar sobre a pedra, por se encolher nas últimas duas horas. De vez em quando, seu estômago roncava tão alto que ela pensava que os homens poderiam ouvi-lo e descobri-los ali. Em geral, ela não comia antes da apresentação, e já passara muito da sua hora de jantar.

— Vou dar uma olhada. Você fica aqui. — Benedek levantou e lhe entregou a lanterna que haviam desligado para economizar as pilhas. Como se por vontade própria, a mão de Rayne agarrou o braço dele. Não haviam escutado nenhum ruído no túnel desde que estavam ali, mas o assassino poderia estar à espera, escondido. Ela não queria ficar sozinha no escuro.

— Tudo bem? — ele sussurrou.

— Sim. — Ela teve que fazer um esforço para soltá-lo. Estava aliviada por ele não poder enxergar o medo que estaria estampado em seu rosto.

— Ei. — No momento seguinte ele a puxava para os braços, apertando-a contra o peito. A sensação de conforto que a invadiu foi impressionante. Ele era afetuoso, forte e sólido. Ele não a soltou: com certeza, esperava que ela o fizesse.

— Estou apavorada. Um pouquinho — ela admitiu a contragosto.

— Venha comigo, mas não fique muito perto. Se algo acontecer, corra de volta ao entroncamento e se esconda em um dos outros túneis. — Ele lhe entregou o celular.

— Não funciona — ela lembrou a ele.

— Ele tem um localizador. É procedimento padrão para toda a família real. Não sei se funciona aqui embaixo, mas, se funcionar, em algum momento eles a encontrarão, por mais que tenham de cavar.

O fato de ele não ter mencionado aquele detalhe antes a fez concluir que provavelmente o localizador não funcionava naquela profundidade, mas que ele queria lhe dar alguma esperança. Rayne precisava de esperança, e se agarrou a ela.

— Nada vai acontecer a você, e seremos encontrados — ela disse.

Ele roçou os lábios nos dela. No escuro, ela não pressentira o beijo, e, mesmo que soubesse, duvidava que fosse protestar.

Entretanto, Rayne ainda não estava preparada para admitir que ele começava a derrubar sua resistência e se afastou.

Benedek avançou, andando junto à parede. A claridade que vinha do local onde os rebeldes dormiam projetava sua silhueta no túnel. Rayne não tirava os olhos dele e mantinha os ouvidos em alerta para detectar qualquer ruído que pudesse indicar a presença de alguém atrás dela. Ela o seguiu a pouca distância. Apertava a lanterna com tanta força que seus dedos ficaram dormentes. Ela pensou ter escutado um ruído, apesar da dificuldade de ouvir com o coração latejando em seus ouvidos. Virou-se com a lanterna em punho, pronta para atacar, mas nada aconteceu. Era difícil relaxar à medida que os segundos passavam. Alguns passos à frente, Benedek parou. De onde estava, ele conseguia ver o covil dos rebeldes. Rayne conteve a respiração.

— Estão dormindo — ele sussurrou, depois de terem voltado alguns passos, a uma distância segura para falar. — Eles têm mais de uma sala. A saída pode estar em

qualquer uma. Acho que nosso túnel fez uma volta completa. Deve haver outra saída mais à frente.

Rayne registrou a informação.

— Você quer dizer que vamos ter que nos arrastar entre os rebeldes? — Ela sentiu o coração se contrair. Não era uma boa idéia. Ela era uma cantora de ópera, não tinha a mesma agilidade de um ladrão. Porém, Benedek estava decidido.

— Tão silenciosamente quanto possível.

Os rebeldes deveriam ter uma saída ali perto. Este foi o único pensamento que a levou a se mexer. Rayne desejou que Benedek pegasse sua mão novamente, mas sabia que ele deveria manter as duas mãos livres, caso fossem vistos e atacados.

Benedek levava o revólver na mão direita e a lanterna desligada na esquerda. Rayne deslizou atrás dele, pisando com cuidado. Sua respiração era ofegante, e quando o ar lhe faltou, ela fez o costumeiro exercício respiratório para se acalmar. Não podia se arriscar a arquejar a poucos metros dos rebeldes. A situação era tão absurda que ela se sentia como se estivesse no palco, desempenhando um papel. A vida real, *sua vida real*, era bem diferente. O que fazia ali? *Tentava sobreviver*, lembrou a si mesma enquanto dava mais um passo. Logo estavam perto o suficiente para ver quatro dos homens. Havia uma cadeira, duas mesas, dois colchões sujos no chão. A sala dava para outras salas, como Benedek dissera. Os homens dormiam. Nenhum deles estava armado, mas havia dois rifles encostados na parede do outro lado, armas ameaçadoras, das quais Rayne não conseguia afastar os olhos. Quando Benedek avançou, ela o seguiu. Deveriam cruzar apenas alguns metros, mas estariam totalmente expostos. Rayne rezou como nunca fizera antes. De repente, ela viu uma sacola de plástico cheia das famosas rosquinhas recheadas com geleia de rosas de Valtria e começou a salivar. Seu estômago roncou e ela parou. Benedek se virou para ela e seus olhos se arregalaram de maneira quase cômica. Um dos homens se mexeu. Rayne conteve a respiração. Será que seu estômago roncara *tão* alto? O homem se imobilizou novamente e ela começou a respirar aliviada, mas viu que o pé dele esbarrara nos rifles, que começaram a escorregar para o chão. Quando eles caíssem...

Benedek agarrou Rayne pelo pulso e a empurrou para a frente, antes que ela tivesse chance de entrar em pânico. Quando os rifles caíram no chão, os dois já estavam escondidos no túnel do outro lado, protegidos por uma parede. Um dos homens praguejou, e depois se fez silêncio. O coração de Rayne galopava fortemente. Fora por pouco. Ela deu um pequeno sorriso de agradecimento para Benedek. E pensar que sua maior preocupação nas noites de estreia era não perder a voz ou errar uma nota... Depois daquela noite, nunca mais sentiria um pinga de medo de entrar no palco... Se é que sobreviveriam até a manhã seguinte.

Eles chegaram a uma sala que se abria para mais uma. Escutaram com cautela. Rayne não ouviu nenhum som de respiração. Benedek ligou a lanterna e viu que era um depósito. As marcas nos caixotes estavam escritas em francês. Ela olhou para ele com um olhar indagador.

— Munição. Veio da Legião Estrangeira francesa. — A questão estava evidente nos olhos dele: como aquele material teria chegado até ali? Do outro lado da sala vinha alguma claridade. Benedek desligou a lanterna antes de se aproximar e verificar a passagem. Avançaram em silêncio, ele primeiro, ela atrás. À direita havia uma sala cheia de caixas de arquivos. Na sala da esquerda, homens dormiam. Do lado oposto havia um túnel que talvez levasse à rua, mas eles não tiveram tempo de verificar porque ouviram vozes vindo daquela direção: os homens que chegavam logo acordariam os demais. Benedek olhou para Rayne com o ar contrariado e os dois se moveram ao mesmo tempo,

mergulhando entre as caixas de arquivos.

Benedek se agachou num canto, entre duas pilhas de caixas. Rayne sentou atrás dele, com os joelhos encostados no peito. Ele vigiava os homens através de uma fresta entre as caixas. Usavam armas pesadas, incluindo fuzis AK-47. Seis homens entraram na sala do outro lado.

— Então, vão ou não vão explodir a maldita coisa? — um deles perguntou.

Discutiam calmamente a destruição de seu magnífico teatro. O homem cuja voz Benedek reconhecera não estava entre eles. Deveria ter ido embora quando o novo bando chegara.

— É provável — disse, dando de ombros, um homem tão gordo que sua barriga pendia do colchão. — Não pegamos nenhum dos príncipes. O mínimo que podemos fazer é ocupar o edifício. Precisamos mostrar trabalho.

— Ele disse isso? — perguntou um terceiro. Eles se referiam ao chefe, mas sem mencionar seu nome.

— Claro. Depois ele me contou, passo a passo, o que pretende fazer amanhã e depois de amanhã — disse o primeiro, gargalhando. — Ele vai explodi-lo.

O gordo cocou o peito.

— Sempre falando em simbólico isso ou aquilo. Ele vai explodi-lo e diz que é o símbolo da ira do povo, ou coisa parecida.

Com o corpo todo tenso, Benedek esperou que eles dormissem. Ele gostaria que Rayne também dormisse, porque ela precisava de um descanso, mas nem precisava olhá-la para ver que estava bem desperta: irradiando tensão. Ele examinou o lugar de novo, sem se mexer. Ao contrário do que pensara, aquele não era o quartel-general dos rebeldes. Não havia computadores, telefones ou eletricidade. A sala principal era iluminada por lampiões de querosene. Não havia quantidade suficiente de armamentos, a não ser pelas armas de uso pessoal dos homens e pelas caixas de munição da sala anterior. Pelo jeito como os homens conversavam, era evidente que os líderes não estavam entre eles. Ele olhou para as altas pilhas de caixas. Estavam na sala de informações. Se os homens dormissem, ele poderia abrir uma das caixas. Talvez elas contivessem o registro de colaboradores, de doações em dinheiro, mapas, planos e sabe Deus o que mais. Benedek olhou para o outro lado do túnel, onde os homens haviam se calado e cochilavam ou dormiam. Então, ele olhou para o chão a seus pés: estava tão coberto de poeira que ele não teria notado a estranha inscrição na pedra, se não estivesse agachado ao seu lado e se a luz dos lampiões, que penetrava por uma fresta entre as caixas, não incidisse sobre elas num ângulo determinado.

Benedek esperou mais 20 minutos antes de se arriscar a fazer algum ruído ao sentar. Ele passou o dedo sobre as letras, iguais às que ele encontrara no ossário: o código secreto da Irmandade da Coroa. O código deixara de ser secreto desde que um especialista descobrira a chave para decifrá-lo. O homem fora o mais famoso decifrador de códigos de Valtria, durante a Segunda Guerra Mundial, e, depois que a guerra acabara, sentira-se entediado. Quando eram adolescentes, Benedek e os irmãos haviam lido, mais de uma vez, o livro que ele escrevera sobre o assunto. Na época, eles estavam obcecados com a irmandade: aprenderam o código secreto e costumavam usá-lo para escrever mensagens uns aos outros nas paredes do palácio, para desespero dos empregados, que precisavam apagá-las.

Rayne esticou as pernas em torno dele.

— Descanse — Benedek sussurrou. Ele tinha a idéia de onde ficava a saída,

depois de observar por onde os homens entravam, mas o caminho estava bloqueado pelos rebeldes adormecidos e não havia como passar por eles. Um dos homens começou a roncar na outra sala. Rayne se remexeu atrás dele, Benedek se virou e viu que ela se inclinava na sua direção. O rosto dela estava a centímetros do seu, e ela tentava ver por sobre seus ombros. Ele reparou que ela possuía os lábios mais incríveis que ele já vira. Os olhos cinzentos pareciam mais escuros na obscuridade, cercados por cílios negros. Ela se inclinou para a frente e encostou os seios em suas costas

— O que é isso? — ela sussurrou na orelha dele, causando um arrepio. Na mesma hora, Benedek ficou excitado, rígido como a pedra que chamara a atenção dela. Ele virou a cabeça e percebeu que ainda tocava na inscrição do chão.

— Uma mensagem de 200 anos.

— De quem?

— Da Irmandade da Coroa, uma sociedade secreta de príncipes que salvaram este país mais de uma vez. — Do outro lado, mais um homem começou a roncar. Alguém arrastou a mesa no chão.

— Silêncio, vocês dois — disse um homem, apagando a luz. Houve alguns minutos de silêncio e, depois, o ronco recomeçou. O homem reclamou de novo e ligou um rádio, procurando sintonizar uma música.

— Eles têm eletricidade? — Rayne se aproximou mais ainda, apoiando a cabeça no ombro de Benedek. A parede era fria demais para que ela conseguisse dormir.

— Deve funcionar com bateria. — Ele não se importava por ela estar tão perto. Juntos, geravam bastante calor. Ele ficou calado por algum tempo, dando a oportunidade de Rayne descansar, mas ela não parava de se mexer a cada segundo. — Seria bom se você conseguisse dormir. — Ele percebeu que podiam conversar baixinho, sem risco de acordar os homens. Rayne ficou calada um momento.

— Eu costumo dormir com a luz acesa — ela disse, afinal. Passou algum tempo até que Benedek compreendesse o significado do que ela dizia. Ele e seus irmãos jamais tiveram medo do escuro, mesmo quando ainda eram crianças.

— A escuridão sempre foi minha amiga. Eu e meus irmãos tivemos várias aventuras no palácio depois que as babás dormiam. — Ele puxou as mãos dela e fez com que ela o abraçasse peça cintura. — Eu estou aqui.

Rayne não se afastou, mas também não o apertou. Ele sentiu, logo em seguida, que ela relaxara.

— Passei grande parte da minha infância sozinha. Meu irmão apareceu quando eu tinha 10 anos — ela disse.

— E seus pais? — Ele conhecia a carreira profissional de Rayne, mas sua vida particular sempre fora cuidadosamente resguardada. Ela não respondeu de imediato.

— Não conheci meu pai. — Benedek acariciou a mão dela. — Minha mãe quase nunca estava em casa.

— Quem cuidava de você? — Mais um momento de silêncio.

— Eu cuidava de mim mesma. — Aquilo não explicava por que ela tinha medo do escuro. Os pensamentos que ocorreram a Benedek o deixaram arrepiado. Ele cobriu as mãos dela com as suas.

— Alguém machucou você?

— Não, claro que não. — A resposta veio depressa demais.

— Sou um príncipe, tenho algum poder.

—Tenho certeza que sim, mas não sou uma donzela em perigo.

De fato, ela não era, mesmo na atual situação. Ela enfrentara a reviravolta de acontecimentos com calma, maturidade e firmeza. Estavam naquilo juntos. Por mais que ele quisesse, na verdade não a estava protegendo ou salvando.

— Que pena! Eu gostaria de correr em seu socorro e de reclamar o prêmio — ele brincou, tentando fazê-la relaxar.

— Eu sempre soube que os resgates principescos tinham alguma intenção escusa.

— Pode apostar. — Ele riu para si mesmo. — Gostaria de poder livrá-la da escuridão, mas ligar a lanterna é muito arriscado.

— Tudo bem. — O silêncio desceu entre eles por algum tempo, até que Rayne falou: — Nem sempre tínhamos dinheiro para pagar as contas. Às vezes, passávamos meses sem luz. — Benedek começou a imaginar a situação. Ela deveria ficar sozinha num apartamento escuro, provavelmente na pior região da cidade: aqueles que não podem pagar a conta de luz não costumam morar em mansões. — Foi quando comecei a cantar, só para ouvir minha própria voz. Cantar me distraía. Eu cantava até ficar exausta, sem me importar com os vizinhos, que reclamavam, batendo na parede. Afinal, era a maior atenção que alguém me dava. — Ela se conteve. — Desculpe, parece que estou com pena de mim. É o cansaço. — Ela suspirou e o abraçou. Benedek estava consciente de que ela estava sem sutiã e não conseguia esquecer a visão da foto do palácio esticada sobre seus seios: os mamilos de Rayne despontavam exatamente na janela do quarto dele e na biblioteca. Maldição, na biblioteca! Só de pensar ele ficava excitado. Fora ali que, quando ele tinha 14 anos, uma empregada se oferecera para lhe mostrar os seios. Claro que uma coisa levava a outra e... Ele sempre fora um príncipe ousado e curioso. Era difícil lembrar do passado com o corpo de Rayne apoiado no dele. Se ela quisesse lhe mostrar algo... Benedek mudou de posição: precisava afastar o pensamento de coisas que não aconteceriam, com certeza, naquela noite. Ele se esforçou para retomar o assunto da conversa.

— Pensei que você tinha sido descoberta cedo. — Ele imaginara que ela passara a juventude em meio à fama e à fortuna, como ele.

— Aos 9 anos. Muita coisa pode acontecer antes dessa idade. — Havia constrangimento na voz dela. Benedek demorou para entender. Teria que matar alguém. Ele matara em combate, durante a rebelião do ano anterior, mas não de modo calculado. O pensamento e o sentimento eram novos para ele, e a consciência de que seria capaz de fazê-lo o surpreendeu. Precisava saber o que tinha acontecido, quem eram os responsáveis, e tomaria uma atitude assim que saíssem dali. Não estava na hora de provocar as lembranças ruins de Rayne. Estava na hora de confortá-la. Ele se virou o máximo que conseguiu e tentou puxá-la para o colo, mas Rayne resistiu.

— Está vendo aquela caixa de plástico preto, cheia de furos?

— O que é? — ela perguntou.

— Uma ratoeira. — Na mesma hora ela sentou no colo dele, encolheu os pés e o abraçou pelo pescoço, olhando a escuridão fixamente.

— Você joga sujo.

— Tem razão, mas não se sente melhor? — Benedek a abraçou com força e recuou até encostar na parede. — Vou vigiar seu sono. Relaxe. — Na outra sala, os rebeldes roncavam como trovoada. O som ecoava nas catacumbas, juntando-se à música. Pareciam mortos para o mundo. Ele e Rayne poderiam relaxar por algum tempo.

Ela riu baixinho.

— Estou sentada no colo de um príncipe.

Ele tinha plena consciência do fato e apreciava a situação, mas *estavam* apertados.

— O espaço é pequeno?

— Há bastante espaço. Só estou com dificuldade de relaxar.

— Eu estou relaxado — ele mentiu, trincando os dentes.

— Você é incorrigível.

— Pelo contrário. Sou o mais jovem dos príncipes. Comparado a alguns de meus irmãos, sou totalmente inocente. Na verdade, nada tenho de perigoso.

— Alguém acredita nisso?

— Você acredita?

— Por favor...!

— Uma das coisas que aprecio em você é sua inteligência excepcional. — Rayne se afastou um pouco.

— Você sabia que eu gostava de você. — Ela se afastou um pouco mais.

— Não sou esse tipo de cantora.

— Nunca pensei que fosse.

— Sua dedicação é lisonjeira, mas...

— Nada disso — ele interrompeu. — Não quero a resposta padrão.

— Tive alguns relacionamentos fracassados. Tive um péssimo casamento.

— Não comigo.

Rayne se virou.

— Cantora se torna amante de príncipe. Isso não é um clichê?

— Você não é minha amante — ele observou tristemente.

— Você quer dizer que me deseja como amiga? — perguntou ela, como quem diz que todos os homens querem a mesma coisa.

— Desejo você em todos os sentidos, Rayne. — Só de pensar em possuí-la o corpo dele reagiu de novo.

— Não sou valtriana, sou divorciada, e sou muito mais velha que você. Você está querendo provocar um escândalo?

— Todas essas desculpas não têm importância — disse ele, sabendo que mentia. Teria de pagar um preço, não apenas pessoalmente. Diante da situação política instável, um escândalo abalaria ainda mais a monarquia, mas era difícil pensar no assunto com Rayne sentada em seu colo.

— Então você não vai aceitar nenhuma objeção razoável?

— Apenas uma.

Rayne esperou em silêncio. Benedek pegou o rosto dela, desejando poder observar sua reação. Quando ela conteve a respiração, ele tomou isso como um sinal e a beijou. Os lábios dele estavam quentes, firmes e ávidos. O calor que invadiu o corpo de

Rayne a assustou. Ela achava que seria fácil resistir, mas se entregou, agarrando-se a ele. *Só mais um pouco*, pensou. Há muito tempo que ninguém fazia com que ela se sentisse daquele jeito, se é que alguém já fizera. Estavam presos no subterrâneo e sendo procurados por assassinos. Sem ele, ela estaria perdida. Se aquele fosse o último beijo que receberia de um homem, que importância teriam mais alguns segundos? Ele ativara todas as suas sensações com um simples beijo. Era gentil, mas persistente. Talvez soubesse beijar melhor que ninguém. Quando ele se afastou, para ela ainda não fora o bastante. Benedek a segurou pelos ombros sem nada dizer, como se esperasse por algo. Talvez esperasse uma resposta. Rayne não conseguia lembrar sobre o que conversavam... Ela, afinal, recordou.

— Que razão você aceitaria para não cair nessa loucura? ela perguntou.

— Que você não me desejasse. — Rayne caíra na armadilha. Não poderia afirmar que não o desejava, depois de corresponder ao beijo como se estivesse faminta. — Você não tem nada a dizer?

Ela tinha muita coisa a dizer, mas levantar a voz estava •fora de questão, e tudo o que diria perderia a eficácia se ela sussurrasse.

— A vida é mais que desejar — ela disse.

— Não neste momento.

Ele era teimoso. Talvez fosse uma característica dos príncipes, acostumados a conseguir o que queriam. Não seria novidade.

— Não quero uma aventura fria e pública, comentada nos tablóides.

— Diga o que você quer.

Ele era esperto e tranqüilo. Conheciam-se apenas há um dia. Rayne sempre se recusara firmemente a se tornar amante de algum homem rico e agora ele estava a meio caminho de convencê-la a aceitar. Ela o subestimara, mas, talvez, por outro lado, ele a tivesse subestimado também.

— Você mal me conhece. — Era uma objeção perfeitamente sensata. Ele não teria como argumentar.

— Eu acompanhei sua carreira.

Rayne gemeu. Não lhe faltavam fãs que pensavam conhecê-la apenas porque haviam assistido a um espetáculo, ou porque tinham lido algum artigo sobre ela nos jornais. Ela recebera centenas de propostas de casamento depois que seu divórcio fora publicado na mídia. Esperava mais do príncipe. Ela desejou se afastar, mas o espaço não lhe dava muita opção.

— Você só me conhece pelo que foi publicado na mídia. Por que acha que daria certo? — ela perguntou.

— Você só *me* conhece através do que foi publicado na mídia. Por que acha que *não* daria certo? — Ele era irritantemente esperto. — Pode ser complicado, ou pode ser simples — ele sussurrou, junto ao rosto dela.

— Simples como?

— Como isto — ele disse, beijando-a de novo.

Ele precisava parar. Ela não conseguia pensar quando ele a beijava daquele jeito. Rayne percebeu que ele precisava provar seu ponto de vista, mas ela também precisava. Benedek estava provando que podia fazer com que ela o desejasse. Ela deveria provar que era capaz de resistir, mas estava falhando miseravelmente, e odiava falhar. O

problema é que gostava mais dos beijos dele do que odiava fracassar, o que era muito desconcertante. Afinal, ela recorreu a toda a sua força de vontade e afastou a cabeça.

— Isto não é hora nem lugar.

— Pode ser a única hora que teremos. Desejo você.

Rayne sabia que era verdade, afinal, estava sentada no colo dele. Ela se contorceu, o que só aumentou o problema. Ela percebeu e se forçou a ficar rigidamente sentada, com o rosto pegando fogo.

— Você não está falando sério. Agora?

— A qualquer hora, em qualquer lugar.

Pelo tom de voz, Rayne percebeu que ele sorria. Precisava sair do colo de Benedek, mas não tinha para onde ir.

— Você não pode simplesmente declarar algo assim para uma pessoa — ela disse, furiosa. Deusa protegesse dos jovens príncipes ousados.

— Você preferia que eu nada dissesse e que tentasse atraí-la para minha cama? Preferia que eu tentasse suborná-la com jóias?

— Claro que não! — Na verdade, ela apreciava a franqueza de Benedek, mas não queria gostar de nada que se referisse a ele. Se fosse esperta, teria continuado a não simpatizar com ele, embora fosse preconceituoso e irracional. Ele a levava à loucura.

— Então você gostou da maneira como estou conduzindo este assunto? — Ele a abraçou pela cintura.

— Não! — Ela bateu na mão dele, lamentando não poder gritar. Não era fácil expressar indignação quando só podia sussurrar.

— Acho que você gosta de mim. — Ele ainda parecia sorrir, e sua voz tinha um tom de surpresa.

— Não!

Benedek a puxou contra o peito. Rayne sentiu o calor invadi-la. Precisava resistir. Ela sentiu à mão dele subir por seu corpo, e sua respiração acelerou. Estava perdida. Ele era um patife de primeira classe. Ela não acreditava que ele tentava seduzi-la naquela situação em que um perigo mortal os espreitava bem próximo. Estavam num depósito, a um grito de distância de rebeldes assassinos, e ele tentava... Rayne nem acreditava que ela mesma pudesse pensar naquela possibilidade. Ela conteve a respiração quando ele aproximou os lábios do rosto dela.

— Você gosta de mim — ele sussurrou. — Acho que você me deseja tanto quanto eu desejo você. Você terá bastante tempo para se acostumar com a idéia depois, quando sairmos daqui. Teremos muito tempo para ficar juntos. Agora, descanse.

Rayne aguardou, mas ele nada mais disse e não fez mais nada. Deus do céu! Era só isso? Ele a mandava dormir depois de fazê-la acreditar que pretendia seduzi-la ali, naquele momento?

— Príncipes! — ela murmurou, enfiando o rosto no ombro de Benedek. — Não se consegue convencê-los, nem se livrar deles. — Uma gargalhada silenciosa sacudiu o peito dele. Ele tinha coragem de rir dela. — Assim que sairmos destas malditas catacumbas, espero jamais vê-lo de novo, *Alteza*.

— Acho que você poderia manter os olhos fechados, mas não seria tão divertido — ele respondeu.

Rayne levantou a cabeça, mas não conseguiu ver o rosto dele;

— Do que você está falando? — Ele a apertou nos braços.

— Assim que sairmos daqui, pretendo fazer amor com a *senhora*.

Capítulo Seis

Benedek acordou ao ouvir o som de vozes na outra sala e tapou a boca de Rayne, antes de acordá-la com um beijo na ponta da orelha. Durante o pouco tempo que dormira, ela estivera documente relaxada em seus braços. Pena que não fosse assim quando estava acordada. Ela não abria mão de suas defesas.

Rayne acordou e enrijeceu o corpo ao constatar onde estavam.

— Bom dia — ele murmurou na orelha dela, desejando que os rebeldes fossem para o inferno. Gostaria que estivessem em outro lugar, sozinhos e longe do perigo, com os corpos colados.

— O plano B será acionado — confirmou, na outra sala, a voz que ele reconheceria.

— Encontraram uma entrada? — perguntou um homem com voz comedida.

O primeiro deveria ser algum tipo de chefe. O problema é que Benedek não conseguia vê-lo de onde estava. O Movimento de Libertação tinha três líderes de identidade desconhecida. Todos eram ricos, talvez industriais, com bastante dinheiro para financiar duas revoltas em dois anos. Aquele deveria ser um deles, ou algum intermediário importante: alguém que Benedek já encontrara mais de uma vez. Se ele conseguisse juntar um rosto à voz, teria um nome.

— Uma entrada direta para o palácio. Cinco anos de trabalho duro, mas valeu a pena — vangloriou-se o homem.

— Quando?

— Amanhã à noite.

— E o teatro?

— As forças de segurança recuperaram o edifício, sob o comando dos malditos príncipes. Não conseguimos pegar nenhum deles. Nem tivemos chance de explodir a última bomba. — O homem parecia furioso. — Tivemos algumas baixas.

Fez-se silêncio por algum tempo. O coração de Benedek ficou mais leve.

— O que devemos fazer? — perguntou um terceiro homem.

— Abrir espaço para mais homens. Vamos entrar no sistema de túneis e seguir até o palácio a partir daqui. Ainda pegaremos Suas Altezas.

Benedek estremeceu. O palácio seria atacado, ele não teria como avisar a família, e ele e Rayne logo seriam descobertos. Ele olhou pela fresta entre as caixas. Mesmo que

conseguisse agarrar dois rebeldes e que trocassem de roupa com eles, ele e Rayne seriam reconhecidos imediatamente. Todos os conheciam, não conseguiriam passar por dois rebeldes anônimos. Benedek esperou que o líder saísse, mas, com a luz que vinha do outro lado, ele não conseguiu divisá-lo o rosto. O homem saiu por uma das aberturas do túnel: deveria ser a saída para a superfície. Se houvesse um jeito de segui-lo...

Ele olhou para Rayne em seus braços. Ela ainda estava sonolenta e seus lábios revelavam vulnerabilidade. Ainda não tivera tempo de botar sua armadura para enfrentar o dia, mas logo a vestiria. Ele a ajudou a se agachar entre as caixas. Talvez *pudessem* seguir o homem. Tudo dependeria do tempo que teriam até a chegada do novo contingente de rebeldes. Talvez não chegassem imediatamente, já que o ataque fora planejado para a noite seguinte. Se pudessem escapular... Seria arriscado, mas não tanto quanto ficarem ali, esperando para ser descobertos. Outra alternativa seria encontrar o túnel que os levaria diretamente ao palácio. Porém, como o homem dissera ter precisado de cinco anos de pesquisa e muito trabalho para encontrar a passagem, Benedek não achava que ele e Rayne pudessem encontrá-la por acaso nas próximas 36 horas.

— Precisamos sair daqui — ele disse, apenas movendo os lábios, sem falar.

— Como? — ela perguntou da mesma maneira.

Benedek tirou os sapatos e fez um sinal para que Rayne o imitasse. Em seguida, ele fez sinal para que ela o esperasse e pegou a única coisa de que poderia dispor naquele momento: o celular. Precisariam da lanterna e do revólver. Ele rastejou até a sala de munições e, depois, para o túnel por onde haviam entrado. Com todas as forças que tinha, jogou o celular o mais longe possível, para que batesse na parede e fizesse bastante barulho. Não foi difícil: o som ecoou no túnel.

— Que diabos? — Enquanto ele recuava, os homens correram para investigar. — O que foi isso? Tem alguém aí? — Eles correram na direção do ruído.

Benedek correu de volta até Rayne e juntos saíram pelo túnel que supostamente levava à superfície. Descalços, eles não faziam tanto ruído quanto fariam se estivessem calçados, mas, mesmo assim, se alguém escutasse com cuidado, poderia ouvi-los. Benedek contava com o ruído que os próprios guardas fariam ao procurar a origem do ruído no túnel, de forma que não os ouviriam. Nos primeiros 300 metros não tiveram problemas, mas logo em seguida chegaram a uma bifurcação. Teriam de adivinhar qual o caminho da saída. Seguindo o sistema anterior, escolheram o túnel em aclave. Na divisão seguinte do túnel, a decisão foi mais difícil. Havia quatro passagens, todas relativamente planas. Desperdiçaram minutos preciosos, o que foi o suficiente para serem alcançados por um dos perseguidores.

O homem corria a toda velocidade. Benedek empurrou Rayne para dentro do túnel da direita e se enfiou no da esquerda. Se o homem entrasse no da esquerda, ele o enfrentaria sem que Rayne corresse algum risco; se entrasse no túnel da direita, ele o atacaria pelas costas, antes que pudesse alcançá-la; se fosse em frente, simplesmente o seguiriam depois de alguns minutos, sem precisar enfrentá-lo. Infelizmente, o homem entrou à direita. Benedek o seguiu e pulou sobre ele, rosnando ao baterem no chão com um ruído seco. A lanterna que o homem carregava desligou. Cego por alguns segundos, Benedek tateou ao redor e, afinal, conseguiu ajoelhar sobre o braço do outro, imobilizando-o antes que ele pudesse usar a arma. Em seguida, agarrou a cabeça do oponente e a torceu de lado, para trás. O pescoço do homem deu um estalo macabro e sua cabeça caiu molemente no chão assim que Benedek o soltou.

— Fique onde está. Irei até você num segundo — ele disse para Rayne num sussurro. Ele a ouvia se agitar no escuro, mas resolveu manter a escuridão por mais algum tempo. Era melhor que ela não visse aquilo. Benedek tateou o corpo do homem e

encontrou a pistola no cós das calças, na parte de trás. Ele a apanhou e enfiou-a na faixa do smoking, junto com a sua. Em seguida, procurou os sapatos que deixara cair ao atacar o oponente. Ele só ligou a lanterna depois de caminhar alguns passos na direção de Rayne, e, mesmo assim, assegurando-se de que o foco de luz iluminasse à frente.

— Você está ferido? — ela perguntou. Pela primeira vez ela fazia um gesto para alcançá-lo. Benedek gostaria de saborear o momento, mas não tinham tempo a perder.

— Precisamos prosseguir. — Ele a pegou pela mão e a puxou.

— Você não atirou nele. — Um tiro teria ecoado nos túneis, atraindo os rebeldes até eles.

— Está morto. Não se preocupe com ele. Rayne ficou calada, mas sua mão se contraiu sob a dele.

Depois de algum tempo o túnel começou a subir. Deveriam estar perto da superfície. Benedek começava a ficar otimista quando, ao fazerem uma curva, deram de cara com um grupo de homens armados. Eles estavam em silêncio, examinando uma rachadura no teto. Se estivessem andando ou conversando, Rayne os teria escutado. Eles apontaram suas armas e Benedek jogou sobre eles a única coisa que carregava na mão: à lanterna.

— Corra! — ele gritou para Rayne, puxando a pistola e atirando cegamente enquanto corria atrás dela. Logo as balas das duas armas que ele tinha terminaram, mas já estavam diante de outra bifurcação. Rayne entrou em um dos túneis, e ele a seguiu, acompanhando o ruído de seus passos. Ela parou de repente. Ele esbarrou nela e a segurou, sem perceber que suas mãos reconheciam as deliciosas curvas do corpo dela. Ela recomeçou a andar, dessa vez com cautela. O ruído de botas ecoava nas paredes dos túneis atrás deles. Benedek tateava a parede, satisfeito por terem feito uma curva no exato momento em que uma lanterna iluminava o caminho atrás deles.

— Nada aqui, mas há uma curva adiante — disse uma voz.

— Nada aqui também.

— Nada — informou uma terceira voz.

— Vamos nos dividir.

Benedek empurrou Rayne novamente. Enquanto andavam, estivera tudo bem, mas agora que corriam os dedos dos pés se feriam e sangravam, por causa das pedras do chão. Ele odiava pensar que Rayne também estaria se ferindo, mas ela não se queixava, e continuava.

— Devíamos parar para descansar — ele disse, depois de fazerem várias curvas e de não ouvirem mais ninguém atrás deles. Por um momento, pareciam estar a salvo.

— Não. — Ela continuou a caminhar, um pouco mais devagar. Ao chegarem a um trecho em que uma entrada de túnel havia desabado, eles usaram o espaço como banheiro, um de cada vez, enquanto o outro vigiava. — Isso é revoltante. Tenho pena de quem viveu antes da invenção do banheiro — ela disse quando os dois recomeçaram a caminhar.

— Como estão seus pés? Devem estar doendo. Deixe que eu a carregue por algum tempo.

— Não exagere no papel de príncipe valente. Não tenho pés delicados. Meus pés já dançaram no palco dentro de sapatos dois números menores. Eles podem suportar a situação.

Não ao lado dele, maldição!

— Peço desculpas. Eu tinha planos bem diferentes para sua visita.

— Aposto que sim — ela disse com ironia. Benedek sorriu na escuridão.

— Certo. Eu admito. Eu tinha uma vaga intenção de seduzi-la.

— Vaga?

— Está bem, uma intenção explícita.

Rayne resmungou bem-humorada e continuou andando.

— Aprecio sua honestidade, mas realmente não me interessa pelo assunto.

— Justo quando eu estava abordando o tema. Tem certeza? Estou disposto a compartilhar alguns detalhes...

— Não! — O protesto saiu num agradável tom agudo.

— Suponho que você tenha passado por muitas tentativas de sedução. — O ciúme mostrou sua cara feia.

— Demasiadas — ela disse seriamente.

— Pensei que as mulheres gostassem de ser conquistadas.

— Dentro de certo limite.

O instinto protetor de Benedek despertou de novo, como acontecera ao ouvi-la falar de sua infância. Como se ela também se lembrasse da conversa, Rayne murmurou:

— Odeio esta escuridão. — Assim que ela falou, eles fizeram uma curva e viram uma luz adiante, depois de outra curva. Ela se calou na mesma hora. Avançaram devagar e com muito cuidado. Levaram dez minutos para percorrer a distância até a curva. Quando Benedek espiou com cautela, constatou que a luz não vinha de algum grupo de rebeldes. A luz da manhã penetrava por uma abertura 15 metros acima deles.

— Conseguimos.

Rayne parou sob a luz e levantou o rosto. O sorriso dela o fascinou e provocou um nó na garganta. Ela parecia um anjo desarrumado, com os cabelos negros desgrehados caindo sobre os ombros. A gargantilha de pérolas negras se deslocara, e pela primeira vez Benedek percebeu que ela escondia uma longa cicatriz. O vergão fazia agudo contraste com a perfeita delicadeza de Rayne e na mesma hora provocou o instinto protetor de Benedek.

— O que é isso? — Ele a pegou pelos ombros e a virou para ele.

Rayne olhou para ele e escondeu a cicatriz com a mão, ao mesmo tempo em que se afastava.

— Nada. — Ela olhou para a luz novamente.

A cicatriz era bem saliente para Benedek perceber que não era resultado de alguma cirurgia; Ele precisava saber.

— O que aconteceu?

Rayne deu de ombros e resolveu ignorá-lo, examinando as paredes do que parecia ser um poço. Lisas como o granito e sem apoio para o pé, ele também notou. A abertura ficava a uns 15 metros de altura, ou mais.

— Alguém machucou você. — Benedek olhou para a mão delicada que escondia a cicatriz e descobriu que não conseguia pensar em outra coisa, nem mesmo em como

escapar dali.

— Faz muito tempo.— Os olhos dela imploravam para que ele não insistisse.

— Quem foi? — Ele não conseguiu evitar.

— Eu nem sei o nome dele. — Afinal, ela se voltou para ele, aparentemente pronta para satisfazer sua curiosidade. — Eu lhe disse que minha mãe me deixava muito tempo sozinha. Uma vez um amigo dela apareceu e me convenceu a deixá-lo entrar para esperá-la.

Benedek fechou os punhos. Sabia que iria odiar aquela história.

— Ele me disse que tinha dinheiro para entregar a ela. Era mentira. Ele roubou a tevê. Fazia semanas que não a usávamos. Era um daqueles períodos sem dinheiro para pagar as contas — ela comentou, indiferente.

Benedek crescera no palácio e teve dificuldades para conseguir imaginar o contexto do que ela dizia, mas não para compreender o perigo pelo qual ela passara.

— A cicatriz? — Ele podia imaginá-la claramente como fuma criança sozinha, no escuro, à mercê de um canalha. O sangue dele ferveu.

— Ele queria mais que a televisão. Cansou de esperar por minha mãe. Resolveu me bater para se divertir. Ele pensou que minha mãe tinha um estoque escondido de bebidas para uma emergência e tentou fazer com que eu revelasse o esconderijo. Como não respondi, ele cortou minha garganta com um canivete e me deixou ali para morrer. — Benedek não conseguiu falar. As cenas que imaginava desafiavam as palavras. Suas emoções variavam da ternura à fúria assassina. — Uma vizinha ouviu a gritaria e foi reclamar. Ela chamou a ambulância. O engraçado é que — ela falou numa voz cuidadosamente indiferente —, mais um milímetro e ele teria danificado minhas cordas vocais. Eu jamais teria sido cantora.

Benedek a abraçou com força, desejando mantê-la ali para sempre. Ele se apavorou ao pensar que algo pior poderia ter acontecido com ela, o que não tinha lógica, porque tudo ocorrera há muito tempo e ela estava ali, a salvo.

— Está tudo bem — ela disse.

— Nem em um milhão de anos. — Ele roçou os lábios ao longo da cicatriz, desejando fazer com que ela desaparecesse. Queria poder protegê-la. No passado, não pudera, mas agora poderia. Precisava apenas esquecer que ela estava perto, e seu desejo por ela. Ele ajeitou a gargantilha para esconder a cicatriz. — Vamos sair daqui.

A saída no teto era fechada por uma grade de ferro por onde podiam ouvir o ruído distante de carros. Benedek olhara todo o tempo para Rayne, ou para cima. Dessa vez, olhou para o chão a seus pés. Havia moedas espalhadas por todo lado.

— O que é isso? — perguntou Rayne, vendo o dinheiro pela primeira vez.

— Um dos poços dos desejos. Existem sete nos jardins em volta do palácio.

— Então, estamos perto? — A voz dela se encheu de esperança. De repente, ela esquecera o passado e o escondera atrás de uma parede impenetrável. Benedek se perguntou se o fato de Rayne ter lhe revelado algo de sua história tinha algum significado. Ele gostaria de discutir o assunto, mas não naquele momento.

— Estamos bem perto. Vamos encontrar um jeito de subir e pedir ajuda. Não deve ser muito difícil. Metade do país está à nossa procura.

— Mas a parede é muito lisa — ela disse, duvidando.

— Talvez haja algum apoio para as mãos um pouco acima. Suba nos meus ombros.

Rayne não protestou. Quando Benedek juntou as mãos e fez um calço, ela subiu. Ela quase não pesava. Deveria ser mais magra ainda quando era criança, e havia a falta de dinheiro. Alguém a machucara... Ele relaxou os ombros tensos. Precisava se concentrar no que faziam no presente.

— Alguma coisa? — ele perguntou, enquanto ela ficava de pé e apalpava a parede.

— Nada. Lisa. Existe um jardim público aí em cima?

— Existe.

— As pessoas passeiam com os cachorros de manhã. — Antes que ele pudesse responder, ela começou a gritar. — Socorro! Socorro!

Rayne tinha uma voz poderosa. Ele se juntou a ela e gritou. Poderia ser a única chance de saírem dali. O poço amplificava o som. Benedek esperava que as paredes grossas fizessem seus gritos ecoarem através dos vários túneis, o que dificultava os rebeldes de identificarem sua direção. Não era a melhor estratégia, mas não havia muita escolha. Não poderiam esperar até que alguém passasse por acaso ao lado do poço. Gritar por socorro era uma boa idéia. Mais cedo ou mais tarde seriam encontrados.

Infelizmente, os inimigos estavam mais perto do que eles pensavam, e chegaram antes de um possível auxílio. Quando Benedek ouviu as botas batendo contra as pedras atrás deles e colocou Rayne de volta no chão, já era tarde. Os quatro homens armados corriam para eles e estavam a distância de tiro.

A luz que entrava pela abertura do poço clareava o pequeno espaço. Seria difícil errar a pontaria. Eles não tinham chance, Rayne rezava com fervor para conseguirem fugir rapidamente, embora, pela primeira vez, estivessem encurralados. Benedek chegara à mesma conclusão, porque se colocou na frente dela e suspendeu as mãos, em sinal de rendição. A primeira reação dele sempre era protegê-la. Para Rayne, aquela era uma nova experiência, com a qual não sabia lidar: sempre cuidara de si mesma. Entretanto, as palavras e as ações de Benedek durante a louca escapada haviam-na comovido e abalado de uma maneira inexplicável. Porém, não havia tempo para pensar. Ela também levantou as mãos, rendendo-se.

— Alteza — zombou um dos homens, cutucando Benedek com a ponta do rifle.

Benedek se voltou para dar a ela um olhar de encorajamento, e depois os acompanhou, sem responder à provocação. Tudo o que Rayne pensava é que eles o queriam morto. Eram quatro contra dois, e estavam armados. A vantagem é que os celulares não funcionavam ali embaixo, o que significava que os rebeldes não poderiam pedir reforços.

Rayne reparou que os ombros de Benedek estavam caídos demais. Pelo pouco que o conhecia, sabia que ele não era homem de desistir facilmente. Ela tinha certeza de que ele planejava algo, e resolveu não desgrudar os olhos dele. Estaria pronta, caso ele lhe desse algum tipo de sinal. A vida deles dependia da capacidade de aproveitar a menor oportunidade. Tudo ficou mais difícil quando, ao chegarem a uma bifurcação, o rebelde que vinha atrás dela pegou-a pelo braço e a empurrou para dentro do túnel da direita, enquanto os outros homens levavam Benedek para o túnel da esquerda.

Separá-los não era um bom sinal.

Capítulo Sete

— Benedek! — Rayne não estava orgulhosa por gritar o nome dele em pânico, Depois de tudo que haviam passado, ficar sozinha com um maníaco homicida, num túnel cuja escuridão era quebrada apenas pela luz da lanterna que ele carregava, era demais para ela. Sua famosa coragem se desfazia.

— Virei buscá-la — Benedek respondeu em voz firme e segura.

Não, ele não voltaria. Rayne queria acreditar na promessa, acreditar nele, e quase conseguia — o que a deixaria intrigada, se parasse para pensar. Porém, o instinto lhe ensinara, depois de anos de duras decepções, que não deveria deixar seu destino nas mãos de ninguém. Se queria sobreviver, deveria encontrar um meio de se salvar sozinha. Diante desse raciocínio, seu terror foi aplacado. Teria que ser objetiva, com sempre. As dificuldades estavam de volta, e ela precisaria resolvê-las. A primeira coisa a fazer era analisar a situação. Apenas um homem a escoltava, enquanto três acompanhavam Benedek. Sendo mulher e cantora, deveria ser subestimada. Ela tivera aulas de defesa pessoal em determinado momento da vida, mas não se lembrava de muita coisa. Entretanto, praticava ioga com religiosa regularidade. As *asanas* ajudavam com o cansaço das apresentações, e os exercícios respiratórios eram ótimos para o canto. A ioga está relacionada com a força, tanto interna quanto externa. Rayne se concentrou, alcançou seu ser mais profundo e se livrou das sapatilhas de seda como que acidentalmente, fingindo tropeçar.

— Desculpe. Só um segundo... — Ela se virou de frente para o rebelde e agachou para pegar as sapatilhas. Ao levantar, bateu o topo da cabeça na lanterna, enquanto agarrava o fuzil com a mão direita, ignorando a dor do golpe. A lanterna voou longe e caiu a alguns centímetros de distância, iluminando a direção oposta. Rayne tinha o elemento surpresa a seu favor. Ela pulou para trás assim que agarrou o fuzil com firmeza e procurou o gatilho, tentando apontar na direção do rebelde. O homem segurou a arma com as duas mãos, tentando recuperá-la. Rayne levantou o joelho e tentou atingi-lo na virilha. A julgar pelo gemido, e pelo fato de o homem cambalear para trás, acertara o alvo. Ela correu, tentando ficar à distância e atirou cegamente, mirando os dois lados do túnel, mas errou. O homem não caiu. Muito pelo contrário, se esticou. Rayne gritou ao ver a enorme silhueta delineada pela luz que o iluminava por trás se mover na sua direção.

Benedek ouvira os tiros e o grito de Rayne. Aquilo acabou com seu plano de esperar o momento adequado para atacar os homens que o mantinham sob a mira das armas. Ele esperava que os rebeldes quisessem manter Rayne como refém, mas se os miseráveis a ferissem... Ele se virou e se jogou em cima do homem que o seguia, sem pensar na dor ou em ser ferido. Eliminou-o imediatamente, chutando-o e quebrando-lhe o joelho. Agarrou-se aos outros dois e caíram juntos. Nenhum dos dois ousava atirar enquanto estavam embolados no chão. O que tivera o joelho quebrado gritava e tentava se afastar da confusão, arrastando-se. Benedek procurava alcançar uma arma e teria vencido se alguém não tivesse entrado no túnel. Quando ele ouviu o barulho de passos era tarde. O recém-chegado o derrubou com uma coronhada de fuzil na cabeça. Ele não

chegou a ver quem era. Mergulhou na escuridão.

Rayne corria pelo túnel, aliviada por não estar sendo seguida. A última rajada de tiros deveria ter atingido o homem. Ela precisava encontrar Benedek antes que ele e seus oponentes se afastassem pelo túnel, deixando-a totalmente perdida. Era algo que ela temia quase tanto quanto o assassinato de Benedek pelos rebeldes. Era o que eles pretendiam, e ela não podia esquecer disso nem por um segundo. Afinal, ela ouviu barulho mais adiante: passos de apenas um indivíduo. Teria Benedek escapado também, e voltara para procurá-la? Ela rezou para que fosse o caso. Depois de pensar um pouco, concluiu que, *se pudesse*, ele *voltaria* para buscá-la. Desde o início ele a protegera. Ela só precisava se acostumar com aquela ideia e aceitá-la. Ele era mais que um homem rico à procura de um troféu. Ele era...

— Benedek? — ela sussurrou, vendo a luz da lanterna e a sombra de quem a carregava, movendo-se lentamente. A altura e a forma pareciam corresponder às dele. — Benedek? — ela perguntou, dessa vez mais alto. O homem parou.

— Srta. Williams?

A voz parecia conhecida, mas ela se preparou para atirar, enquanto se aproximava. Afinal, ela viu o homem. Era um dos guardas que haviam entrado no túnel com ela e Benedek na noite anterior. Se ela se lembrava corretamente, o nome dele era Vilmos.

— O que faz aqui? Onde estão os outros? — A esperança a invadiu com impressionante rapidez. Se ela encontrara os guardas reais, teriam uma boa chance de salvar o príncipe. Porém, Vilmos abaixou a cabeça, com uma expressão de tristeza.

— Nós nos perdemos. Nós nos separamos para procurar a saída e não os vi novamente. — Ele levantou a cabeça. — Mas acho que encontrei a saída.

— Como? Onde?

— Passei algum tempo no Exército quando era jovem. Fizemos algumas manobras aqui embaixo. Reconheço esta parte dos túneis.

— Graças a Deus. — Rayne pendurou o fuzil no ombro e o empurrou para as costas. Estava mais que pronta para sair dali, mas ainda não podiam. — Os rebeldes aprisionaram o príncipe Benedek. Estão à nossa frente.

— Vou protegê-la e resgatar o príncipe, senhora. Não se preocupe, sairemos daqui.

Outro oferecimento de ajuda e de apoio. Talvez Benedek estivesse certo e ela precisasse diminuir suas barreiras um pouco para dar uma chance às pessoas.

— Estou sem munição. Encontrei alguns rebeldes e precisei atirar — ele disse.

— Graças a Deus você se salvou. — Ela foi sincera, mas não entregou o fuzil. Sentia-se segura há poucos minutos e ainda precisava se agarrar a ele por mais algum tempo. — Por aqui. — No entroncamento do túnel onde ela e Benedek haviam sido separados, Rayne entrou à esquerda. — Se você tirar os sapatos, poderemos ir mais depressa, sem que nos ouçam.

A dor dos pés esfolados nada era em comparação com o perigo que Benedek corria. Descalços, eles correram silenciosamente. Rayne pensou ter ouvido um ruído e agarrou o braço de Vilmos, fazendo sinal para que ele ficasse quieto. De algum lugar à frente, vinha um barulho de algo sendo arrastado. Algo pesado. Rayne conteve a respiração e seu coração quase parou. Se ela chegara tarde... Não queria pensar na possibilidade nem em por que, de repente, Benedek se tornara tão importante para ela a

ponto de fazer com que seu coração pesasse e ela não conseguisse respirar. Ela andou mais devagar, seguida por Vilmos. Desligou a lanterna e fez sinal para que o soldado fizesse o mesmo. Foi bem a tempo: depois de alguns passos a mais, eles viram uma luz fraca e as silhuetas dos homens que estavam à frente deles no túnel. Carregavam um corpo que parecia sem vida, segurando-o pelas axilas, e com as pernas arrastando pelo chão de pedra: Benedek. O coração de Rayne se encolheu e pareceu parar por um tempo. Vilmos estendeu a mão para ela sem nada dizer, com expressão insistente: *o fuzil*. Ele deveria ser um atirador melhor que ela. Ela tirou a arma do ombro e ia entregá-lo ao guarda quando um dos homens se virou e os viu. O homem deu um grito em alemão. Rayne apertou o gatilho, mirando acima da cabeça de Benedek, e acertou um dos homens por acidente.

No mesmo instante, Benedek abandonou sua posição inclinada e se jogou sobre o homem mais próximo, mantendo-o ocupado. O terceiro homem atirou na direção de Rayne, que avançava, atirando. Vilmos tentou detê-la, mas ela não teria parado nem que quisesse. Uma carga de adrenalina a impulsionava a atacar. Rayne percebeu que Vilmos parara e se encostara à parede para se proteger, mas ela seguiu adiante. As balas zumbiam em torno dela, que apertava o gatilho sem parar enquanto corria. Assim que chegou perto, jogou o fuzil para Benedek e se atirou no chão bem a tempo: uma bala zumbiu sobre sua cabeça, tão próxima que lhe roçou os cabelos. Agora todas as lanternas estavam no chão e iluminavam apenas até a altura dos tornozelos. Rayne mal enxergava Benedek quando ele afinal se livrou de seu oponente e atirou sem hesitar. Em seguida, ele se abaixou ao lado dela.

— Você foi ferida? — Ele passou as mãos no corpo dela e a abraçou. Beijou-lhe a testa com ansiedade, e tentou beijar-lhe os lábios. Rayne o desejava tanto que se assustou e se afastou automaticamente.

— Está machucado?

Ele olhou para ela por um segundo na semiescuridão, com um ar inescrutável.

— Não.

Graças a Deus! Ela poderia tê-lo atingido facilmente quando matara o rebelde. Era uma cantora de ópera de 40 anos, não uma agente treinada. O que pensara? Agora que a luta acabara, ela começou a tremer.

— Alteza. — Vilmos se aproximou correndo. Rayne se afastou de Benedek. Ela quase esquecera de que Vilmos estava ali.

— Onde você estava? Onde estão os outros? — Benedek soltou Rayne, levantou-se e recolheu as armas dos rebeldes mortos. Vilmos o ajudou e ao mesmo tempo se rearmou, contando o que acontecera desde que haviam se separado. Rayne recolheu as lanternas. Precisando da segurança da luz, quanto mais, melhor: estaria armada contra a escuridão por algum tempo.

— Ele sabe o caminho da saída. — Ela lembrou o mais importante, tirando as sapatilhas presas no cóis da calça e calçando-as.

— Vamos. — Benedek sorriu e finalmente relaxou. Ele bateu no ombro de Vilmos. — Você lidera a caminhada.

O homem pareceu indeciso. Talvez temesse errar na frente do príncipe; talvez estivesse embaraçado por ter ficado para trás, enquanto Rayne corria em meio a uma saraivada de balas. Ela lhe deu um sorriso encorajador: corria apenas porque não era treinada para ficar parada e calma. Ela entrara em pânico e corria para a única pessoa em quem confiava: Benedek. Mais tarde, depois que saíssem do túnel, precisaria pensar

no assunto.

— Você conhece o caminho. Vá na frente — ela disse a Vilmos. Ele concordou e iniciou a jornada.

— Qual é a distância? — Benedek perguntou, andando perto de Rayne..

— Uns 800 metros — Vilmos respondeu.

— Onde sai o túnel?

— Na estátua do Soldado Desconhecido. Benedek parou de repente.

— Nunca soube que havia uma entrada ali.

— Não é usada há décadas. — Vilmos deu uma olhada para trás. — Antigamente, durante a Guerra Fria, era mantida em segredo. Foi usada para exercícios militares nos subterrâneos. Pelo que me lembro, acharam que eram apenas alguns quilômetros de túneis entrelaçados. Acho que não perceberam que estavam ligados às catacumbas.

Rayne pensou que talvez não estivessem, na época, mas uma parede derrubada poderia ter aberto uma passagem. Eles não estavam correndo, mas andavam tão rápido quanto possível. Ela ignorava os pés doloridos e mantinha o passo. Caminhava no meio dos dois. Benedek caminhava atrás dela. Rayne desejava que ele lhe pegasse a mão como antes, mas todos empunhavam lanternas e seguravam armas prontas para atirar.

Vilmos fez voltas e reviravoltas sem hesitar, mas não chegaram a lugar algum. Rayne já começava a imaginar se ele realmente conhecia o caminho ou se queria apenas se mostrar para o príncipe, quando chegaram à entrada. Infelizmente, a saída estava bloqueada por uma porta de aço vigiada por alguns rebeldes.

Benedek atirou imediata e sem hesitar. Rayne e Vilmos se jogaram no chão assim que ele começou a atirar, para não atrapalharem. Os dois atiravam do chão, sem muita eficácia. Os rebeldes responderam com uma rajada de balas. Benedek ajoelhou para diminuir o alvo dos oponentes. Ele era e sempre fora um bom atirador. Ele e os irmãos praticavam quase diariamente com os rifles de caça do pai, desde que eram crianças, e faziam competições de tiro no verão. Quando todos os rebeldes caíram, ele correu e se colocou entre os homens e Rayne. Vilmos se aproximou, de fuzil em punho: se algum sobrevivente representasse ameaça, ele tomaria providências. Porém, ao examinar os corpos, ele constatou que Benedek acertara os alvos. Vilmos deu um passo para trás.

— Srta. Williams?

— Estou bem, obrigada.

Benedek olhou para trás e viu que Rayne levantava. Ele então examinou os rebeldes. Não conhecia nenhum deles. O homem cuja voz reconheceu não estava entre eles. Quatro homens mortos. Ele relaxou o braço que empunhava a arma. Eles não representavam mais perigo.

O perigo estava às suas costas.

— Benedek! — Rayne gritou ao mesmo tempo em que Vilmos falava.

— Solte a arma, Alteza.

Benedek se virou levantando a arma e ficou paralisado com o que viu. Vilmos apontava o fuzil para a cabeça de Rayne. Ela deveria ter sido apanhada de surpresa, porque não tivera tempo de se defender. Ele sentiu o sangue congelar. O cúmplice dos rebeldes era um soldado da Guarda Real. Maldição, ele deveria ter imaginado. Benedek engoliu o gosto amargo da traição.

— Pense um pouco — ele avisou ao homem, mas Vilmos se colocou diante dele com um ar ameaçador. Todos os homens mortos no teatro... Vilmos tivera contato com todos eles. Um guarda real. — Por quê?

— Não quero morar num casebre, tendo que contar o dinheiro do jantar — ele disse com sarcasmo. — É uma preocupação que você não entenderia.

Talvez Vilmos tivesse razão, mas sempre recebera um salário justo por um trabalho que não fora honesto. Se não estava satisfeito, havia outras maneiras de melhorar o orçamento, além da traição. Porém, não era hora de discutir.

— Sé é questão de dinheiro...

— É tarde demais para negociar, Alteza. Vou ter que pedir para que solte sua arma. — Ele mantinha o fuzil encostado na nuca de Rayne. Benedek soltou a arma no chão.

— Você só precisa de mim. Desde o início ela foi apenas um brinquete. Já passou por muita coisa. Ela não é útil para você. Solte-a e farei o que você quiser.

— Fico mais tranquilo sem deixar testemunhas.

— Então, por que a salvou? — Ela fora levada por um dos rebeldes e reaparecera com Vilmos. O homem riu.

— Ela se salvou sozinha. Mais uma razão para não abandonar a americana briguenta.

Benedek olhou para ela. Não deveria estar surpreso, Ela se salvara sozinha e fora procurá-lo, decidida. Ele pretendia fazer a mesma coisa: escapar dos rebeldes e procurá-la. Mas ela escapara primeiro e Vilmos a encontrara em algum ponto do caminho. A idéia de que ele poderia tê-la matado arrepiou Benedek. Ainda bem que Vilmos queria saber em que direção Benedek fora levado. Para se juntar aos comparsas, ele precisaria mantê-la viva por mais algum tempo.

— Tire sua gravata — ordenou o miserável. Benedek obedeceu. — Ponha as mãos para trás. — De novo, Benedek fez o que fora mandado, Vilmos tirou o fuzil de Rayne e lhe entregou a lanterna. — Segure isto.

Ele se virou para amarrar Benedek, mas Rayne foi mais rápida. Ela bateu com a lanterna na cabeça do homem, com um barulho forte. Ao cair, Vilmos atirou em Benedek, que se abaixou, pegou a arma que acabara de soltar e atirou. Quando Rayne soltou a lanterna, por um segundo apavorante, ele pensou tê-la ferido.

— Rayne? — Ele correu para ela, com o coração mais acelerado que seus pés.

— Aqui. — Ela levantou a lanterna. — Desculpe. Estou ficando desajeitada. — O círculo de luz no chão tremia. No mesmo segundo, ela se atirava nos braços de Benedek e se agarrava a ele. Ele a segurou com a mão esquerda, enquanto a direita apontava o fuzil para Vilmos, estendido no chão. O homem estava imóvel. O sangue escorria em volta dele, formando uma poça escura na pedra. Morrera ou estava à morte. Benedek esperou para ver se ele se mexia. Ao sentir as curvas macias de Rayne contra seu corpo, ele não lamentava o homem que quase acabara com eles. Enquanto se dirigiam para a porta, Benedek só pensava que estavam prestes a sair dali.

Claro que a porta estava trancada. Felizmente, depois de alguns segundos eles encontraram a chave no bolso de um dos rebeldes mortos. Benedek abriu a porta com cuidado, pronto a atirar se alguém tentasse impedi-los de sair das catacumbas. O estreito vale estava vazio, a não ser pela estátua do Soldado Desconhecido. Eles saíram por uma passagem sob o monumento, destinada à manutenção. A manhã estava cinzenta e

chovia, mas estavam vivos, e Rayne continuava agarrada a ele. Benedek sorriu para o céu nublado e a abraçou, levantando-lhe o rosto.

— Onde estamos? — A aparência dela era de quem rolara por uma ribanceira, com os cabelos embaraçados e o rosto sujo, mas seus lábios volumosos eram mais tentadores que nunca. Os carros passavam do lado de fora do parque e algumas pessoas caminhavam sobre a grama a distância, além de um canteiro de lilases. A atenção de Benedek estava concentrada na mulher que tinha nos braços.

— No Parque dos Heróis. A pouco mais de um quilômetro e meio do palácio — ele respondeu distraído, e a beijou.

Pela primeira vez Rayne não protestou. Ela ficou dócil e aconchegada em seus braços, como ele esperava que um dia acontecesse, o que o deixou imediatamente excitado. Ele a desejava com uma necessidade imediata, mas ela apenas começara a mudar: ele não queria assustá-la. Benedek se conteve com dificuldade, recorrendo a todas as suas forças. Ele a beijou gentilmente, saboreando sua boca e maldizendo à situação que não lhe permitiria tentar uma conquista mais sofisticada. Afastou-se com relutância.

— Temos que sair daqui, mas prometo que vamos acabar o que começamos.

Rayne corou enquanto se recompunha.

— Vamos pedir ajuda? — ela perguntou.

Ele desejou que fosse tão fácil.

— É melhor irmos para o palácio. Vamos ser tão discretos quanto possível. Não sabemos quem são nossos inimigos.— Vilmos fora um bom exemplo. Ele pegou na mão dela. O que mais odiava de tudo o que acontecera era que ela corresse perigo por sua causa. Ela estava no país por causa dele. — Não permitirei que nada lhe aconteça — ele prometeu, sem saber como, mas tentaria.

O teatro deveria estar cercado por um forte esquema de segurança, e cada centímetro do edifício deveria estar sendo vasculhado, à procura dos dois. Era provável que, àquela altura, a equipe de busca tivesse encontrado a entrada do túnel no porão e invadido as catacumbas. Porém, encontrar alguém nos quilômetros e quilômetros de corredores sinuosos e cheios de voltas seria uma tarefa lenta e difícil. Voltar para o túnel não fazia sentido para Rayne e Benedek, ainda mais com a presença dos rebeldes. As chances seriam melhores se ficassem na superfície.

Rayne tentou sorrir para ele, mas não o enganou. Tanto quanto ele, ela estava consciente de que estariam em campo aberto, sem proteção e, provavelmente, cercados de inimigos.

Vilmos era da Guarda Real e os traía: haveria outros como ele? Ainda estavam longe de se sentirem em segurança.

Capítulo Oito

Felizmente, eles não tiveram que se esgueirar por todo o caminho até o palácio. Encontraram um grupo da Guarda Real no limite do parque, e para alívio de Rayne eles eram leais à coroa. Pelo visto, um dos irmãos mais velhos de Benedek mandara alguns grupos da guarda se espalharem por Palace Hill, sabendo que naquela área havia várias entradas para as catacumbas. Os homens reagiram com violência ao saber da traição de Vilmos. Escoltaram Rayne e Benedek até o palácio num carro blindado. Assim que chegaram, Rayne e Benedek foram separados.

Ela foi levada até uma luxuosa suíte onde encontrou duas camareiras à sua disposição. Elas lhe entregaram roupas limpas e prepararam um banho. Rayne preferiria voltar para o hotel onde deixara suas bagagens, mas um banho não lhe faria mal: estava suja e esfarrapada. Deixou que as duas moças enchessem a banheira e perfumassem a água com pétalas de rosas e recusou seu auxílio enquanto se banhava. Ela pediu às duas que a deixassem sozinha por uma hora, prometendo apertar a campainha se precisasse delas. Não parecia ter adiantado, porque ela ouviu pelo menos uma do lado de fora, provavelmente afofando os travesseiros. Rayne se esticou na imensa banheira que tinha pés com feitio de patas de algum animal, deleitando-se com o calor, com a água que perfumava sua pele e com as pétalas de rosa que se colavam aos seus seios. Agora que estava a salvo, que a provação terminara, seus pensamentos teimavam em se voltar para Benedek. Ela não queria desejar-lo. Ele não era adequado para ela. Formariam um casal terrivelmente escandaloso, o que não impedia que seu corpo se aquecesse ao recordar os olhares que ele lhe dera. Só de pensar na boca sensual de Benedek sobre a sua seus mamilos endureciam. Ele voltaria. Prometera voltar. As coisas que ele dissera... *Assim que sairmos das catacumbas, pretendo fazer amor com você.* Um arrepio de prazer percorreu a pele dela. Suas pernas pareciam enfraquecer, e Rayne desconfiava que não era apenas porque estava há muito tempo dentro da água quente. Sua vontade de resistir a ele também enfraquecia cada vez mais.

Ele pode não voltar. No fundo, ela sabia que ele voltaria, e aquilo a enchia de inquieta expectativa. Rayne queria sentir novamente os lábios dele sobre os seus, as mãos sobre sua pele... Ela já estava excitada, mas, pelo que sabia, ele sequer estava na mesma ala do palácio que ela. Estava fazendo papel de tola. Tinha idade para saber. Ela saiu da banheira suspirando, enrolou-se num elegante roupão e secou os cabelos com a toalha. Tentava pentear os cabelos com os dedos ao sair do banheiro quando viu Benedek, que andava pelo quarto. Rayne podia jurar que o quarto de hóspedes era grande como um salão de baile, mas a imponente presença do príncipe parecia deixar o espaço menor. A chuva batia nas janelas num ritmo que marcava as batidas de seu coração. *Juro que vamos acabar o quê começamos,* ele dissera, e agora estava ali. De repente, ela duvidou estar pronta para ele. Na verdade, quanto mais notava o olhar ávido de Benedek, menos preparada se sentia. Ela fechou e apertou o roupão, cobrindo a feia cicatriz no pescoço.

Benedek a olhou de cima a baixo, sem perder nenhum detalhe, incendiando-a com sua preocupação.

— Você está bem?

— Claro. — A não ser que ela pegasse fogo por causa do calor que sentia ao ser observada daquele jeito.

— Talvez o dr. Arnak deva examiná-la. — Ele parecia querer ser o único a examiná-la. — Ele é o médico da corte.

À última coisa que Rayne queria depois da noite anterior era ser cutucada e apalpada por um médico. Não precisava de cuidados médicos, a não ser que a excitação fosse alguma doença perigosa.

— Não, obrigada.

Benedek respirou profundamente. Parecia querer devorá-la com o olhar ardente, mas, em vez de se aproximar, afastou-se.

— Trouxe isto para você. — Ele tirou uma caixa de veludo azul-marinho de dentro de um armário atrás dele e entregou a Rayne. Um trovão estrondou. O ar estava tão pesado dentro do quarto como do lado de fora das janelas.

Rayne não deveria ter se aproximado de Benedek, abandonando suas defesas, mas a curiosidade a impeliu para a frente e a levou a abrir a caixa com cuidado. Sobre um fundo de veludo, havia um espelho de mão de prata, que fazia conjunto com uma escova. O brasão da família real enfeitava o verso do espelho.

— Eram da minha avó. Morin acaba de limpá-los e poli-los, e de trocar as cerdas da escova. — Ele hesitou, observando-a. — Você gostou?

— Adorei, mas não posso aceitar. — O presente era muito caro, e, por princípio, ela jamais aceitava presentes de homens que a assediavam.

— Vai jogá-los de lado como jogou as rosas que lhe dei? — Ele a olhou de lado. Referia-se às lindas rosas que costumava lhe mandar antes das apresentações.

— Eu dou todas as flores para o elenco — ela confessou. — Sou um pouco alérgica ao pólen. Tenho uma regra contra manter flores no camarim. Acho que sou paranóica a respeito de ficar com o nariz entupido ou a garganta irritada antes de uma apresentação.

— Minhas desculpas.

— Não, é... — Ela hesitou, tentando resolver como lhe diria. — Não gosto de presentes.

— Você não quer dever nada a ninguém — ele observou com perspicácia.

— Tem razão.

— É seu. — Ele estendeu a caixa na direção de Rayne. — Sem compromissos.

— Sempre há alguma exigência.

— Como aconteceu com aquele homem? Maldição, ele se lembrava de tudo o que ela lhe dissera.

— É.

— E com o seu marido?

— Como você...

— Ele era um homem rico e poderoso. Investiu muito na sua carreira.

E ela tivera que pagar tudo com juros, várias vezes. Não apenas no sentido financeiro. Rayne ficou admirada por ele ter compreendido.

— Eu não sou igual, Rayne. — Ela começava a acreditar que ele não era, mas hesitou. — Por favor.

O olhar profundo a mantinha presa. Pela primeira vez ela viu um traço de vulnerabilidade escondido nos olhos dele. Era importante para ele que ela aceitasse o presente. Se ele tivesse dito: *eu insisto*, ela teria se afastado. O pedido calmo a pegara de surpresa.

— Obrigada. — Ela se admirou por aceitar a caixa e colocá-la na mesa.

— De qualquer jeito, você precisa pentear os cabelos. — O olhar dele suavizou, e ele sorriu.

Certo. Ela precisava pentear os cabelos rebeldes antes que secassem, ou assustaria os empregados. Se voltasse para o banheiro, para acabar de se arrumar, ficaria longe dele. *Seque os cabelos. Vista a roupa de baixo.* Mas esta estava sobre a cama, junto com lindas roupas exatamente do seu tamanho, por algum passe de mágica das camareiras. Rayne tinha consciência de que estava nua por baixo do roupão, e Benedek estava à distância de um passo. Pelo fogo que havia em seus olhos, ele também percebera. Ele era observador. Em geral, ela apreciava esta qualidade nas pessoas, mas agora desejava que ele fosse mais desligado e não notasse que a calcinha de renda estava não nela, mas em cima da cama. A julgar pelo volume na calça de Benedek, ele já notara. A reação imediata que ele tinha perto dela era desconcertante. Acontecera a mesma coisa nas catacumbas. Eles haviam se tocado o bastante no escuro para que ela percebesse o desejo intenso que ele sentia por ela. Rayne ficava excitada, mas também assustada e surpresa. Com Philip nunca fora dessa maneira. As raras visitas ao quarto dela giravam em torno de domínio e de exigir seus direitos. Benedek a desejava o tempo todo, incansavelmente, e sempre fora sincero quando se tratava do assunto. Ela também fora sincera em seu aborrecimento, e ele deveria perceber, porque se afastou, deu alguns passos e se virou para ela de novo.

— Também queria que você soubesse que os rebeldes das catacumbas foram cercados e presos. O palácio está a salvo. Todas as entradas foram lacradas. Ninguém entra e ninguém sai a não ser com permissão. Você está segura aqui. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Mas compreendo se você quiser partir imediatamente. — Ele esperou. Ela nada disse. Planejara pegar o primeiro avião. Deus, ela odiava voar, e viajaria sozinha. Craig não voltaria para casa com ela. Ela sequer começara a aceitar esse fato, apesar de ter dado um telefonema para a agência assim que chegara ao palácio. — Não posso dizer que se você ficar mais alguns dias faremos a noite de reabertura. — O rosto dele estava sombrio: o teatro era sua cria. Os danos causados ao edifício deveriam tê-lo afetado mais do que se suspeitava. Não haveria noite de reabertura nas próximas semanas ou meses. As duas bombas que haviam explodido tinham provocado sérios danos. Ela vira pessoalmente. — De qualquer forma, gostaria que você ficasse — ele arrematou, com um ar de desafio.

Rayne pensou algum tempo.

— Não é que eu queira voar agora — ela disse, mais para si mesma que para ele. Seria bom ter um tempo para se acalmar depois de toda aquela aventura.

Ele acenou, concordando. Claro que ele sabia. Por melhor que a agência de relações públicas de Rayne trabalhasse, era provável que todos soubessem de seus estranhos temores e de seus ataques de pânico.

— Eu... estou lidando melhor com isso. — Ela odiou soar na defensiva. As pessoas que costumavam insistir que tinham melhorado, em geral mentiam. Ele também deveria saber.

— Muita gente tem medo de avião, e você tem mais razões que a maioria — ele disse, compreensivo.

Rayne estava desanimada com a conversa. Ela resolvera se tornar uma mulher corajosa. Odiava sua própria fraqueza.

— Foi há muito tempo. — Ela sentou na beirada da cama. Ele se aproximou alguns passos.

— Você perdeu sua mãe e seu irmão num desastre de avião. Não passava um dia sem que ela pensasse no acidente,

— Craig salvou minha vida — ela disse, afinal. — Ele me levou para tratar um problema nas cordas vocais, o que impediu que eu chegasse ao aeroporto. Ele me proibiu de esperar até voltar para casa. Fiquei muito zangada com ele. — Craig a tratara como criança naquela noite, e ela se ressentira. Se pudesse, teria gritado com ele, e teriam tido uma briga.

— Você era muito ligada ao seu irmão? — Benedek perguntou. Aquele era um assunto que ela jamais discutira com alguém.

— Sim. — Ela não queria entrar em detalhes pessoais, mas a ternura nos olhos de Benedek a comoveu. — Ele não era meu irmão. — Rayne nunca contara isto a alguém, e achou que não deveria ter falado. Sua vida sempre fora alimento para os tablóides. — Isto fica entre nós — ela acrescentou, percebendo que o ofendera. Ele era um príncipe. Ela realmente achava que ele iria correndo contar a novidade aos jornais? Não sabia mais o que pensar. Estava muito cansada e Benedek estava perto demais, Ele a atraía como um ímã. Tudo o que ela queria era repousar a cabeça nos ombros dele. Isso queria dizer que ela era fraca, tão fraca quanto sua mãe? — Acho que minhas paredes estão rachando— ela disse depois de algum tempo, desistindo de lutar.

Benedek chegou mais perto dela.

— Ótimo. Quero ver o que há por dentro, Rayne. — Ela deu uma risada desesperada e se agarrou ao roupão.

— Sabe o que há por dentro? Nada. Só existem as paredes.

— Não acredito. — Ele estava diante dela e pegou-lhe as mãos. Rayne as puxou depressa.

— O interior é vazio. A força está nas paredes. Não há nada dentro, a não ser medo, pesadelos e solidão. — Rayne nunca se abrira tanto com alguém, e ficou horrorizada. Não mentira. No que lhe dizia respeito, suas barreiras começavam a ruir, mas, e se ele visse o fundo vazio e resolvesse ir embora?

— Você está enganada. — Ele pegou as mãos dela novamente e não deixou que ela se soltasse. — Dentro há uma beleza e uma força extraordinárias. Não vou sossegar enquanto não lhe mostrar isso.

Algo em suas palavras ressoou nas lembranças de Rayne. Craig lhe dissera algo semelhante há muito tempo: algo sobre derrubar suas defesas algum dia, se quisesse ser verdadeiramente livre.

— Craig... — ela começou a dizer, mas não conseguiu completar porque uma onda de tristeza a invadiu. Benedek a olhou preocupado.

— Você o amava. — Ele apertou-lhe os dedos, não a ponto de doer, mas para mantê-la segura. Rayne concordou.

— Eu gostava dele, e ele de mim, mas eu não confiava o bastante para aceitar. Não percebi o quanto ele se importava comigo até vê-lo morto. Ele era um verdadeiro amigo. Eu não percebi.

— Um amigo? — O olhar de Benedek se iluminou.

— Eu não sabia. Ele estava na minha lista de salários. Entendeu? Nós nos dávamos muito bem, mas... Como é que se sabe quando alguém realmente se importa? Eu só soube quando ele resolveu ficar no teatro por minha causa. Ele poderia ter saído com os outros. Ainda estaria vivo.

— Ele era um homem corajoso e leal — disse Benedek.

— Tenho dificuldade de confiar nas pessoas.

— Considerando seu passado, ninguém pode culpá-la. — Ele não sabia nem da metade.

— Meu primeiro agente me seduziu. Fez com que eu acreditasse estar apaixonada por ele.

Benedek franziu a testa.

— Pensei que você era muito jovem quando teve o primeiro agente.

Jovem demais para saber o que fazia, com certeza. Olhando para trás, Rayne sabia que Preston a seduzira apenas para mantê-la presa a ele. Ela fora sua mina de ouro. O rosto de Benedek pareceu ser atingido por um raio. Lá fora um trovão ressoou.

— O que aquele canalha...

— Quando eu estava com 20 anos, um investidor do mercado de gravações apareceu no estúdio. — Rayne o interrompeu, não querendo discutir seus problemas de adolescência. — Philip. Ele era mais influente que o meu agente e disse que iria me salvar. Eu deixei. — Só que o casamento dela com Philip não a salvara. Colocara-a sob o domínio dele: ela e as crescentes quantias de dinheiro que recebia. Entretanto, ela encontrara a própria força sob a tirania do marido e se divorciara. Desde então, não fora mais capaz de confiar e de amar.

— Então, existe um motivo para você não gostar de homens que tenham algum tipo de poder — ele disse com um sorriso de pesar, deixando de apertar as mãos dela, mas sem soltá-la. — Se eu abdicasse, ajudaria? — Rayne balançou a cabeça. — Você está disposta a não gostar de mim, não importa o que eu faça? — Ele a observou.

— Não. Quer dizer, eu gosto de você. Não precisa abdicar. — Benedek deu um sorriso de puro prazer masculino. Ficara sem fôlego, não havia dúvida. — Prestou e Philip eram... — Rayne não queria parar de falar porque tinha medo de que, se o fizesse, ele a beijaria, e ela estaria perdida. — Não se tratava apenas de mim. Minha mãe e meu irmão dependiam de mim. Nós não éramos ligados como as pessoas costumam ser, mas eles eram as únicas pessoas com quem eu tinha alguma ligação.

— E morreram no desastre. — O olhar de Benedek se dirigiu para a cama por um segundo, antes de pousar sobre ela.

Rayne percebeu que ele queria sentar ao seu lado e que esperava apenas um indício de consentimento, mas ela não poderia permitir, mesmo sabendo que ele desejava confortá-la. Não estava pronta, ou talvez estivesse pronta demais. Talvez não confiasse em si mesma quanto a se limitarem ao apoio mútuo. Talvez ele quisesse algo mais, e aquilo a assustava.

— Como foi que seu irmão apareceu em sua vida? Você disse que ele *apareceu* mais tarde — ele recordou.

Rayne não queria falar sobre o assunto, o que tornava mais estranho o fato das palavras saírem de sua boca aos borbotões, de repente.

— Em um dos lugares onde moramos, tínhamos uma vizinha prostituta. Durante o dia minha mãe saía para procurar emprego ou arranjar algum dinheiro, servindo mesas nos bares das redondezas. A mãe de Billy dormia durante o dia e atendia os clientes à noite. Nós conversávamos de vez em quando. Uma noite ela saiu e nunca mais voltou. — Aquilo a apavorara mais do que a Billy, três anos mais novo que ela. Pela primeira vez ela percebera que algo semelhante também poderia lhe acontecer. Rayne passara noites acordada, imaginando o que faria se sua mãe um dia não voltasse. Um dos vários terapeutas que ela consultara mais tarde dissera-lhe que suas fobias provavelmente teriam se originado naquele momento de angústia infantil. Ela dividira com Billy as raras compras que a mãe trazia para casa. Durante três meses, ele sobrevivera dessa maneira. Então, um dia, um cliente que viera procurar uma "dama" do outro lado do corredor ouvira Rayne cantar. Ele tinha um bar e lhe ofereceu dinheiro para se apresentar uma noite por semana. A mãe a deixaria fazer qualquer coisa por dinheiro: ela não era má, mas bebia além da conta e a situação estava difícil. — Foi nessa época que eu fui "descoberta". Uma apresentação levou a outra. Quando nos mudamos, insisti que levássemos Billy conosco. — Como era ela que pagava as contas, a mãe não pôde recusar. Com o tempo, a mãe parará de beber e tentara fazer o possível para compensar o passado. Billy se tornara um jovem educado, que acabara por tomar conta das finanças de Rayne com eficiência. Porém, os três tinham problemas emocionais que não existiriam numa família normal: todos sentiam dificuldade de estabelecer laços afetivos. Rayne os amava, apesar de tudo. — Eles morreram por causa de um erro do computador, um erro no cálculo da quantidade necessária de combustível para voar de Nova York a Washington. O avião caiu a 2 quilômetros da pista.

Rayne tinha os lábios tão contraídos que mal se ouvia as últimas palavras;

— A culpa não foi sua. — Ele não fora o primeiro a lhe dizer aquilo. Pagara 200 dólares por consulta ao último psiquiatra, para ouvir a mesma coisa.

— Eles estavam em Nova York por minha causa.

— Se não fosse por você, quanto tempo acha que Billy teria sobrevivido?

Rayne não queria mais pensar. Estava cansada de refletir sobre tudo, sobre o avião queimado, estampado em todas as manchetes dos jornais no dia seguinte. Queria esquecer, nem que fosse por alguns minutos. Ela levantou da cama, abraçou e beijou Benedek.

Rayne esperava uma reação carinhosa, mas, pelo contrário, ele a beijou com intensa paixão. Era o que ela precisava. Trinta segundos depois ela mal sabia onde estava e esquecera o passado. Mais 30 segundos e ela já estava nua. Ele a levou no colo até a enorme cama e a deitou sobre a colcha de seda. O corpo dela afundou no colchão macio. Antes do banho, Rayne mal podia esperar para voltar para o quarto, achando que dormiria assim que encostasse a cabeça no travesseiro. Agora, dormir era a última coisa em que ela pensava. O corpo firme e musculoso de Benedek cobriu o dela como se fosse um escudo. Enquanto a língua dele dançava junto com a sua, o calor a incendiava. O desejo dos dois se equiparava. Fazia muito tempo que Rayne não dormia com alguém. O relacionamento amoroso era uma das áreas de sua vida em que ela sempre falhara. Ficara muito tempo sozinha, e seu corpo imediatamente revelou o que ela estivera perdendo. O fato de estar completamente nua, e ele totalmente vestido, aumentava a tensão de maneira deliciosa. Em outra época, com outro homem, ela se sentiria em desvantagem, mas não com Benedek, cujo olhar a consumia. Ele lhe explorava o corpo com suas hábeis e experientes mãos de arquiteto. Quando elas lhe cobriram o seio, Rayne fechou os olhos e suspirou. Ele acariciou-lhe os mamilos, que logo intumesceram, provocando-lhe arrepios que corriam até o vértice de suas pernas. Ela tentou tirar o paletó de Benedek, ele a ajudou; ela puxou a gravata e jogou-a de lado, sem se importar onde

cairia. Depois foi a vez da camisa, e logo Rayne espalmava as mãos sobre os músculos quentes do peito dele. O corpo de Benedek tinha uma firmeza flexível que não a surpreendeu. Deus, o corpo dele tinha um efeito sobre o dela que deixava sua cabeça girando. Ele tirou o resto da roupa. Enfim, os dois estavam despidos.

Benedek também tomara banho enquanto estivera ausente, e sua pele quente tinha um aroma de sabonete masculino que despertou as sensações mais primitivas de Rayne. Naquele momento, ele deixou de ser um príncipe para ser apenas um homem, um homem muito excitado, e o corpo dela estava mais que pronto para recebê-lo, mas ele a fez esperar. Ele resolveu cobrir seu pescoço e seus seios de beijos. Como ele parecia conhecer seu corpo melhor que ela, Rayne relaxou e lhe deu posse total, ilimitada. Ao entrar na banheira ela se sentira meio morta; agora, sentia-se viva e cheia de energia.

— Gosto deste pedaço. — Ele beijou-a abaixo do seio direito.

Rayne gostou do que ele estava fazendo. Por mais fantástico que ele tivesse sido com as armas dentro do túnel, ela pensou que a arma mais poderosa que ele possuía era a língua.

— Hum.

— E deste. — Ele beijou-lhe o outro seio.

O prazer a invadiu quando ele cobriu seu mamilo. Rayne arqueou as costas e tentou puxá-lo, flexionando os joelhos. Ele estava quase onde ela queria, mas deu uma risada. Ela ficou indignada por ele ainda ser capaz de rir. Tudo o que ela conseguia era gemer miseravelmente, demonstrando sua total rendição. Ao contrário de beijar sua boca, ele tomou a direção oposta. O que ele fez em seu umbigo foi pura tortura. O prazer a deixou paralisada. Ele desceu mais ainda. A essa altura ela sequer conseguia gemer. A tensão crescia em seu corpo a cada movimento que ele fazia com a boca, acompanhado por carícias suaves, provocando-lhe ondas de prazer. De repente, ela perdeu o controle e um espasmo atravessou-lhe o corpo, quase a levantando da cama. Rayne recuperou a voz e a soltou no mesmo volume que costumava alcançar em suas melhores apresentações na ópera. Ela já estava corada de prazer e ficou mais vermelha ainda: deveria ter sido ouvida até na sala do trono.

— Ah! — foi tudo o que conseguiu dizer.

Benedek levantou a cabeça com um sorriso de satisfação.

— Ótimo — ele disse, alargando seu sorriso. Se ele esticasse um pouco mais os lábios, seus dentes corriam o risco de cair.

— Desculpe. — Ela tentou esconder o rosto no travesseiro, mas ele não permitiu.

— Não faça isso. — Ele colocou um preservativo e entrou no corpo dela.

Rayne arqueou as costas enquanto sentia o prazer invadi-la novamente. Não estava pronta para aquilo, mas, como fizera sempre em sua carreira, acompanhou o ritmo admiravelmente.

Os olhos de Benedek ficaram mais escuros. Ele a observou enquanto se movimentava dentro do corpo dela, possuindo-a totalmente. Ela se entregou livremente, meneando os quadris, acariciando-o. Ele acelerou o ritmo.

— Quero ver você atingir aquela nota de novo.

— Você acha que alguém não me ouviu nas masmorras da primeira vez?

Ele riu.

— Não temos mais masmorras.

— O que vocês têm no porão?

— Vinho. Lembre-me de pedir um mais tarde.

— Acho que não vou lembrar nem do meu nome. Benedek se movimentou novamente e a sensação tirou o fôlego de Rayne.

— Você só precisa se lembrar que é minha — ele disse.

Foi o tipo de declaração que normalmente deixaria Rayne apavorada e que a faria correr para longe. Mas ela estava presa em lençóis de seda e aquela deliciosa tensão crescia em seu corpo mais uma vez. O domínio de Benedek sobre seu corpo era completo. Ela sentia os ossos derreterem e cada poro desejá-lo ainda mais. Enquanto ele a acariciava, estava atordoada demais para se preocupar com sua falta de controle. A correnteza que a puxava era forte demais para resistir. Ela se entregou totalmente ao prazer do contato da boca e das mãos dele. Rayne já ouvira compararem o êxtase do amor a uma queda de um precipício, mas para ela não foi assim: foi como um coro de mil vozes elevando-se em total harmonia.

Mais tarde, ele a abraçou e ela deixou, embora não fosse seu hábito se aconchegar. Algo acontecera sobre aquela cama forrada de seda. Uma porta se abrirá para um lugar bem fundo dentro dela, um local que estivera trancado por muito tempo e que agora era libertado. Rayne aninhou a cabeça no ombro de Benedek e apoiou a mão em seu peito, sobre o coração, que pulsava com força. Ele puxou as cobertas, embora ela não precisasse de nenhum tipo de calor extra. Depois de alguns minutos, ela se sentiu deliciosamente lânguida dentro daquele casulo, junto com ele. O mundo não existia, ou não importava. A chuva abafava os ruídos externos e tornava a ilusão perfeita. Rayne não sabia se deveria dizer algo, mas o quê? *Uau!* pareceria tão banal. Ele não aparentava qualquer constrangimento depois de fazer amor, e sua respiração compassada soprava os cabelos dela. Ótimo: se ele pretendia fingir que o mundo exterior não existia, ela o faria também. O cansaço da noite não dormida amolecia-lhe o corpo; o abraço de Benedek era confortável e carinhoso. Rayne se aninhou no corpo dele e fechou os olhos. *Cantora famosa se torna amante de jovem príncipe*. Esta seria a manchete dos jornais no dia seguinte. O mundo os observaria daquela maneira. Para o inferno com as manchetes, e com o mundo! Por enquanto, ela iria dormir nos braços do príncipe.

Rayne acordou com uma batida na porta, sem ter noção de quanto tempo se passara.

— Alteza;

Benedek resmungou, deu um beijo na testa de Rayne e levantou.

— Um momento, Morin — ele gritou enquanto vestia o macio roupão que ela encontrara no banheiro. Benedek entreabriu a porta com cuidado, evitando que o secretário a visse. Rayne afundou sob as cobertas: preferia que o segredo durasse mais um pouco; queria absorver a paixão do que acabavam de compartilhar; talvez se iludir um pouco com a idéia otimista de que tudo não acabaria de maneira infeliz.

— Alteza. Procurei-o por todo lado.

— Espero conseguir descansar um pouco e me recuperar. Alguma notícia dos rebeldes?

Os olhos de Rayne pousaram sobre o espelho de prata na mesa de cabeceira. Ele estava virado para baixo, deixando o brasão real à mostra. Ela deveria ser louca para se envolver com o príncipe, mas talvez nem todos os homens poderosos fossem iguais. Talvez o seu príncipe fosse diferente.

— Esse problema parece resolvido, Alteza.

Rayne prestava atenção vagamente ao que Morin dizia. Ela sentia o corpo saciado, sua cabeça girava com as implicações do que acontecera entre ela e Benedek.

— Eu estava falando com sua noiva — Morin continuou. — Ela é uma jovem muito agradável, não acha? Muito bem, Alteza. A rainha também ficará satisfeita. Ela é o tipo de jovem que a rainha aprova. Excelente escolha. — O homem não poderia parecer mais entusiasmado.

Rayne registrara todas as palavras e seu coração congelara.

— Minha noiva...

— O primeiro-ministro Egon me contou. Suponho que o conjunto de prata de sua avó é um presente para ela. Se Sua Alteza tivesse me dito; eu poderia ter mandado gravar algo...

Pontas de gelo se formavam no peito de Rayne, causando-lhe uma dor aguda. Ela não conseguia respirar. Pensar doía, porque cada pensamento era uma facada no peito.

Benedek fez um gesto para conter o homem.

— Isso pode esperar. Vou encontrá-lo mais tarde.

— Claro, Alteza. Pensei que o senhor gostaria de discutir...

Benedek fechou a porta sem que o secretário pudesse concluir seu pensamento e se voltou lentamente, com um olhar inescrutável e os ombros contraídos. Rayne já se enrolara no lençol e saía da cama.

— Posso explicar — ele disse.

— Não quero explicações. — A escova de prata passou a centímetros da cabeça de Benedek e bateu na esquadria da porta.

Capítulo Nove

Os olhos prateados de Rayne chispavam, seus cabelos revoltos caíam por sobre os ombros até a altura da cintura. Ela segurou o lençol com uma das mãos, enquanto com a outra procurava algo para jogar sobre ele. Nunca estivera mais linda, ou mais perigosa. Ele precisava se lembrar que ela era uma artista, que tinha alta sensibilidade dramática e emocional.

— Posso explicar — repetiu Benedek, aproximando-se, praguejando e mergulhando no travesseiro.

Rayne recolheu algumas roupas e passou por ele, na direção do banheiro. A chave girou na fechadura antes que ele a alcançasse.

— Não quero explicações. Quero um carro que me leve até o aeroporto.

Ele não poderia mantê-la ali à força, mesmo que desejasse.

— Hansen, o primeiro-ministro anterior, arranjou um bom casamento para Miklos, o

que restabeleceu a aceitação da monarquia e uniu o povo. Ele foi morto durante um ataque rebelde e o primeiro-ministro Egon assumiu seu lugar. — Deus os ajudasse! — Ele... ele ainda está tentando consolidar sua posição. — Ele olhou para a porta fechada, imaginando se ela entenderia. — O primeiro-ministro Egon acha que se um casamento aumentou o índice de aprovação da família real, cinco seriam ainda melhor. — O homem achava que uma série de casamentos alegres faria com que o povo se esquecesse de tudo e que todos os problemas fossem resolvidos.

— Então, você vai se casar pelo bem do país. — A voz dela estava carregada de desdém.

— Eu não disse que vou me casar com alguém. — Mas ele também não disse que não iria se casar. O assunto era complicado, considerando o enorme erro que ele cometera no passado.

— Sua noiva ficará desapontada ao saber.

— Noiva em perspectiva. Não houve proposta de casamento. Eu nem sei qual foi a candidata que escolheram.

A chave girou na fechadura. A porta abriu. Rayne estava completamente vestida. Benedek agradeceu a Deus por no banheiro não haver algo que servisse de instrumento mortal. Os olhos dela faiscavam. Ela ergueu o queixo ao passar por ele e empurrou a mão com que ele tentava segurá-la pelo ombro.

— O que fizemos foi um erro, mas tenho certeza de que logo vamos esquecê-lo. — Ela media as palavras. Levantara novamente suas defesas, e mais algumas.

Ela o via como um vilão, recusando-se a considerar seu ponto de vista, mas ele jamais deixaria que ela partisse pensando daquele modo. Benedek rapidamente cruzou o espaço que os separava e alcançou-a na porta, impedindo-a de sair. O que acontecera entre os dois tinha sido muito importante para ele. Não poderia continuar indefinidamente, mas não merecia ser descartado por causa de um mal entendido.

— O primeiro-ministro está à procura de pretendentes para os príncipes solteiros.

Ela sustentou o olhar de Benedek, com os olhos fervendo de raiva, a boca contraída e um ar de reprovação. Rayne era uma mulher arrebatada, e essa paixão agora inflava sua hostilidade. Deveria haver algo de errado com ele, porque Benedek se sentiu excitado de novo.

— Eu sabia que havia candidatas. Cheguei a ver alguns retratos, mas, por enquanto, nada foi decidido.

— E você vai deixar que alguém escolha a mulher com quem vai se casar.

— Vou.

— E, então, você magnanimamente resolverá amá-la. Ou o amor é algo que não entra no arranjo?

Benedek amara uma vez, com resultados desastrosos. Até dois dias atrás, ele pensara não ser capaz de amar novamente. Agora, ao fitar os olhos de Rayne, fascinado pela atração entre os dois, ele respondeu:

— Nós mal nos conhecemos — ele disse em voz baixa. — Você não pode querer que eu...

— Eu nunca pedi seu amor — ela disse, tentando se afastar. — Eu não tenho tempo para ter um caso. Tenho minha carreira. — Rayne mantinha o rosto erguido, mas Benedek sentiu uma nota de desespero em sua voz.

— Você está usando sua carreira como barreira. Que original! — Ela se encolheu, tentando escapar, mas ele a impediu.

— Eu gostaria de estar em posição de...

— Não faça isso. Não finja que o que aconteceu tem algum significado. — Os olhos dela soltavam faíscas e, ao mesmo tempo, imploravam.

— Tem significado para mim. — Era preciso que achassem um meio de conversar como pessoas civilizadas, ainda que ele não quisesse ser nem um pouco civilizado. Tudo o que ele queria era empurrá-la para a cama de novo e provar que o que acontecera entre eles fora verdadeiro e genuíno. Infelizmente, ele era um príncipe, não um homem das cavernas, o que lamentava mais que nunca. Rayne o empurrou. Benedek não se mexeu. Precisava contar a ela algo sobre o qual fazia muito tempo não falava e que fizera tudo para esquecer. Era uma parte de sua vida da qual não se orgulhava. Fora o maior erro que ele cometera, um erro que jurara não repetir.

— Eu já estive apaixonado. Ela era uma das funcionárias do palácio. — Um caso proibido, que iniciara como um jovem príncipe rebelde e terminara como um homem apaixonado, dois anos depois.

— Você se livrou dela também. Ela se tornou inconveniente? — Rayne foi impiedosa: ele merecia.

— Prometi casar com ela.

— E quebrou sua promessa.

— Eu não. Alguns representantes do governo conversaram com ela. Forçaram-na a pedir demissão e a ir embora.

Nem seus irmãos sabiam do caso.

— Deve ter sido um alívio ter alguém para fazer o trabalho sujo por você. Por que não chama um representante do governo e faz com que ele me leve de volta ao hotel? — Ela estava pressionando-o demais.

— Antes que eu achasse Anna, ela pensou que não havia solução e se matou. — Ele observou enquanto a raiva a abandonava aos poucos, até que Rayne se encostou na porta, com os olhos arregalados. Benedek sentia a dor do sofrimento. Era preciso que ela soubesse o restante da história. — Antes de partir, ela não disse a ninguém que estava grávida. — Ele se calou por um tempo, combatendo as emoções do passado, assim como as do presente. — Portanto, dessa vez vou seguir o protocolo, mesmo que seja difícil. Não pretendo me apaixonar por uma mulher que jamais poderei ter. Não posso fazer promessas. Não quero magoá-la.

Ao olhar para ela, Benedek se perguntou se não era muito tarde. Rayne era extremamente arrebatada, e por isso ele a admirava, entre outras coisas. *Amor*, uma simples palavra que o fazia recuar, que o mantinha no lugar enquanto ela ultrapassava o limite. Ele não poderia se dar o luxo de amá-la. Benedek se virou, pegou o telefone e chamou uma camareira.

— A srta. Williams vai descer. Por favor, encontre-a e a acompanhe até a entrada oeste do palácio. — Em seguida, Benedek ordenou que uma limusine a esperasse no portão. Rayne deveria ser levada até o hotel, e, mais tarde, até o aeroporto, conforme lhe pedira. A seguir, ele fez o que mais lhe custava, embora não conseguisse admitir: ligou para a Guarda Real e autorizou sua saída do palácio. Ele a deixaria ir embora. Fora claro desde o começo, mas não esperava que lhe doesse tanto. Quando Benedek se voltou, viu que a porta se fechava. Ela não se despedira, não o perdoara. Ele deveria estar aliviado: era melhor acabar tudo por consentimento mútuo. Se Rayne tentasse transformar o

relacionamento deles em algo maior do que era... causaria complicações em sua vida. Era melhor se livrar logo do problema, antes que eles se apaixonassem e se magoassem mais ainda. Fora o que ele aprendera com a trágica morte de Anna. Sim, a partida de Rayne era a melhor solução para todos... Então, por que ele tinha a sensação de que algo novo e grandioso desmoronava dentro dele?

Benedek pegou o espelho de prata. Estava muito tenso para que seu queixo endurecesse. Poderia jogar o espelho na parede, mas não o fez: jamais seria o tipo de homem que se acalmava por meio da violência. Ele colocou o espelho de lado e se vestiu. Quando seu pé se enroscou em algo no chão, ele se abaixou para examinar e encontrou a peça mais fina de roupa de baixo que ele já vira. Ele se lembrou, de repente, do intenso prazer que os dois tinham sentido. Enrolou a peça, enfiou-a no bolso e telefonou para o primeiro-ministro, marcando um encontro com ele em cinco minutos. Claro que precisariam conversar a respeito da noiva, e quanto mais depressa, melhor. Dessa vez faria o que era certo, porque ele havia jurado, mas não deixaria que o conduzissem, assumiria o controle da situação.

O calor que fumegava dentro de Rayne daria para passar todas as roupas do seu guarda-roupa. Ela trabalhara duramente para construir uma reputação de artista séria. Assim que as notícias daquele pequeno caso se espalhassem, tudo estaria perdido. As camareiras fariam, os homens fariam alarde. Seria o fim. Ela só poderia culpar a si mesma. Deveria ser mais esperta. Como pudera pensar em confiar em Benedek? Ela mal o conhecia. Achava-se bastante madura para não se deixar envolver por alguma atração rápida e sem sentido, e ali estava ela. Maldição! Ela seguiu a camareira por escadas e corredores, mal vendo as pessoas por quem passavam. Sentia-se desconfortável por não usar roupa de baixo: estava com muita pressa para se vestir e não a procurara antes de fugir do quarto. Depois de se trancar no banheiro, só sairia ao estar completamente vestida.

Embora Rayne estivesse concentrada em sair do palácio o mais rápido possível, não pôde deixar de perceber um grupo de dançarinos folclóricos. Talvez fizessem parte da recepção daquela noite e tivessem ficado presos quando o palácio fora fechado. Eles pareciam divertidos e engraçados, usavam bigodes no formato de guidão de bicicleta e vestiam fantasias largas. Estavam reunidos no canto da sala de recepção quando ela passou. Um deles claramente lhe deu as costas. Talvez eles a culpassem por ficarem presos no palácio. Afinal, a recepção fora organizada em sua homenagem. Algo lhe chamou a atenção, mas sua vaga intuição não conseguiu transformá-lo em alguma coisa concreta. Estava cansada e aborrecida. Precisava sair dali. Rayne se concentrou na saída e seguiu a camareira. Os guardas pararam as duas diante de uma enorme porta antiga de carvalho.

— Rayne Williams. A senhora tem a permissão do príncipe Benedek para sair do palácio — informou a camareira.

Um dos guardas imediatamente telefonou para confirmar. Passou-se apenas um minuto antes que a deixassem sair. Uma enorme limusine a esperava do lado de fora. O motorista se aproximou imediatamente da porta, carregando um guarda-chuva. A tempestade passara, mas ainda chovia.

— Obrigada.

— Senhora. — O homem também usava um bigode. Rayne notara que aquele era um costume entre os homens mais velhos do país. Os mais jovens seguiam os padrões ocidentais, popularizados por Hollywood. Ela observara o uso de jeans e camisetas em vários lugares. No entanto, apesar dos respeitáveis bigodes, os dançarinos que vira eram

jovens. Homens jovens usando respeitáveis bigodes? O líder dos dançarinos lhe parecera mais velho. Fora ele que lhe dera as costas. Ao se lembrar do rosto dele, a revelação lhe surgiu de estalo: Vilmos. Ela não o reconhecera de imediato sob o disfarce, mas agora que pensava tinha cem por cento de certeza de que o homem era Vilmos. Ele não havia morrido?

Rayne deu meia-volta, deixou a porta do carro aberta e o motorista sentado ao volante, com os olhos arregalados. O guarda do palácio bloqueou-lhe o caminho. Ele deveria estar brincando!

— Acabo de sair daí — ela tentou empurrá-lo. Os guardas se juntaram para impedi-la de entrar.

— Ninguém entra sem permissão expressa — informou um deles.

— Ah, pelo amor de Deus! — Ela bateu o pé. — Ligue para o príncipe Benedek e diga que Rayne Williams quer entrar no palácio. — O guarda levantou a sobrancelha, com um olhar cético. Ela o encarou e venceu a disputa de olhares no momento em que o motorista parava atrás dela, segurando o guarda-chuva sobre sua cabeça. — É urgente.

O guarda pegou o telefone e ligou. No mesmo segundo as portas se abriram. Rayne entrou correndo, sem se importar com a água que pingava sobre um carpete que deveria ser caríssimo. Percorreu o longo corredor e subiu a escada: não iria esperar que eles lhe mandassem uma camareira para acompanhá-la. Os "dançarinos folclóricos" não estavam à vista. Quando ela chegou ao pé da escada principal, Benedek descia correndo na sua direção.

— Rayne?

A visão de Benedek fez com que o coração de Rayne se contorcesse dentro do peito. Ele era um miserável sem consciência e comum título da realeza, ela lembrou a si mesma, assim como deveria lembrar a ele, mas não havia tempo.

— Os rebeldes estão dentro do palácio — ela disse.

— Tem certeza? — Benedek perguntou pela terceira vez durante a reunião de emergência. Ele já perguntara, antes de convocar os irmãos e o chefe de segurança do palácio para se reunirem em seu escritório.

— Tenho cem por cento de certeza. Tenho ótima memória. É por isso que eu me lembro de tantas partituras de música. — Rayne não parecia intimidada ao ser o foco de atenção de uma sala cheia de homens. Benedek a admirava por isso, mas não gostava nada da atenção que dois de seus irmãos lhe davam: Lazlo e Istvan.

— Eles são exatamente nove? — perguntou Arpad, o rei.

— Sim — ela respondeu.

— Deveríamos ter algum show folclórico? — Arpad perguntou a Miklos, que sacudiu-a cabeça.

— Verifiquei duas vezes.

— E os registros de entrada? — Benedek olhou em volta.

— Desde que fechamos o palácio esta manhã, apenas poucas pessoas entraram. Nenhuma era dançarino folclórico. — disse Miklos.

— Então eles entraram de outra maneira — concluiu Lazlo, olhando para Rayne antes de lançar um olhar interrogativo na direção de Benedek. E daí se ele estava mais

perto dela do que era necessário?

—As catacumbas! — disse Benedek de repente. — Estão conectadas com os túneis. Foi ali que deixamos Vilmos da última vez.

— O guarda da entrada das catacumbas não relatou movimento algum — lembrou Miklos.

— Pode ter sido subornado? Miklos balançou a cabeça.

— Ele é um dos meus homens. — Sua voz estava tensa, e com razão. No ano anterior houvera alguns motins no seu amado Exército e algumas tropas haviam se aliado a um general vira-casaca. Miklos sofrera com a traição.

— Então, existe outra entrada — disse Rayne.

— É impossível — retrucou Benedek. — O edifício foi totalmente inspecionado. Eu participei da vistoria e garanto que não existe outra entrada para as catacumbas além das que conhecemos.

— Um túnel secreto? — perguntou Janos. — Ninguém sabia da existência do túnel atrás da parede do porão do teatro. — Era algo para se pensar. Miklos pegou o celular e digitou um número.

— Quero que examinem os andares inferiores, imediatamente, à procura de algum intruso. Vigilância completa. Dobre a guarda daqueles andares.

— Falando em vigilância... — Benedek pensou um momento. — Por que não há registro da entrada de um grupo de dança folclórica em nenhuma das câmeras de vigilância do palácio?

— A tempestade interrompeu a eletricidade em algumas alas do palácio — informou Arpad.

Rayne corou ao ouvir a tempestade ser mencionada. Benedek não conseguiu esquecer o que faziam ao som das trovoadas e dos raios. Ele se agitou e enrijeceu o corpo. Rayne examinou atentamente as plantas do palácio.

— Os geradores foram ligados após três segundos. Nas seqüências anteriores não aparece nenhum grupo de dançarinos folclóricos. Nas filmagens posteriores, eles estão no salão verde. — Miklos bateu os dedos na mesa. Agora chegavam a algum lugar. — Talvez não tenham sido os raios que apagaram a luz.

Benedek remexeu a pilha de plantas à sua frente e puxou a que mostrava o salão verde.

— Precisamos investigar cada local que dá acesso ao salão verde nos próximos 30 segundos. — Ele analisou cada detalhe, lembrando tudo o que sabia sobre aquela parte do palácio. A solução parecia óbvia. — As adegas?

Janos, Istvan e Miklos imediatamente convocaram o chefe de segurança que estava atrás deles, mas Benedek os deteve.

— Por favor, arranje alguém para acompanhar a srta. Williams de volta ao quarto. Ela deverá ficar sob forte guarda ate que eu dê ordens em contrário. — Ele parou a meio caminho da porta e observou os olhos arregalados e a expressão aflita de Rayne. Odiava deixá-la sozinha. Ele correu atrás de Arpad que, como príncipe coroado, deveria ficar distante de qualquer possibilidade de perigo, em vez de procurar uma entrada secreta das catacumbas para o palácio.

Capítulo Dez

Benedek alcançou os outros no momento em que Miklos distribuía as armas do arsenal. Miklos olhou para um armário trancado e depois para os irmãos, com um olhar de interrogação. Todos sorriram.

— Rápido — disse Benedek, estendendo a mão e agarrando a espada que Miklos tirara do armário. Quando o último irmão recebeu sua espada, eles fizeram uma saudação. Depois de embainharem as armas, Arpad estendeu a mão para o meio do grupo e todos o imitaram.

— Dever e honra, nossas vidas pelo povo e pela coroa. — Eles fizeram o juramento da Irmandade da Coroa numa só voz e correram para enfrentar o inimigo. Arpad tomou a frente por apenas um instante.

— Príncipe coroado para a retaguarda! — Miklos tomou a liderança. — Você deve ser poupado. — Arpad exigiu.

— Não tem graça ser príncipe coroado.

— Homens casados e com filhos para a retaguarda — Istvan empurrou Miklos com o cotovelo e tomou a frente.

— Eu conheço melhor o palácio — Benedek disputou a posição: ele estudara cada centímetro do edifício ao completar o curso de arquitetura. Sentia-se impulsionado por emoções confusas. O que sentia por Rayne era complicado. Lutar com os rebeldes seria mais simples. A tensão e o remorso o empurravam para a frente, na expectativa de um combate. Ele deixaria que ela partisse, não mudaria de idéia. Garantiria a segurança do palácio e a segurança de Rayne. Não deixaria que nada lhe acontecesse. Tentaria conversar com ela uma última vez, mas teria de deixá-la partir.

Eles passaram pelos guardas na escada.

— Abram caminho! — Benedek ordenou. Os homens abriram espaço para os príncipes passarem e os seguiram.

Ouviram tiros e Benedek começou a correr mais rapidamente. Ele viu os rebeldes subindo o último lance de escada, o que significava que os soldados da guarda que deveriam fechar a adega haviam sido derrotados. Pelo visto, o porão fora tomado pelos rebeldes. Benedek puxou o revólver. Infelizmente, a Guarda Real, que se contentara em segui-los até aquele momento, resolveu proteger os príncipes e avançou à frente, atrapalhando a diversão. Mas não por muito tempo. Os rebeldes eram mais numerosos que as forças de defesa e logo ele estava ocupado. Sem ter o treinamento da Guarda Real, os invasores atiravam a esmo. Benedek tentou identificar o líder: se ele fosse eliminado, os demais recuariam. Ele mirou no homem, mas um pedaço de estuque que se desprendera com um tiro caiu sobre seu ombro e ele errou.

Aquela parte do palácio fora construída no século XVIII. Ele estava mais preocupado com o prédio do que com a dor no ombro. A parede era coberta por preciosos afrescos. Um tiroteio ali era um sacrilégio, mas os rebeldes não se importavam. Primeiro, haviam danificado o teatro, agora atacavam o palácio, símbolo da monarquia, lar de seus

ancestrais há muitos séculos. Benedek interceptou um homem com aparência de lenhador, que investira na direção de Arpad, e gritou em meio ao estampido dos tiros:

— Senhores, cuidado com os preciosos detalhes arquitetônicos! — Miklos soltou uma gargalhada atrás dele. Como não era arquiteto, e sim major do Exército, ele não se importava.

Rayne mal entrara no quarto quando ouviu o estampido de tiros do outro lado da porta e o ruído de corpos que caíam.

— Estão todos bem aí? — Não houve resposta, a não ser pelo barulho de pessoas que corriam, batendo as botas no antigo piso do corredor. Ela esperou um minuto antes de decidir investigar o que acontecia. Passou mais um minuto enquanto ela procurava algo que lhe servisse de arma: um castiçal de ferro tão longo quanto seu braço. Ela levou mais dois minutos tentando abrir a porta que, aparentemente, fora trancada pelo lado de fora.

— Ei! Há alguém aí? — Ela sentiu um cheiro estranho, tão sutil que levou alguns segundos para que um alarme soasse em sua cabeça: fumaça. Quando ela olhou para o chão, viu os fios de fumaça entrando por baixo da porta. O coração de Rayne saltou, e ela puxou a porta com toda a força. — Estou aqui. Socorro!

Não houve resposta. Não havia mais qualquer som no corredor. Ela estava trancada e o palácio pegava fogo. Onde estava Benedek? Se o palácio fora incendiado, aquilo devia significar que os rebeldes o haviam conquistado. Talvez Benedek estivesse ferido, ou algo ainda pior. O coração dela disparou. Ela tossiu e pestanejou para umedecer os olhos que ardiam com a fumaça e percebeu que mal enxergava os anjos pintados no teto. Seria apenas uma questão de tempo até que a fumaça invadissem o quarto completamente.

— Não há motivo para pânico. — Ela tentou se acalmar, repetindo o mantra que aprendera com seu segundo terapeuta. Se a fumaça vinha do corredor, a situação era pior do lado de fora. Mesmo que conseguisse abrir a porta, não poderia sair, porque era provável que deparasse com o fogo. Sua única saída estava bloqueada. Ela estava presa. — Não há motivo para pânico — ela repetiu. Não queria ser queimada. Rayne se lembrou, de repente, das fotografias da mãe e do irmão nos jornais e ficou paralisada. Fogo e fumaça. Ela tivera pesadelos com os dois durante anos, sonhando que estavam presos aos assentos do avião e que gritavam por ela, enquanto as labaredas cobriam seus corpos. Ela não pudera ajudá-los, nem mesmo em seus sonhos. Em geral, acordava gritando, molhada de suor e sentindo-se culpada. O pesadelo variava. Às vezes, ela estava com eles entre as chamas.

Rayne sentiu o calor através da porta fechada. Ela olhou para o banheiro. Talvez a banheira? Ou talvez pudesse ficar debaixo do chuveiro, mas nada a salvaria de inalar a fumaça.

— Não há motivo para... — A quem ela enganava? Havia vários motivos para entrar em pânico. Se o dr. Andrew estivesse ali com ela, também estaria apavorado. Rayne correu até a janela, pensando que poderia gritar por socorro, mas a janela dava para um jardim de sempre-vivas plantadas em lindos canteiros e de arbustos que formavam um labirinto, em cujo centro havia um caramanchão. Em outra ocasião ela teria apreciado a beleza do panorama, mas ficou desesperada ao ver que o jardim estava deserto. — Socorro! — ela tentou gritar para o vazio. Por trás de outras janelas ela viu que as pessoas corriam pelos corredores.

— Socorro! — Ela sabia como colocar a voz, mas ninguém parecia ouvi-la. Rayne

olhou para o balcão abaixo dela: seria uma queda de quase seis metros. Por que todos os quartos do palácio tinham que ter aqueles malditos tetos altos? Um alarme de incêndio começou a soar. Já era tempo: ela não imaginava por que teria demorado tanto. Talvez agora alguém aparecesse para ajudá-la, Mas e se chegassem tarde demais?

Rayne olhou para o balcão abaixo e pensou em pular. Era cantora e, quando o papel assim o exigia, costumava dançar, mas nada tinha de atlética. Não era do tipo acrobático. Ela voltou para o quarto no momento em que os sprinklers começaram a funcionar. Em dois segundos ela estava encharcada como um pato, o que não melhorou seu estado de ânimo. Ela imaginou que os sprinklers também funcionavam no corredor e que provavelmente apagariam o fogo. Correu para a porta, mas a quantidade de fumaça que entrava por baixo dela não diminuía. Ela tomou distância e se atirou contra a porta, tentando arrombá-la. Quando não deu resultado, ela tentou com uma cadeira. Nada adiantou. Ela recomeçou a gritar e a bater na porta.

— Estou aqui! Tirem-me daqui! Estou aqui! — Rayne já estava rouca quando ouviu a chave finalmente girar na fechadura e viu, para seu desespero, a porta ser aberta, não por Benedek ou por algum guarda.

— Onde está o príncipe? — Vilmos apontou a arma direto para o peito dela.

— Não tenho idéia. Não está aqui.

Vilmos a agarrou pelo ombro e a puxou para o corredor, onde o papel de parede ainda queimava em alguns pontos, apesar da água que caía do teto. As paredes e o piso estavam negros.

— Você vem comigo — disse Vilmos.

Às coisas tinham ido longe demais. Os rebeldes haviam invadido o palácio. Pela segunda vez em um ano a monarquia era atacada e a rainha ameaçada dentro de sua própria casa. Sua mãe passara a vida dedicando-se ao seu povo e estava doente. Doente demais para passar por tudo aquilo outra vez. Benedek não se poupou, assim como nenhum de seus irmãos. Nada ficaram a dever à Irmandade da Coroa original. Os seis príncipes lutaram como um bando de leões, ajudados pela Guarda Real, rechaçando um grande contingente de rebeldes que tentava entrar pela adega.

Houve mortes dos dois lados, mas nenhum dos príncipes fora ferido até então. Uma bala furara o paletó de Janos, na altura do ombro. Todos pareciam enlouquecidos. Se seguissem o protocolo, jamais estariam ali. Porém, eles não eram o tipo de príncipes que faziam figuração durante as aparições públicas da família. Todos tinham o sangue indomável de seus ancestrais e gostavam de uma boa briga de vez em quando. Tinham até ressuscitado a Irmandade da Coroa, 200 anos depois que ela fora criada originalmente, para combater os inimigos do país e do trono. A mãe deles não sabia; ninguém sabia, além deles.

Benedek contra-atacou um rebelde e pulou de lado para recarregar a arma. Uma sirene soou em algum lugar do andar superior, dentro do palácio.

— O que é isso? — ele gritou para um dos guardas que usava um fone de ouvido e que devia estar em contato com o comando central.

— Alarme de incêndio — disse Istvan. Ele estava no alto da escada e conseguira distinguir melhor o barulho. *Não podia* haver um incêndio no palácio. Benedek se enfureceu.

— Onde é o incêndio? — ele perguntou ao guarda.

O homem se comunicou através do rádio, antes de responder.

— Ala leste, terceiro andar, Alteza.

Rayne. O dano ao teatro e ao palácio haviam-no enfurecido, mas ele poderia aceitar. O receio que o invadia agora quase o derrubava. Benedek se virou para abrir caminho em meio aos homens que lutavam, mas um rebelde escolheu aquele momento para saltar sobre ele, que ainda não recarregara sua arma, distraído pelo alarme. Era hora de usar a espada. Ele tirou a longa espada da bainha e viu o medo brilhar nos olhos de seu oponente. O miserável ainda não vira nada. Benedek liquidou o atacante e recarregou a arma, mas antes que ele fosse à procura de Rayne apareceu um enorme grupo de rebeldes, vindo do nada, atacando-os pela retaguarda. Estavam cercados.

Rayne chutou e gritou, mas Vilmos era mais forte e estava armado, o que acabava com qualquer discussão. A única esperança que lhe restava é que Vilmos perguntara por Benedek, o que significava que os rebeldes ainda não o haviam encontrado. A importância que isso tinha para ela a surpreendeu. Parecia impossível que ela, cercada por barreiras impenetráveis, se importasse tanto com um homem em tão curto espaço de tempo. A preocupação que tinha com ele ultrapassava a que sentia pelo restante dos moradores do palácio. Era algo mais profundo, que provocava uma dor em seu peito. Pensar que algo poderia acontecer a ele a amedrontava mais que o fogo. Rayne não queria pensar no que aquilo significava. Seria inadmissível baixar a guarda e se apaixonar por um homem que acabara de descartá-la, depois de um encontro extremamente apaixonado. Ela precisava admitir *que fora incrível*, mas não tão incrível a ponto de compensar o sofrimento que começava a sentir.

Uma porta abriu à sua frente. Ela teve um laivo de esperança que logo se apagou. Alguns rebeldes subiam pela escada de serviço. Eram dez. Enquanto eles começavam a invadir o andar de cima, Vilmos a fez descer pela mesma escada, e depois por mais uma, e mais outra, passando por várias saídas. Rayne tinha um mau pressentimento.

— Eu nem sou valtriana. Não tenho nada com isso. Você podia me soltar.

Vilmos deu uma gargalhada maldosa.

— Posso ter o dobro da sua idade, mas ainda não estou cego. O jovem príncipe daria tudo por você. Se for necessário, você será uma ótima ficha de troca.

— O príncipe tem uma noiva — ela disse em tom mordaz. Que fosse ela a lhe comunicar a *boa* notícia só aumentava sua amargura. — Talvez você devesse procurar por ela.

A informação deixou o homem desconcertado, mas apenas por um segundo.

— Eu tenho aquela que ele deseja — ele disse confiante. O príncipe Benedek só a queria para uma rápida aventura, mas era algo humilhante demais para ela confessar a um rebelde sem consciência.

— Você ficará decepcionado. — Foi tudo o que Rayne disse. Ela se decepcionara, com certeza.

— Insegura quanto ao namorado, não é querida? — Vilmos disse em tom de zombaria.

Rayne desejou que estivessem parados para que ela pudesse lhe dar um chute na canela, mas ele a puxava apressadamente pela escada abaixo. Ela não queria acrescentar um tombo à lista de humilhações que já sofrera. Já estava cheia de problemas, só lhe faltava quebrar uma perna. Aquilo lhe deu uma idéia, e Rayne

imediatamente colocou o pé na frente de Vilmos. Ele caiu, mas, infelizmente, arrastou-a com ele. Os dois rolaram a escada que, de repente, parecia ser interminável.

— Ah, meu Deus! — ela gemeu de dor. Suas costelas pareciam estar sendo moídas. Quando ela pensou que não poderia ser pior, os dois bateram na parede ao pé da escada. Vilmos caiu sobre ela. Por um instante nenhum dos dois se mexeu, mas depois Vilmos se afastou, apoiando-se em uma das mãos, e esbofeteou-a com a outra sem-cerimônia.

— Levante — ele gritou.

Rayne levantou, com o rosto ardendo e todos os músculos doloridos. Havia rolado toda a escada e estavam no porão. Ela não conseguira impedir que ele a levasse onde queria, apenas apressara a chegada. Azar. Esperava que homens mais treinados que ela estivessem lutando para defender o palácio.

Vilmos a arrastou para uma pequena sala. A sala da caldeira, Rayne percebeu depois de um minuto. Ele a levou para o fundo, até um velho depósito sujo. Puxou uma chave do bolso e abriu o cadeado da porta, jogando-a lá dentro e trancando-a.

Rayne ficou sozinha no escuro, trancada num closet, com as costas apertadas contra algumas prateleiras. Ela ficou nauseada com o cheiro de produtos químicos. Tentou se virar para respirar o ar que entrava por uma fresta da porta, mas esbarrou nas prateleiras, e elas pareceram recuar. Estranho...

Ela as empurrou um pouco mais, e elas cederam mais um pouco. Agora ela tinha espaço para se virar e empurrar as prateleiras com as duas mãos. Elas continuaram a ceder continuamente. Rayne parou e bateu no escuro, mas recolheu a mão ao tocar numa teia de aranha. Ela nada ouvia, a não ser por alguns guinchos distantes, que ela torceu para não serem de ratos. Agora sabia que não estava dentro de um armário de limpeza. Estava dentro das catacumbas, e dessa vez sem Benedek. Se algo acontecesse com Vilmos durante a luta, ninguém saberia que ela estava ali. Se Vilmos voltasse para buscá-la, seria para usá-la contra Benedek. Ela pensou um pouco: estava furiosa com ele, mas não o bastante para querer vê-lo ferido. Sua raiva diminuía, agora que ela não sabia se sairia viva daquele lugar nem o que aconteceria com o príncipe. Esperava-se que ele fizesse uma aliança entre reinos. Era o que se esperava de todo príncipe. Ele não estava noivo, de fato. Não ainda. Ele afirmara não conhecer a moça. Simplesmente concordara em cumprir seu dever. Ela sempre soubera que não poderia existir algo definitivo entre os dois. Ela era tão culpada quanto ele.

Rayne se sentira atraída por Benedek desde o início, e ficara ressentida com ele por causa daquela atração indesejável. Em seguida, haviam sido forçados a ficar juntos, e a atração se transformara em puro desejo. Depois, ela o conhecera melhor e... Ela não podia pensar no modo como ele a tocava, na sua paixão avassaladora, em seu sutil senso de humor, sua coragem, em como Benedek se arriscara para protegê-la dos rebeldes. Se ela pensasse em tudo isso, entraria de cabeça naquele amor que só lhe traria problemas, e ela não precisava de mais problemas: já tinha o suficiente no lugar onde estava. A escuridão que a cercava era quase uma presença concreta, como um monstro prestes a devorá-la. Claro que Vilmos imaginara que ela ficaria apavorada demais para se arriscar a ir em frente no escuro, tentando escapar dele. Ficar quieta seria mais seguro, mas, e se existisse uma saída por ali? Se ela pudesse encontrá-la, talvez saísse numa ala do palácio que ainda não fora invadida pelos rebeldes.

O túnel era totalmente escuro e bolorento. Rayne espirrou e ouviu alguns guinchos mais acima. Santo Deus, iria realmente naquela direção? Mas ela não tinha outra escolha. Quando estava com Benedek no túnel, não haviam encontrado ratos, mas fazia sentido que alguns estivessem nas vizinhanças do palácio, onde encontrariam comida. Rayne

caminhava com as mãos estendidas para não bater contra alguma parede. Algo passou correndo sobre o seu pé.

— Xô! — ela sabia que tinha sido um rato e quase voltou para esperar por Vilmos obedientemente. Então, ela se lembrou de Craig. O miserável já matara seu agente, não iria pegá-la para vítima, nem como peão em seu jogo. Rayne juntou suas forças e deu mais um passo no escuro. Não queria fracassar por temer um rato. Tinha um medo insuportável de que eles subissem por seu corpo. Talvez o barulho os assustasse... Ela começou a cantar como fazia na infância, tentando ignorar a escuridão. Aquilo lhe trouxe lembranças sombrias. Jamais pensara que reviveria a experiência de ficar sozinha e apavorada no escuro. Porém, ela não era mais uma criança com opções limitadas. Era uma mulher madura e forte, tinha não apenas suas defesas para protegê-la, mas também se fortalecera internamente. Fora o que Benedek lhe dissera. Não era surpresa que o amasse. Não poderia ficar junto dele, mas viveria sua própria vida sem os temores que a paralisavam. Ela já dominara o medo de voar, ao vir para Valtria. Talvez o próximo passo fosse perder o medo de deixar que as pessoas se aproximassem dela, mesmo sabendo que seria magoada uma vez ou outra. Fora o que Benedek lhe ensinara. O que aconteceria entre os dois ainda doía, mas ela não lamentava o tempo que passara em seus braços. Talvez fosse louca e autodestrutiva, mas não lamentava.

Rayne cantou mais alto. De alguma maneira, a ária da *Aída* a acalmava, mas, por mais alto que cantasse, em vez da melodia ela preferiria estar com Benedek.

Capítulo Onze

Uma hora se passou antes que Benedek pudesse se livrar da confusão da batalha no porão e ir à procura de Rayne. Nessa altura, o alarme já havia parado. Ele correu pelo corredor, ignorando os escombros, e quase esbarrou num rebelde. Como estava sem balas, usou a espada para se livrar do oponente. Ele ouviu uma porta se abrir às suas costas. Virou-se, com a espada em punho.

— Alteza! — O primeiro-ministro Egon estava pálido, trêmulo e se encolheu.

— Você Viu a srta. Williams? — foi a primeira pergunta de Benedek.

— Acabo de subir à sua procura, Alteza. — Benedek correu para ele.

— Como está-a rainha?

— A salvo.

— Mantenha-a assim.

Quanto mais ele se aproximava do quarto de Rayne, mais queimados estavam os tapetes e a parede. A porta do quarto estava aberta e ele entrou. A sacada estava aberta. Ele deu uma espiada. Nada. Nada no banheiro também.

— Alteza...

— Vá ao comando central e ordene que a Guarda Real procure Rayne Williams.

— Alteza... — O homem hesitou, mas barrou-lhe o caminho.

— Não fica bem associar seu nome com o da srta. Williams. Sua noiva...

— Eu não tenho noiva. — Benedek caminhou para fora do quarto. Precisava descobrir para onde Rayne tinha ido.

— O senhor concordou com um casamento de aliança política. — O primeiro-ministro correu atrás dele.

— Acabo de mudar de idéia. — O primeiro-ministro ficou boquiaberto.

A porta que dava para a escada de serviço estava aberta. Talvez Rayne tivesse descido por ali.

— Alteza, desculpe que eu o diga, mas o senhor sempre foi mais sensato que seu irmão gêmeo...

— Transmita à Guarda Real a ordem a respeito da srta. Williams, ou você vai descobrir o quanto posso ser insensato — Benedek ordenou, e desceu as escadas correndo. O problema é que não sabia onde Rayne havia abandonado as escadas. Ele entrou no segundo andar: sala de reuniões, sala de imprensa, uma sala de projeção que ocupava a maior parte da ala. Nada parecia ter sido tocado. — Rayne! — Não houve resposta. — Rayne! É Benedek. — Ele atravessou o corredor e abriu as portas ao acaso. Ninguém. Ele voltou para a escada e desceu até o primeiro andar, onde encontrou homens em combate, mas não se juntou a eles.

— Você viu a srta. Williams? — ele perguntou a um soldado da Guarda Real que se protegera para recarregar a arma.

— Não, Alteza. — Um rebelde os atacou. Benedek o atingiu com a espada antes que o surpreso guarda tivesse a chance de atirar. — Obrigado, Alteza. — O guarda empunhou a arma e se colocou na frente do príncipe.

Benedek voltou à escada e desceu, pulando de dois em dois degraus, até chegar ao porão. A sala da caldeira ficava do lado oposto ao da adega do palácio. Não havia ninguém lá embaixo.

— Rayne! — ele gritou, sem receber resposta. Se fosse do tipo que socava as paredes, estaria na hora de fazê-lo, mas ele não costumava descontar sua frustração em objetos de valor histórico e arquitetônico. Benedek subiu até o primeiro andar e se livrou de um rebelde atrás do outro, até que encontrou um que tinha um rádio. Ele pegou o homem pelo pescoço. — Faça contato!

— Com quem? — O homem perguntou, engasgado.

— Com quem estiver no comando. — O contato foi feito em um segundo. — Aqui é o príncipe Benedek. Quero que me entreguem Rayne Williams — ele disse.

— Encontre-me na sala do trono — disse uma voz através do ruído de estática.

Benedek jogou o receptor longe, ao mesmo tempo em que o rebelde tentava pegar o revólver. O homem calculara mal e ficou surpreso quando, ao puxar o gatilho, nada aconteceu. Benedek o atingiu com a espada e correu para a sala do trono, sabendo perfeitamente que se tratava de uma cilada. No meio do caminho ele encontrou vários grupos que lutavam: os rebeldes estavam vencendo. Deveria haver uma razão para o Exército não ter chegado. O primeiro-ministro deveria estar enganado, e a rainha não estava em segurança. Talvez os rebeldes a tivessem feito refém e mantivessem o Exército à distância, usando-a como proteção. Miklos fizera uma limpeza no Exército, livrando-o de traidores. Benedek não conseguia imaginar que alguém pudesse insuflar os oficiais contra a monarquia. Ele andou mais devagar ao se aproximar da sala do trono e

inspecionou o corredor. Ninguém ali. A porta estava fechada. Ele a abriu lentamente. A sala estava vazia. Ele não costumava falar palavrões, mas murmurou um, andando ao longo da sala. Talvez tivessem deixado algo para ele, uma pista. De fato: alguém recortara o veludo vermelho do trono e escrevera: Sala de Jantar dos Caçadores.

Benedek correu para a porta, atravessou o corredor e desceu a escada. A sala de jantar dos caçadores era o lugar favorito de seu pai, que fora um grande caçador. Era a sala mais masculina do castelo, e, em geral, o único refúgio dos príncipes. As damas da corte odiavam os jantares dados ali e costumavam não frequentá-los, arranjando uma desculpa. As paredes e o teto eram cobertos de madeira escura e o candelabro era um enorme chifre de alce. A decoração era impressionantemente macabra. Havia vários animais empalhados: ursos ferozes com as presas à mostra, leões da montanha, alces e outros tantos troféus silenciosos. Vilmos saiu de trás de um lindo armário feito de madeira entalhada, um mostruário de armas, e apontou o revólver para Benedek.

O homem morrera dentro do túnel...

— Pensei que você estava morto. Como chegou aqui? — Benedek mantinha a espada pronta, embora soubesse que ela de pouco adiantaria contra uma bala.

— Acho que você não observou o que era importante. Todos cometem erros. Não seja exigente consigo mesmo, Alteza. — Vilmos sorriu, com um brilho de loucura nos olhos.

Benedek não tinha tempo para aquilo, precisava encontrar Rayne.

— Eles estão usando você. Seja o que for que lhe prometeram para me matar e aos meus irmãos no teatro, você não receberia. Eles teriam explodido o teatro de qualquer maneira, e você estaria morto — ele blefou.

Vilmos apenas riu.

— O plano era esse. Desde o início, era uma missão suicida. Eu me ofereci. — O ódio fervia em seus olhos. — Eu precisava ter certeza de que Suas Altezas estariam na sala de segurança quando a grande bomba explodisse bem em cima de todos.

Matar por uma causa era uma coisa, mas se sujeitar a morrer por ela requeria um outro nível de convicção.

— Por quê? — Benedek perguntou. — O que minha família lhe fez? — Ele não acreditava mais no que Miklos lhe dissera sobre ser uma questão de dinheiro. Aquilo era algo mais pessoal.

— Matou minha irmã.. — Benedek o encarou. Ele deveria estar louco. — Lembra-se de Anna? — perguntou Vilmos. — Você não sabia, não é? Ela era minha irmã. Nomes diferentes. Nossos pais eram diferentes. Ela era jovem, doce e inocente, antes de conhecê-lo.

Jovem e doce, mas não tão inocente. Na verdade, ela iniciara o romance. A sedução fora mútua, mas não era hora para discutir o assunto.

— Eu nunca pretendi que acabasse assim. Sinto muito sobre Anna. — Benedek sentia mais do que poderia expressar.

— Eu fui o único para quem ela contou tudo. O que eu poderia fazer? Ela desgraçou a si mesma: amante do príncipe, grávida de um filho bastardo. Ela não deveria ter pedido minha ajuda. — A expressão de Vilmos estava mais sombria que as catacumbas. Benedek tinha dezenas de perguntas, mas, antes que ele pudesse falar, Vilmos falou: — Um príncipe se foi, restam cinco. Que tal você ser o próximo?

Benedek olhou para o armário de armas atrás de Vilmos. Um rifle de caça seria de

grande ajuda, mas o armário estava trancado e ele não tinha a chave naquele momento. *Um se foi.* Aquilo deveria se referir a um de seus irmãos. O sangue de Benedek congelou ao pensar na perspectiva, e ele se esqueceu de Anna e do passado.

— Você está mentindo.

— Você não sentiu? Então, acho que toda essa história de existir uma ligação especial entre gêmeos é um mito.

— Lazlo não está morto.

— Você poderá encontrá-lo num minuto, quando estiverem juntos a caminho do inferno.

Uma labareda de fúria queimou o peito de Benedek. O homem jamais sairia vivo da sala de jantar: aquela era uma conclusão inevitável.

— Onde está Rayne?

— Exatamente onde eu quero que ela esteja, o que provou ser muito útil. Ela o trouxe até aqui, não foi?

Benedek não teve outra escolha a não ser atacar. A dez metros de distância, Vilmos estava em vantagem, mas no combate frente a frente uma espada era tão perigosa quanto um revólver. Vilmos sabia disso e atirou. Ele não acertou o alvo, mas a bala atingiu a espada logo acima do punho, e ela voou da mão de Benedek, que ainda tinha cinco metros a vencer, antes de alcançar Vilmos e desarmá-lo. A próxima bala poderia acabar com tudo, mas o revólver de Vilmos falhou. Era a oportunidade que Benedek precisava: ele agarrou o troféu mais próximo, na parede acima de sua cabeça, e atacou Vilmos com os chifres de um alce, que lhe atravessaram a carne e o prenderam contra o armário.

— Onde está Rayne?

O sangue escorria da boca de Vilmos. Ele engasgou ao falar.

— Nas catacumbas.

— Onde? Em qual entrada? — Benedek tomou cuidado para não movimentar os chifres. Não queria causar mais danos naquele momento, até obter a informação que precisava.

— Eu lhe direi quando o encontrar no inferno. — Vilmos jogou o corpo para a frente e acabou o trabalho, enfiando-se totalmente nos chifres.

— Onde? — Benedek soltou um palavrão, sacudiu o outro e puxou os chifres, mas nada adiantou. Vilmos estava morto, e Rayne, que tinha mais medo do escuro que de outra coisa qualquer, perdida em algum lugar debaixo do palácio, num labirinto de túneis escuros.

Quando Rayne percebeu que não havia saídas por perto, e que sua melhor chance de ser resgatada era voltar para a porta que dava para a sala da caldeira, ela já fizera muitas curvas e não conseguia achar o caminho de volta. Ali embaixo havia ratos e salas de sepulturas secretas, ou seja, havia gente morta. *Quilômetros e quilômetros de túneis*, alguns desconhecidos, Benedek lhe dissera. Ela queria esquecer.

Benedek! Ela fora uma tola ao sair correndo. Agora teria tempo de sobra para compreender as explicações que ele lhe dera. Claro que casamentos reais são uma questão de Estado. Ela sabia. Jamais pretendia se casar com ele, pelo amor de Deus! Para ser honesta, não planejava se recusar a ouvi-lo. Ficava ressentida por ter voado até

Valtria a pedido dele e por achar que ele esperava que ela caísse automaticamente em sua cama. Porém, Benedek revelara ser o oposto de suas expectativas. Era inteligente, corajoso e gentil, e ela acabara indo para a cama com ele, o que a deixara completamente confusa. Ela *nunca* fizera aquilo antes: sempre se mantivera longe de romances com algum patrocinador da ópera, por mais encantador e rico que ele fosse. Benedek era diferente! Era óbvio que ele não estava à procura de seu dinheiro e de sua fama. Ele tinha os dois de sobra. Ele a queria, e pela primeira vez na vida, saber que um homem a desejava, enchia-a de excitação e de desejo, ao contrário de preocupá-la. Diante daquela ironia, ela sentiu vontade de bater a cabeça contra a parede. Ela se aborrecera com ele durante anos, à distância, e em apenas dois dias se apaixonara pelo príncipe. Ela era uma piada, mas como tudo o que seria encontrado daqui a uma centena de anos seriam seus ossos, ninguém riria.

Rayne andou resolutamente na direção que ela achava estar o palácio, sabendo que poderia estar indo na direção oposta. De vez em quando ela parava e gritava apenas uma palavra:

— Benedek!

Ele mandara cada homem de que poderia dispor durante o combate no palácio para as catacumbas e percorria os túneis munido de uma poderosa lanterna industrial, mas as horas passaram e eles nada encontraram.

— Benedek!

Ele se voltou ao ouvir a voz do irmão.

— Arpad, o que faz aqui?

— O palácio foi reconquistado. Está sob a proteção do Exército. A Guarda Real me informou que você estava aqui.

— Rayne Williams está perdida nos túneis. Os incêndios?

— Todos debelados. Nada grave.

— Danos estruturais? — Benedek perguntou, embora soubesse que seria necessário algo muito forte para abalar a sólida estrutura de pedra do palácio de três andares. Ficou aliviado ao ver Arpad balançar a cabeça.

— O alerta de Rayne Williams fez a diferença. Os rebeldes perderam o elemento surpresa. Não conseguiram tomar posição antes de ser confrontados. — A voz de Miklos veio de algum lugar atrás de Arpad. Ele apareceu e entrou no círculo de luz da lanterna, fitou Benedek por um segundo e deu um sorriso de compreensão. — Nós o ajudaremos a encontrá-la.

— Caçando bandidos e mulheres bonitas, esta não é a razão da existência da irmandade? — disse uma voz que Benedek duvidara ouvir novamente. Seu irmão, Lazlo, saiu da escuridão. Tinha uma enorme mancha de sangue no ombro, coberta por um curativo improvisado. Levava a espada na bainha, um revólver em cada mão e dois cinturões de munição cruzados no peito. Parecia um bandoleiro. — O miserável me atingiu uma vez. Ninguém me atingirá novamente.

— O que houve no palácio?

— Um sujeito chamado Vilmos era o líder do ataque. Era capitão das forças rebeldes, subordinado ao Movimento de Libertação — disse Janos. — Conseguimos essa informação com um rebelde que prendemos e a quem interrogamos polidamente.

Lazlo fungou.

— Tentamos achar o homem, mas alguém o pegou antes de nós. Parece que ele teve um acidente selvagem.

— Fui eu — admitiu Benedek. Istvan deu um soco em seu ombro.

— Estou orgulhoso de você, irmãozinho.

— Qual é o plano? — Como sempre, Arpad era o mais centrado dos irmãos.

— Achar Rayne o mais depressa possível.

— O primeiro que a encontrar janta com ela? — propôs Lazlo. Era difícil dizer se ele apenas provocava o irmão gêmeo ou se falava sério. Lazlo era um conquistador incorrigível. Os tablóides o adoravam: ganhavam muito dinheiro publicando suas aventuras. Lazlo não conhecia o significado da discrição. — Estou pensando num passeio de carruagem através do jardim.

— Sobre o meu cadáver — disse Benedek.

— Onde devemos procurar exatamente? — Janos perguntou, claramente impaciente com a questão entre os irmãos. Benedek bem que gostaria de saber.

— Em todos os lugares. — Quando chegaram a um ponto em que o túnel se dividia em várias direções, cada príncipe, acompanhado por uma escolta de guardas, escolheu uma e se lançou na busca da donzela em perigo. Benedek se sentiu revigorado por saber que Lazlo estava vivo e que todos os irmãos o ajudavam. Ele iluminava o chão com a lanterna, à procura de pegadas recentes. Ao chegar num ponto em que três túneis se cruzavam, ele precisou decidir que direção tomaria. Como estava acompanhado por dois guardas, cada homem entrou num braço do túnel. Após percorrer quase um quilômetro e meio, ele não viu sinal de Rayne, mas encontrou inscrições esculpidas no chão, gravadas no código secreto da Irmandade da Coroa. O príncipe Istvan, o antropólogo da família, teria muito trabalho a fazer. Benedek estava tão ocupado à procura de pistas que quase não ouviu uma voz fraca, à distância.

— Benedek.

O coração dele deu um pulo e seu peito se expandiu pela primeira vez desde que Rayne o deixara.

— Rayne! — ele a chamava enquanto corria. Encontrou-a, e no mesmo segundo ela estava em seus braços.

— Ah, Deus! Pensei que iria morrer aqui e que os ratos iriam roer até meus ossos. — Ela se conteve e escondeu o rosto no ombro de Benedek. — Desculpe.

Ele estava aliviado e emocionado.

— Você é uma artista. Tem direito de ser meio dramática.

— E eu fui — ela disse, envergonhada. — Desculpe pela escova hoje cedo.

— Não se preocupe. A impulsividade é uma das coisas que gosto em você.

— Uma? Existem outras? — ela levantou a cabeça. Ele deu um sorriso de alívio.

— Uma ou duas.

— Como o que? — ela perguntou, e procurou se afastar logo em seguida. — Não importa.

Benedek não poderia deixá-la se soltar.

— Como isto — ele disse, beijando-a. Precisava dela, aquela era a pura verdade.

— Você ficou apavorada? Eu vim o mais rápido que podia. — Maldição, *ele* ficara apavorado, quase enlouquecera por causa de Rayne: odiava imaginá-la sozinha nas catacumbas.

— Só um pouco perdida.

— Mas agora eu a encontrei. — Ele roçou os lábios nos dela, tocando-os, apertando-os. Necessitava manter contato com ela por tanto tempo quanto possível.

— Não estou mais com medo.

Os lábios de Rayne eram mais doces que o mais saboroso bolo de mel de Valtria e se encaixavam perfeitamente nos dele. Sentira-se aliviado, mas agora o desejo o dominava. Benedek a encostou na parede e a beijou, explorando sua boca com a língua, numa dança muito íntima, enquanto *lhe* levantava a blusa e explorava sua pele macia. Não era suficiente. Ele soltou a lanterna no chão, para poder usar as duas mãos. Rayne estava leve e solta em seus braços: sua fantasia se realizava.

— Preciso de você — ele confessou. — Eu deveria ter forças para resistir, mas não tenho, e não me importo. Eu não queria...

— Eu compreendo o protocolo — ela interrompeu, abraçando-o.

— Então, você não está mais zangada comigo?

— Depois que você se casar, não serei sua amante. Nem enquanto for noivo.

— Eu não a faria...

— Gosto de você demais, para cometer essa loucura. Também preciso de você. Seja qual for nosso futuro, desejo você agora, neste momento, e estou disposta a correr o risco. Estou pronta a derrubar minhas defesas, mesmo que me machuque — ela disse humildemente.

O desejo de Benedek o dominou. Ele a levantou do chão, e Rayne envolveu-*lhe* a cintura com as pernas. Ele abriu o zíper da calça de maneira desajeitada. Rayne se enrijeceu.

— Desculpe, estou sendo muito rápido. — Ele se afastou um pouco, mesmo desesperado como estava.

— Claro que eu quero você, mas não aqui — ela disse, perturbada. — Quase esqueci onde estávamos. Acho que estamos numa daquelas câmaras de sepulturas. Tenho uma regra contra fazer amor em cemitérios.

Ela estava errada daquela vez. Benedek riu.

— Olhe. — Ele se inclinou e apanhou a lanterna, iluminando as paredes. Rayne arregalou os olhos.

— Que lugar é este?

— Lembra-se da Irmandade da Coroa sobre a qual eu *lhe* contei, com seus príncipes corajosos que viveram há mais de 200 anos? — Rayne murmurou que sim. — Aparentemente, eles eram muito estimados pelas damas. Eles juntaram uma fortuna considerável através de doações femininas. Quando morreram, o tesouro foi perdido.

— Está aqui?

Benedek levantou a lanterna e iluminou uma fileira de rubis encravados no teto. Eles formavam uma estranha figura com um diamante que cintilava intensamente no meio.

— Em algum lugar por aqui.

— Como é que você sabe tudo isso? — Rayne olhou para ele, admirada.

— Descobri algumas inscrições esculpidas no piso de pedra a caminho daqui. — Os lábios voluptuosos de Rayne estavam muito perto dos seus, tentadores. — Então, seria certo fazer amor numa câmara do tesouro? — Ele deixou cair a lanterna. Rayne eliminou a distância entre os lábios dos dois.

— Não tenho nenhuma regra contra isso.

Benedek a beijou, parando apenas para tirar-lhe a blusa. Em seguida, ele abaixou as alças de seu sutiã com os dentes.

— Não pretendo casar com ninguém, nunca. Passar os dois últimos dias com você me fez perceber que isso seria loucura.

— Eu o salvei de você mesmo? — Rayne o beijou atrás da orelha, causando-lhe um arrepio.

— Salvou.

— Ah, Deus! Então estamos empatados.

— Isso não é um concurso.

— Então, o que é? — ela perguntou. Benedek inclinou a cabeça e acariciou-lhe o mamilo com os lábios. Ela gemeu.

— Uma lenta sedução real.

— Gosto disso.

Ele também gostava, e voltou sua atenção para o outro mamilo de Rayne, só se interrompendo para tirar a roupa rapidamente e entrar no corpo dela, que estava pronto para recebê-lo. Ela o apertou entre as pernas, sentindo um extremo prazer. Benedek começou a se movimentar.

— Devemos estar quebrando uma centena de protocolos — ela disse entre dois gemidos.

— Nunca tive tanto prazer em quebrar algum deles. Espero que continuemos sempre a quebrar os protocolos. — Ele se movimentou dentro do corpo doce e macio de Rayne. Finalmente, ela se entregara, e ele não deixaria que ela se fosse jamais. Algumas horas antes, teria ficado surpreso com aquela decisão, mas agora parecia-lhe natural, a coisa certa a fazer, a única solução razoável. Benedek não sabia como contar a Rayne o que acabara de decidir, nem sabia como ela iria reagir, mas o prazer o levou a esquecer suas preocupações. Sua excitação cresceu a ponto de se tornar quase insuportável, e Rayne gritou seu nome num tom suficiente para derrubar aquela parte instável do túnel. Felizmente, o teto estava firme, ao contrário do seu coração. Quando ele, afinal, despejou sua semente dentro dela, a energia que lhe restou permitiu apenas que ele controlasse a forma como os dois deslizaram até o chão. Rayne encostou o rosto no dele.

— Estou feliz por você ter me encontrado.

Benedek não estava certo de que sobreviveria se não a achasse. Porém, antes que ele pudesse responder, ouviram vozes à distância.

— Rayne?

— Benedek?

— Há outras pessoas aqui embaixo? — Rayne se afastou num pulo e agarrou suas roupas.

— São meus irmãos irritantes.

— O que é isso? — ela apontou para o chão, e Benedek percebeu que algo caíra de seu bolso. — É minha roupa de baixo? — Ele agarrou o pequeno pedaço de pano. — Pode me devolver, por favor? — ela pediu.

— Não. — Ele enfiou a calcinha no bolso.

— Você...

— Benedek, é você que está aí? — gritou Arpad. Rayne resmungou:

— Eles são sempre tão intrometidos?

— Eles acham que estão nos salvando.

— É tarde demais.

Benedek observou enquanto ela se vestia. As roupas delineavam curvas que ele jamais esqueceria. Seu coração se encheu de emoção. Rayne tinha razão: seus irmãos haviam chegado tarde demais. Os dois haviam salvo um ao outro, em vários sentidos que ele sequer imaginara.

EPÍLOGO

— Uma estreia fantástica — observou Judi, esposa de Miklos, durante a recepção no salão de baile do palácio, embalando um adorável bebê no colo. — Não acredito que ela tenha permanecido aqui esse tempo todo só para cantar.

Um mês inteiro, pensou Benedek ao pegar o carrinho que o sobrinho deixara cair e devolvê-lo à criança. O menino era parecido com Miklos. Benedek tentou imaginar um menininho que fosse parecido com ele, mas diante de seus olhos surgiu uma menininha de cabelos negros e olhos cinzentos.

— Imagino quantas apresentações ela precisou cancelar. — Judi deu um beijo na cabeça encaracolada do filho. Talvez ele fosse um miserável egoísta, mas não se importava, pensou Benedek. Ele valorizava o incrível curto período que levava para restaurar o teatro em toda a sua glória, durante o qual ele e Rayne tinham se amado em segredo.

— Você acha que agora ela vai voltar para os Estados Unidos? — Judi olhou para ele com aquele olhar penetrante que tudo via.

— A noite de estreia acabou. Ela não tem motivo para ficar. — Benedek se sentia morrer só de pensar naquilo. Estivera de mau humor durante os últimos dias. Judi inclinou a cabeça de lado.

— Então, dê-lhe um.

Benedek já tinha pensado no assunto.

— Um contrato permanente na ópera de Valtria? — ele perguntou.

Judi revirou os olhos, resmungou um comentário a respeito dos homens, levantou uma sobrancelha perfeita e dirigiu-lhe um olhar penetrante. O quê? Ela não poderia saber:

ninguém sabia. Ele e Rayne tinham sido muito discretos, mas talvez ele pudesse contar à cunhada. Judi, provavelmente, não cairia sobre ele, como fariam seus irmãos.

— A verdade é que... — Benedek escolheu as palavras com cuidado. — Eu sempre admirei Rayne. Ela é uma cantora excepcional. — Judi pigarreou. Certo, tudo bem. — Acho que quando eu era mais moço tive uma certa atração por ela.

Judi levantou a outra sobrancelha.

— E passou? — A cunhada realmente resolvera provocá-lo. Benedek não gostou, mas ela tinha qualidades que o faziam gostar muito dela e que mantinham Miklos totalmente apaixonado pela mulher. — Então, passou? — insistiu Judi.

— Não exatamente.

— Você a ama. Benedek não pôde negar.

— Não conte a ninguém. — Ele precisava primeiro resolver o que faria.

— Você é igualzinho ao seu irmão — Judi balançou a cabeça. — Com exceção do que se refere à linhagem e aos títulos, os homens são completamente ignorantes, você sabia?

— Ignorantes a respeito de quê? — ele perguntou, antes de perceber que a pergunta provava o que ela acabara de dizer,

— Quase todo mundo já sabe — ela disse, pronunciando cada sílaba bem devagar.

Benedek ficou assustado.

— Não.

— Ah, sim. Por que você acha que a rainha passou a tarde inteira conversando com ela? A propósito, tenho certeza de que a rainha também gosta dela.

— Do que você...

Judi colocou a mão no ombro de Benedek e fez com que ele desse meia-volta. Lá estava Rayne, rindo junto com a mãe dele, que já fora chamada de Rainha de Gelo. A relação entre as duas nada tinha de frio. Aquilo foi um alívio para ele, mas, mesmo que não acontecesse, ele sentiu, de repente, que não faria diferença. Não poderia deixar que Rayne fosse embora. Durante a última década, Benedek carregara a culpa pela morte de Anna e pensara que a tragédia fora causada porque ele quebrara o protocolo, mas na verdade o erro fora ele não seguir seu impulso. Naquele momento ele se deu conta, como se fosse atingido por um raio, que Anna era o passado, e que ele precisava esquecê-lo. Rayne derrubara suas defesas, ele precisaria se expor também. Ele a amava, ela era seu coração e seu futuro, e ele deveria ter coragem de lutar por ela. Enfrentaria a imprensa, sua mãe, o primeiro-ministro e qualquer outra pessoa que criasse obstáculos. A forma de compensar a morte de Anna não era se casar com alguma debutante de Valtria sem amá-la e tornar sua vida um inferno. Só lhe restava uma coisa afazer.

— Você me dá licença? Preciso tomar algumas providências.

— Aleluia! Graças a Deus ele viu a luz afinal. — Judi parecia muito contente. — Seja simples. Ela está tão apaixonada por você que mal consegue respirar. E não seja vulgar: não diga que ela é a música da sua vida, ou algo semelhante.

Benedek olhou para ela. A gargalhada de Judi o seguiu quando ele se afastou.

Rayne estava se divertindo na companhia da rainha, uma mulher inteligente e viva como poucas que ela conhecera. Comentavam como todos estavam gratos pelo palácio

não ter sofrido maiores danos. Graças a Benedek, o palácio fora totalmente restaurado e recuperara seu antigo esplendor.

— Mãe.

O coração de Rayne acelerou ao ouvir a voz de Benedek atrás dela. Seu corpo imediatamente se aqueceu. Ela imaginou se o efeito que a presença dele lhe causava um dia diminuiria, mas o problema não duraria muito tempo: sua desculpa para ficar no país acabara. Dentro de um dia ou dois ela precisaria partir. Rayne controlou a dor que o pensamento provocava. A rainha indicou uma cadeira ao lado dela.

— Sente-se junto a nós — ela disse ao filho. O rosto dela estava pálido, sua voz soava fraca, mas ela ainda mantinha um impressionante controle. Benedek ficou de pé.

— Eu queria roubar Rayne por um momento. — Ele se virou para ela. — Quero lhe mostrar algo lá fora.

Rayne levantou e fez uma reverência para a rainha.

— Preciso pegar meu xale — ela disse a Benedek. — Acho que está ali. Vou pegá-lo e volto. — Ela cruzou a sala, na direção da cadeira em que estivera sentada anteriormente. Quando ela voltou, a rainha e Benedek conversavam animadamente. A rainha a observou de cima a baixo, com um olhar especulativo, e sorriu.

— Espero conversar um pouco mais com você mais tarde. — Alteza. — Rayne fez nova reverência e acompanhou Benedek na direção do terraço. — Ela é tão simpática. Eu fiquei amedrontada quando um cortesão me disse que ela queria falar comigo.

— Amedrontada? — Benedek sorriu. — Ela gostaria de saber disso. Ela sempre reclama que é apenas uma frágil senhora e que ninguém se preocupa mais com sua opinião.

Rayne fez uma expressão engraçada: duvidava do que acabara de ouvir, a não ser que a rainha se referisse aos filhos. Eles formavam um grupo muito animado. A rainha merecia uma medalha por mantê-los na linha durante todos aqueles anos. Benedek a observava.

— Você estava linda no palco. Eu mal podia esperar para roubá-la só para mim.

— Fiz uma boa apresentação? — Ela não o vira desde que a limusine a transportava do teatro para o palácio.

— Melhor que boa. Sua performance será lembrada durante décadas. — Ele pegou a mão dela e a conduziu através da multidão que lotava o salão de baile. As pessoas iriam notar. Rayne tentou soltar a mão, constrangida, mas ele não deixou.

— Onde estamos indo?

— Para o jardim.

Rayne olhou para fora, para a escuridão do outro lado das janelas.

— Podemos conversar aqui. — Ela se lembrou de que ele queria lhe mostrar algo. — Você pode me mostrar amanhã.

— Você não confia em mim? — Ele olhou para ela, e o calor a invadiu.

— Alguma notícia do Movimento de Libertação?

— Eles sofreram uma séria derrota. Vai ser preciso algum tempo antes que se recuperem, mas não é sobre isso que eu quero conversar com você. Venha.

Rayne desistiu de objetar e o acompanhou sem resistência. Sua recompensa foi um sorriso que faria uma mulher mais fraca desmaiar. Ela sentiu as pernas bambas.

— O que há lá fora?

— Uma surpresa.

— É melhor que seja boa. — Estavam à porta do jardim particular da rainha, o que ela vira do alto do palácio no dia do incêndio. Depois de passar o mês ali, ela conhecera todo o lugar, mas ainda não entrara naquele jardim e não tinha certeza de que seria correto. Afinal, não era à toa que ele era chamado de jardim *particular* da rainha. Dois homens uniformizados guardavam a entrada.

— Ninguém deverá entrar — Benedek disse a eles, conduzindo-a até a entrada do labirinto, cujas paredes eram formadas por arbustos muito altos. De cima, tudo parecera maravilhoso à luz do dia, mas, para dizer a verdade, na escuridão aquele não era o lugar ideal para Rayne.

— Eu o veria melhor à luz do dia. Poderíamos tomar café aqui de manhã — ela tentou argumentar falando algo sem sentido: não havia nada mais agradável que a rotina de tomar o café na cama com ele.

— Você confia em mim? — Ele continuou andando.

— Confio, mas espero não me arrepender. — Ela deu um suspiro enquanto entravam no labirinto, que estava ainda mais escuro que o jardim ao seu redor. Ele a guiou com segurança e sem hesitação, segurando-a pela mão.

— E se nos perdermos?

— Estarei com você, mas não vamos nos perder.

Rayne ainda estava preocupada. Os corredores do labirinto a lembravam dos túneis escuros das catacumbas.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

— Nunca estive mais seguro. — Eles chegaram ao centro do labirinto, como ele prometera. Um lindo caramanchão apareceu diante dela, iluminado por milhares de velas. Era como se estivessem num conto de fadas. O lugar parecia encantado, e Rayne conteve a respiração ao examinar cada detalhe.

— O que é isso?

— A rainha costumava tomar chá aqui, quando queria ficar sozinha. É algo que ela deixou de fazer há anos. De vez em quando, eu venho aqui para ler.

— E... — Rayne não sabia o que dizer.

— Você gostou? — Ele parecia ansioso, como se a resposta fosse muito importante para ele. Rayne olhou para ele como quem diz: Você está brincando? Ela se virou novamente para olhar o lugar encantado e viu, no centro do caramanchão, uma mesa sobre a qual havia uma garrafa de champanhe e duas taças. Ao longo das grades que cercavam a construção havia bancos forrados com almofadas de seda.

— Vamos celebrar algo? — Rayne se voltou para Benedek.

— Você é que vai decidir — ele disse, dobrando uma perna e ajoelhando-se diante dela, enquanto tirava uma caixa de veludo do bolso. Rayne conteve a respiração. Ele abriu a caixa. Ela perdeu o fôlego: fizera diversos exercícios de respiração durante a carreira, mas não conseguia se lembrar de nenhum.

— Lembra-se disto? — ele perguntou. Rayne balançou a cabeça, aturdida.

— O diamante central do teto da sala do tesouro que você descobriu.

— Istvan mandou remover todas as pedras, depois de examiná-las, à procura de

alguma pista. Elas não podiam ficar encravadas naquele lugar, porque seria difícil protegê-las, e ele não queria que fossem roubadas. Meus irmãos resolveram que os rubis seriam usados para fazer uma tiara para minha mãe, como presente de aniversário. Eles mandaram fazer um anel com o diamante e me deram. Pensei que tinha sido por eu ter descoberto a sala... junto com você — ele acrescentou.

Rayne estava zozna.

— E não foi por isso?

— Eles me deram o anel porque sabiam que eu estava apaixonado por você. Foi uma maneira de mostrar que me apoiavam, sem precisar dizer nada. — Ele sorriu. — Os príncipes são apenas homens, e, se possível, preferem não manifestar seus sentimentos. Eu o carregue comigo desde então. Acho que eu esperava... Ele deu um sorriso desconcertante e sexy para ela.

Rayne recuperou o fôlego, mas ainda estava sem ar e seu coração, disparado.

— Adoro seus irmãos.

— E eles adoram você. Principalmente, Istvan, por você ter encontrado a câmara do tesouro. Se ele quiser continuar vivo, é melhor que não goste *demais* de você.

— Ele é perfeitamente capaz de encontrar seu próprio par. Benedek sorriu e a tensão subiu quando ele pegou a mão dela.

— Você quer se casar comigo, Rayne?

Ele não poderia estar fazendo aquilo, ainda que ela quisesse e que o amasse com todo o coração.

— E quanto ao protocolo?

— Protocolos foram feitos para ser quebrados.

— Existe uma diferença de idade. Daqui a algum tempo você pode...

Benedek colocou o dedo sobre os lábios dela.

— Jamais amei ou amarei alguém tanto quanto amo você. Você é perfeita para mim. Ponto final.

— Os tablóides... Benedek fez uma careta.

— Não vou sequer considerar esse argumento. Estaremos tão felizes que não fará diferença.

— Você é da realeza, eu sou cantora de ópera.

— Grace Kelly era atriz.

— E a sua família?

— Acontece que eles aprovam.

— A rainha não...

— Na verdade, eu contei a ela o que pretendia fazer, enquanto você pegava o xale. Ela respondeu que sobreviveu a dois atentados em dois anos e que é forte o bastante para enfrentar um pequeno escândalo. — O caramanchão parecia rodar em volta de Rayne. — Antes de eu ser atingido pela flecha do amor, eu achava que tudo isso importava — ele explicou com sinceridade. — Não importa, graças a Deus. Recuperei a razão antes de perder você. Não posso perdê-la. Rayne?

Alguém mais magnânimo teria forças para resistir, em nome do bem da coroa ou

algo semelhante. Rayne descobriu que não tinha tamanha nobreza.

— Sim — ela disse. — Aceito!

Benedek colocou o anel no dedo dela, pegou-a pela cintura, levantou-a e girou-a no ar. Depois ele a colocou no chão e a beijou. Em seguida, ele a carregou até um dos bancos, continuando a beijá-la. Ajudou-a a tirar a roupa, sem deixar de beijá-la. Despídos, sentiram a brisa morna da noite. Rayne sentiu-se gloriosamente feliz nos braços de seu príncipe, que derrubara todas as barreiras e a salvara. Ela o beijou com paixão, e os dois fizeram amor, enquanto as estrelas cantavam acima deles, no céu que os protegia.